

O RESGATE DA VERDADE

EXPEDIENTE

Edição

Ministério Jovem
Divisão Sul-Americana

Autores

Douglas Reis
Luiz Gustavo Assis
Matheus Cardoso
Michelson Borges

Revisão

Departamento de Tradução DSA

Arte e Diagramação

DSA. Media Center

Capa

Kassandra Vargas

Impressão e Acabamento

Casa Publicadora Brasileira

Ano

2014

ÍNDICE

1. Quem se importa com a cosmovisão?.....	5
2. Existe verdade absoluta?.....	9
3. Deus, deuses ou imaginação?.....	13
4. Quem precisa de “certo ou errado”?.....	18
5. E quando o mal vem “de cima”?.....	22
6. Creio, logo penso.....	26
7. Bíblia: o livro mais perigoso de todas as épocas.....	30
8. Papel aceita tudo?.....	34
9. Janela para o futuro.....	38
10. Sintonia perfeita.....	42
11. Quem é Jesus e o que isso importa?.....	46
12. Ovos de chocolate ou uma tumba vazia?.....	50
13. Salvos de quê.....	54
14. O remédio divino para a doença humana.....	58
15. Equilíbrio perfeito.....	62
16. Uma fatia da eternidade.....	66
17. A hora de trocar de roupa.....	70
18. A vida como ela deve ser.....	74
19. A cidade maravilhosa de Deus.....	78
20. Imortalidade condicional da alma.....	82
21. Deus em toda a história.....	86
22. O QG da graça.....	90
23. Qual o veredito?.....	94
24. Deus ainda fala.....	99
25. O melhor de todos os sócios.....	104
26. Compromisso com a Verdade.....	109

O RESGATE DA VERDADE


No fim do século 18, um soldado de Napoleão descobriu um tesouro arqueológico que, de tão importante, seria tido como um dos marcos da arqueologia moderna. A Pedra de Roseta, fragmento de estela do Egito Antigo, traz o texto de um decreto promulgado em 196 a.C., na cidade de Mênfis, em nome do rei Ptolomeu V. Detalhe: o texto foi escrito em três versões, com três tipos diferentes de escrita – hieroglífica, demótica e grega. Graças a isso, o estudioso Jean-François Champollion pôde traduzir a escrita egípcia, abrindo aos olhos do mundo toda a cultura dos faraós, até então praticamente desconhecida.

A tradução da Pedra de Roseta mostra que precisamos de “balizas” para nos orientar e “ferramentas” para entender o mundo que nos rodeia. Os complicados caracteres egípcios eram misteriosos e indecifráveis até que Champollion mostrou a coerência deles. De forma semelhante, as cosmovisões são como dicionários (alguns as comparam a óculos) que usamos para decifrar/interpretar a realidade. Mas dicionários definem palavras. São o que são e pronto, concorde você ou não com as definições. Se você quiser definir uma lanterna com a palavra caneta, sintá-se à vontade. Mas isso não corresponderá à realidade convencional.

Neste estudo, propomos uma cosmovisão que, devidamente compreendida, o ajudará a fazer uma leitura interessante do mundo. Não apenas interessante: coerente, lógica e, sobretudo, carregada de esperança. Conforme escreveu o filósofo e matemático Blaise Pascal, “que os homens aprendam pelo menos qual a fé que rejeitam antes de rejeitá-la”. Talvez não seja esse o seu caso, mas fica o desafio: analise tudo o que está escrito aqui e siga as evidências até onde elas o levarem.

MICHELSON BORGES

QUEM SE IMPORTA #1 COM A COSMOVISÃO?



Fui levado às pressas para o hospital. Sentia dores na região abdominal e nem sequer disfarçava os urros. O primeiro médico que me viu não teve dúvidas e diagnosticou: pedras nos rins – que, segundo alguns, causam dores mais fortes que as do parto. Confesso que, até ali, eu nem me dera conta da relevância dos meus rins (conquanto eles funcionassem, continuariam quase completamente irrelevantes). Não conheço pessoas que se importem com suas amídalas ou seu apêndice, antes que eles inflamem e tornem necessária a intervenção cirúrgica!

Algumas coisas são como esses órgãos citados – se funcionam dentro da normalidade, passam incógnitas. Apenas em meio a uma crise despertam nosso interesse (de vez em quando, sou dolorosamente lembrado de que meus rins existem...). O mesmo raciocínio se aplica ao padrão que orienta nossas escolhas: ele está lá, mas não nos damos conta.

AS RAZÕES POR TRÁS DA RAZÃO

O sociólogo polonês Zigmunt Bauman observa que poucas pessoas seriam capazes de identificar, de forma objetiva, os princípios que seguem na vida cotidiana.[1] Apesar disso, todos nós temos respostas para as grandes perguntas que fazem parte da vida. Não se trata de respostas abstratas, mas de orientações à vivência diária, assuntos que envolvem desde escolhas aparentemente pouco importantes a questões morais significativas. Nesse sentido, Heidegger diz que todos somos filósofos – não por profissão, porém no sentido de que existimos e buscamos resposta para nossa existência.[2]

Embora haja inúmeras formas de entender assuntos como Deus, nosso propósito no mundo, o que acontece depois que morremos, etc., há poucos padrões básicos de respostas a essas indagações e outras similares. Dizemos que cada conjunto de respostas forma uma grade conceitual, chamada *cosmovisão* ou *visão de mundo* (do alemão *weltanschauung*). Já foi dito que a cosmovisão é “a suposição fundamental que forma o pensamento e o comportamento das pessoas” [3] ou a “capacidade humana de perceber a realidade sensível”[4], ou seja, de interpretar o mundo que nos cerca.

A cosmovisão influencia o comportamento, as decisões, os valores, os julgamentos e a percepção das pessoas. Portanto, estamos falando de algo que está embutido em cada ser humano, embora muitos sequer saibam definir uma cosmovisão. Entretanto, todas as pessoas possuem uma orientação mental visível em sua vida prática. Logo, elas possuem uma cosmovisão.[5]

É fundamental dialogar com pessoas portadoras de uma cosmovisão distinta em termos significativos para elas: “Cada ser humano é nutrido dentro de um contexto cultural. Indivíduos e comunidades interpretam o mundo por meio desse contexto. Eles avaliam novas ideias, crenças e valores por meio de sua própria cosmovisão prévia. Se somos incapazes de mostrar o evangelho [...] em termos que são inteligíveis para eles, estamos falhando em dar às pessoas oportunidade de ouvir, entender e aceitar a Palavra de Deus.”[6]

VISÕES EM CONFLITO

Ainda assim, o choque entre visões de mundo conflitantes é inevitável, porque em um mundo plural, como o nosso, constantemente interagimos com pessoas que possuem grades conceituais distintas, razão de haver mal-entendidos, divergências, conflitos ou desentendimentos mais sérios.

Às vezes, determinada cosmovisão ultrapassa limites de famílias, clãs e países, influenciando grande massa de pessoas. Nesse ponto, tal visão de mundo chega ao patamar de *espírito do tempo* (*zeitgeist*). Essa visão de mundo mais disseminada passa a exercer controle sobre as demais, influenciando-as e restringindo-as.[7]

Para entender bem como isso ocorre, pense na seguinte situação: o bairro X de uma grande metrópole é famoso por seu comércio. Depois de alguns anos de desenvolvimento urbano, surge um *shopping center* ali. O potencial comercial do *shopping* é capaz de sufocar as lojas menores, ao mesmo tempo em que será capaz de agregar em suas dependências lojas maiores que possuam perfil compatível com sua proposta. De forma similar, o espírito da época saberá agregar visões de mundo compatíveis com sua proposta, enquanto acabará encurralando no ostracismo aquelas cosmovisões que se lhe opõem.

Você pode notar que algumas perguntas “ficaram no ar”: Como avaliar uma cosmovisão? Até que ponto consigo identificar minha própria visão de mundo? É possível determinar qual visão de mundo é a melhor, ou tudo não passa de mera perspectiva? É sobre isso que falaremos no próximo estudo. [DR]

PERGUNTAS PARA DISCUSSÃO:

1. Faça um teste simples: escreva em um papel o que você entende sobre Deus. A seguir, faça a mesma pergunta a dois ou três amigos, escrevendo também as respostas deles. Ao fim, compare o que cada um respondeu, notando semelhanças e singularidades.
2. Pense na época em que vivemos. Como você definiria a cosmovisão dominante (espírito da época)? A partir do modo como a maioria das pessoas pensa e age, cite três ou mais características do período em que vivemos.

SAIBA MAIS:

- Douglas Reis, *Marcados Pelo Futuro: Vivendo na expectativa do retorno de nosso Senhor* (Niterói, RJ: Assim Diz o Senhor, 2011).
- Francis Schaeffer, *O Deus Que Se Revela* (São Paulo: Cultura Cristã, 2002).
- Nancy Pearcey, *Verdade Absoluta: Libertando o Cristianismo de seu cativo cultural* (Rio de Janeiro: Casa Publicadora das Assembleias de Deus, 2006).

QUEM SE IMPORTA COM A COSMOVISÃO

Notas:

1. Zygmunt Bauman, *Ética Pós-moderna* (São Paulo: Paulus, 1997), p. 41.
2. Martin Heidegger, *Introdução à Filosofia* (São Paulo: Martins Fontes, 2009), p. 3, 4. No dizer de Francis Schaeffer, “a filosofia é universal em seu escopo. Nenhum ser humano é capaz de viver sem uma visão de mundo; por isso, não há ser humano que não seja um filósofo” (Francis Schaeffer, *O Deus Que Se Revela*, p. 42). “Pessoas em toda parte assumem respostas a estas questões [metafísicas] e depois prosseguem em sua vida diária agindo com base naquelas suposições. Não há como fugir das decisões metafísicas [as quais lidam com estruturas para interpretar o mundo], a menos que alguém escolha vegetar – e até mesmo essa decisão seria metafísica sobre a natureza e função da humanidade” (George Knight, *Filosofia e Educação: Uma introdução de uma perspectiva cristã* [Engenheiro Coelho, SP: Imprensa Universitária adventista – Unaspress, 2001], p. 18).
3. Chaltal J. Klingbeil, “Iglesia y cultura ¿amigas o enemigas?”, in Gerald A. Klingbeil, Martin G. Klingbeil e Miguel Ángel Núñez, *Pensar la Iglesia Hoy: Hacia una ecclesiología adventista* (Libertador San Martín, Entre Ríos, Argentina: Editorial Universidad Adventista del Plata, 2002), p. 353.
4. Fabiano de Almeida Oliveira, “Reflexões críticas sobre Weltanschauung: uma análise do processo de formação e compartilhamento de cosmovisões numa perspectiva teo-referente”, *Fides Reformata*, v. 13, nº 1 (2008), p. 33.
5. Para uma reflexão mais detalhada sobre a cosmovisão, veja Douglas Reis, *Marcados Pelo Futuro: Vivendo na expectativa do retorno de nosso Senhor*, especialmente o capítulo “Crer primeiro, depois ver para crer mais”.
6. Barry D. Oliver, “Can or should Seventh-day Adventist belief be adapted to culture?”, in Jon L. Dybdahl (ed.), *Adventist Mission in the 21st Century: The joys and challenges of presenting Jesus to a diverse world* (Hagerstown, MD: Review and Herald Publishing Association, 1998), p. 75.
7. Fabiano de Almeida Oliveira, *ibid.*, p. 45.

EXISTE #2 VERDADE ABSOLUTA?



A popular série Dexter tem como personagem principal um especialista em análise de sangue que atua junto ao Departamento de Polícia de Miami. Dexter Morgan leva uma vida pacata ao lado da namorada divorciada e trabalhando no mesmo departamento que a irmã adotiva, uma investigadora. Ao mesmo tempo, Dexter é um serial killer que executa outros assassinos que não puderam ser condenados pela lei. A todo instante, o personagem tem que dissimular a fim de garantir sua sobrevivência. Como psicopata, Dexter não sente emoções, perdas ou remorsos, mas tem que manter as aparências e cumprir diversos papéis sociais, fazendo-se passar por um sujeito comum – o que, em verdade, não deixa de ser um anseio dele.

Talvez o sucesso da série esteja justamente em sugerir que, de certa forma, todos nos vemos confusos, em busca de nosso próprio eu, inseguros diante de papéis contraditórios. Nossa época é marcada pela incerteza. Ela é chamada de pós-modernidade, caracterizando-se por uma negação do racionalismo autoconfiante do período anterior, a modernidade. Como chegamos a esta fase do pensamento humano?

Certamente, Friedrich Nietzsche deu fundamental contribuição para que isso ocorresse. Sem dúvida, ao “anunciar a morte de Deus, Nietzsche nomeia a ruptura que a modernidade introduziu na história da cultura com o desaparecimento dos valores absolutos, das essências e do fundamento divino”, conclui a escritora Anelise Pacheco.[1] Com sua negação de valores absolutos,[2] Nietzsche abre as portas para pensadores autenticamente pós-modernos, como Michel Foucault e Jacques Derrida. Se Nietzsche atirou a primeira pedra contra o edifício, eles terminaram de demoli-lo. Entretanto, esses pensadores não puderam mascarar algumas incoerências que carregavam.

NÃO DÁ PARA VIVER ASSIM

Michel Foucault dizia que a verdade era apenas uma ficção defendida por aqueles que mantinham o poder. Para ele, não havia algo como certo ou errado – a própria moral era obra dos poderosos. Entretanto, ele mesmo chegou a participar de lutas sociais.[3] Ademais, quando convocado por uma comissão para estudar o sistema penitenciário francês, Foucault se viu num terrível dilema: Como punir os estupradores? O filósofo sustentava total liberdade quanto à sexualidade. Mas, se manifestações sexuais não podem ser legisladas, o que dizer do estupro? Infelizmente, Foucault não conseguiu fugir da armadilha causada pelo impasse originado por sua filosofia.[4]

Outro expoente pós-moderno, Jacques Derrida, advogava a livre interpretação da linguagem, tanto a escrita quanto a falada. Assim, uma interpretação textual jamais pode chegar a conclusão alguma![5] Contudo, Jacques Derrida se sentiu injustiçado em um debate com John Searle por achar que em alguns pontos Searle havia interpretado mal seu pensamento. Isso o forçou a abandonar sua defesa da livre-interpretação.[6]

Para onde nos conduz o pensamento pós-moderno? Ele hostiliza a verdade revelada; valoriza a interpretação em detrimento do conhecimento; relativiza a verdade (ênfatisando a verdade comunitária, aceita por consenso geral); e se restringe à transitoriedade, admitindo uma maleabilidade nos princípios.

Por conta de seu antirrealismo, o pós-modernismo enfrenta dificuldades, porque, na prática, se torna impossível vivê-lo coerentemente: “Os pós-modernos continuam a rejeitar a ilusão modernista – negam que os modelos modernistas representem a realidade – mas, por uma questão prática, admitem que os modelos continuam a servir como ‘ficções úteis’ na vida cotidiana.”[7] Na prática, como alguém já notou, “qualquer tentativa de persuadir alguém a adotar o relativismo assume o absolutismo”. [8] Podemos resumir a incoerência do pós-modernismo da maneira como segue:

1. Ao afirmar que não há uma verdade absoluta, o pós-modernismo faz, paradoxalmente, uma afirmação absoluta.
2. Nenhum sistema filosófico pode ser sustentável se possui contradição interna.
3. Logo, o pós-modernismo não é sustentável.[9]

RETORNO À VERDADE

Se temos que retornar à verdade para dar sentido à existência, a qual verdade retornaremos? Se há tantas visões de mundo, como garantir qual delas seja a correta? Ravi Zacharias nos oferece alguns critérios para aquilatar as propostas de qualquer cosmovisão: “O senso comum diz que ao estabelecer a convicção em uma crença, fazemos mais do que oferecer um desejo do coração ou apresentar alguns elementos isolados das credenciais daquele que faz as reivindicações, com as quais saltamos para conclusões grandiosas. A verdadeira defesa de qualquer reivindicação deve também lidar com as evidências que a questionam ou contradizem. Em outras palavras, a verdade não é somente uma questão de ofensiva, no sentido de fazer algumas afirmações. É também uma questão de defesa, no sentido de que deve ser capaz de dar uma resposta racional e sensível aos argumentos contrários que são suscitados.”[10]

Nas palavras de Adela Cortina, “se a fé pretende ser comunicável, deve possuir uma base de argumentação que possibilite o diálogo e destrua a desconfiança que produz sua resistência a deixar-se examinar pela razão”.[11] Isso vale para qualquer fé (crença). Uma visão de mundo tem que ser avaliada pela forma abrangente como interpreta a realidade, bem como pela suficiência e coerência das respostas que provê a perguntas sobre fundamentação de valores morais, destino final da humanidade, razão de nossa existência, etc. É claro que algumas respostas podem coincidir em alguns sistemas; mas, olhando para o todo, qual visão de mundo possui proposta compatível com nosso anseio irrefreado pela beleza, pela verdade e pela justiça? Talvez seja cedo para darmos uma resposta definitiva. Todavia, mantenha a mente aberta para considerar a proposta cristã. O enfoque que daremos a seguir se propõe a evidenciar quão completa é a cosmovisão do cristianismo.

Primeiramente, considere: Deus existe ou é apenas uma ilusão humana, originada de desejos reprimidos ou fantasias ancestrais? São indagações como essas que o próximo estudo se encarregará de responder. [DR]

PERGUNTAS PARA DISCUSSÃO:

1. Por que o pós-modernismo não oferece base sólida para nossas decisões e ações?
2. Falar em verdade absoluta soa um tanto arrogante. É possível crer na verdade e manifestar atitude tolerante e compreensiva com aqueles que pensam diferente de mim?

SAIBA MAIS:

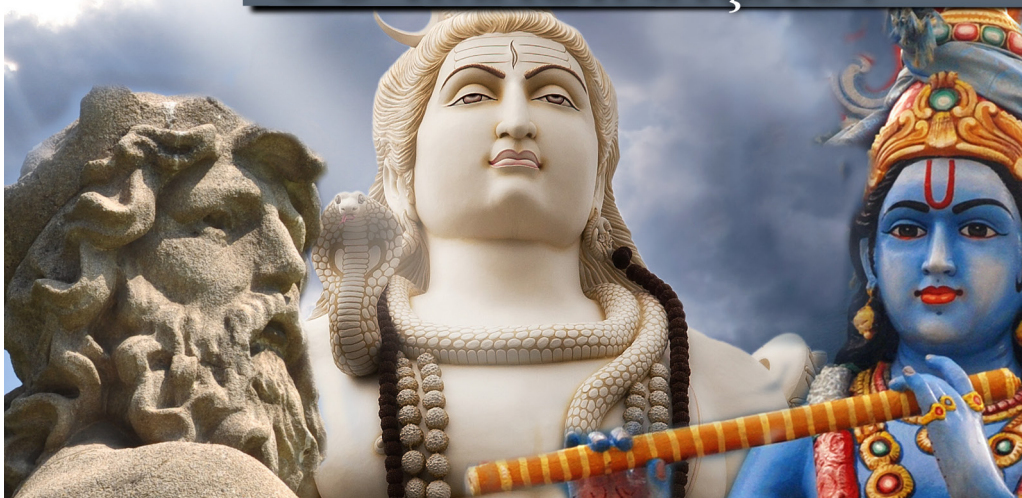
- Douglas Reis, *Marcados pelo Futuro: Vivendo na expectativa do retorno de nosso Senhor* (Niterói, RJ: Assim Diz o Senhor, 2011).
- Stanley J. Grenz, *Pós-modernismo: Um guia para entender a filosofia de nosso tempo* (São Paulo: Vida, 2008).
- William Lane Craig, *Apologética Para Questões Difíceis da Vida* (São Paulo: Vida Nova, 2010).

Notas:

1. Anelise Pacheco, *Das Estrelas Móveis do Pensamento: Ética e verdade em um mundo digital* (Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2001), p. 149.
2. Friderich Nietzsche, *Vérité et Mensonge au Sens Extra-moral* (Paris: Actes Sud, 2002), p. 181, 182, citado em Rafael Haddock-Lobo, *Uma Brisura: Derrida às margens de Nietzsche*, disponível em <http://www.unirio.br/morpheusonline/Rafael%20Haddock.htm>
3. Norman Gulley, *Christ is Coming!* (Hagerstown, MD: Review and Herald, 1998), p. 32. Gulley segue Schaeffer nesse ponto.
4. Nas palavras do próprio Foucault, “por um lado, será que a sexualidade pode ser submetida, na realidade, à legislação? De fato, será que tudo o que diz respeito à sexualidade não deveria ser posto fora da legislação? Mas, por outro lado, o que fazer com o estupro, se nenhum elemento concernente à sexualidade figura na lei? Eis a questão que eu formei. [...] Nesse domínio havia um problema que se deveria discutir, e para o qual eu não tinha solução. Eu não sabia o que fazer com ele, é tudo”. Entrevista com Michel Foucault, com J. François e J. de Wit, 22 de maio de 1981. Citado em Manoel Barros de Motta (org.), *Michel Foucault: A problematização do sujeito: Psicologia, Psiquiatria e Psicanálise* (Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2010), p. 340, 341.
5. Stanley J. Grenz, *Pós-modernismo: Um guia para entender a filosofia de nosso tempo* (São Paulo: Vida, 2008), p. 209, 210.
6. Ellis, *Against Deconstruction* (Princeton, NJ: University Press, 1989), p. 13, 14, citado por Gulley, p. 33.
7. Stanley J. Grenz, *ibid.*, p. 74.
8. Kenneth D. Boa & Robert M. Bowman Jr., *An Unchanging Faith in a Changing World: Understanding and responding to critical issues that Christians face today* (Nashville, TN: Thomas Nelson, 1997), p. 56.
9. Douglas Reis, *Marcados Pelo Futuro: Vivendo na expectativa do retorno de nosso Senhor* (Niterói, RJ: Assim Diz o Senhor, 2011), p. 82, 83. Para uma refutação mais detalhada do pós-modernismo, ver o capítulo 5 da referida obra, “A verdade ou a vida?”, no qual foi baseada boa parte deste estudo.
10. Ravi Zacharias, *Por Que Jesus é Diferente* (São Paulo: Mundo Cristão, 2003), p. 75.
11. Adela Cortina, *Ética Mínima* (São Paulo: Martins Fontes, 2009), p. 231, 232.

DEUS, DEUSES OU IMAGINAÇÃO?

DEUS, DEUSES #3 OU IMAGINAÇÃO?



Pense na pessoa mais teimosa, para quem é quase impossível falar de Deus. Um ateu decidido. Não, não apenas ateu, mas o mais famoso filósofo ateu de sua época. Esse era o inglês Antony Flew, o maior filósofo ateu do século 20. Na verdade, Flew é considerado o principal filósofo dos últimos cem anos. Seu ensaio *Theology and Falsification* (Teologia e Falsificação) se tornou um clássico e a publicação filosófica mais reimpressa do século passado. Ele passou mais de cinquenta anos defendendo o ateísmo.

No livro *Um Ateu Garante: Deus Existe*,[1] Flew conta como chegou a negar a existência de Deus, tornando-se ateu. Na segunda parte da obra, ele analisa os principais argumentos que o convenceram da existência do Criador. Na página 144, seguindo o paradigma aristotélico,[2] ele escreveu: “Minha jornada para a descoberta do Divino tem sido, até aqui, uma peregrinação da razão. Segui o argumento até onde ele me levou, e ele me levou a aceitar a existência de um Ser autoexistente, imutável, imaterial, onipotente e onisciente”.

Flew diz que dois fatores em particular foram decisivos para sua mudança do ateísmo para o teísmo. Um deles foi a crescente empatia pelo *insight* de Einstein e de outros cientistas notáveis para os quais deve haver uma Inteligência por trás da complexidade integrada do universo físico. A segunda foi o próprio *insight* de Flew, segundo o qual a complexidade integrada da vida – que é muito mais complexa do que o universo físico – somente pode ser explicada em termos de uma Fonte inteligente. Em outras palavras: informação tem que provir de uma fonte; vida só pode provir de vida.[5]

ARGUMENTO COSMOLÓGICO

Quando Antony Flew afirma que a “complexidade integrada do universo físico” foi um dos motivos de seu abandono do ateísmo, está, na verdade, se referindo ao argumento do *design* inteligente, expresso pelo apóstolo Paulo em Romanos 1:20.

Para Flew e outros cientistas, é possível chegar à conclusão de que Deus existe valendo-nos inicialmente da chamada “revelação natural”, ou seja, o Universo criado. As digitais espalhadas na natureza apontam para as mãos do grande Designer cósmico, cujos “atributos invisíveis” podem ser detectados por meio “das coisas que foram criadas”. [1] A criação do Universo aponta para o Criador e consiste num dos mais conhecidos argumentos para a existência dEle. Esse argumento é também chamado de cosmológico, e pode ser expresso assim: (1) Tudo o que teve um começo teve uma causa. (2) O Universo teve um começo. (3) Portanto, o Universo teve uma causa.

A primeira premissa nos parece lógica e não necessita de mais argumentação. Apela mesmo ao senso comum. Já a segunda premissa não chega a ser unanimidade e precisa ser analisada mais de perto. Se a conclusão for a de que o Universo teve de fato um começo, será forçoso admitir que ele teve também uma causa.

Atualmente, a teoria para a origem do Universo mais aceita entre os cientistas é a do Big Bang. Toda a matéria do cosmos estaria compactada num único ponto de densidade quase infinita que explodiu, dando origem às galáxias, estrelas e planetas. Não nos cabe avaliar aqui se é correta ou não essa teoria, mas uma coisa é certa: ela levou os cientistas a concluir que o Universo teve um início e colocou os incrédulos num beco sem saída. Outra maneira de concluir que o Universo teve um começo deriva da análise das leis da termodinâmica. A segunda lei da termodinâmica afirma que a cada momento que passa, a quantidade de energia utilizável no Universo está ficando menor. Já conforme a primeira lei, a quantidade de energia no Universo é constante e finita.

Para ilustrar, imagine um automóvel. Ele tem uma quantidade finita de combustível (primeira lei) e está consumindo combustível durante todo o tempo em que está em movimento (segunda lei). Esse carro estaria funcionando agora se você tivesse ligado a ignição há um tempo infinitamente distante? Claro que não.

E o Universo? Ele estaria sem energia agora se estivesse funcionando desde toda a eternidade passada. Mas aqui estamos nós. As estrelas ainda brilham. A Terra ainda gira em torno do Sol. Ainda respiramos e nos movemos. Logo, o Universo deve ter começado em algum tempo no passado finito. Ele não pode ser eterno.

A segunda lei também é conhecida como lei da entropia, e descreve (perdoem-nos os físicos a simplificação) a tendência dos sistemas à desorganização. Então, de onde veio a ordem original? (Aliás, como pode uma explosão gerar ordem?) E se ainda temos alguma ordem – assim como temos energia utilizável –, o Universo não pode ser eterno, porque, se fosse, teríamos alcançado a completa desordem (aumento de entropia) há muito tempo. Por isso, o físico britânico Stephen Hawking escreveu que, “no tempo real, o Universo tem um início”. [2]

Aqui o naturalismo filosófico encontra sua limitação. Note bem: não havia mundo natural ou leis naturais antes do surgimento do Universo. Uma vez que a causa não pode vir depois de seu efeito, as forças naturais não foram responsáveis pela origem do Universo. Portanto, deve haver alguma coisa acima da natureza para realizar o trabalho. Isso é o que significa a palavra *sobrenatural*.

A conclusão a que podemos chegar é a de que o Universo foi causado por alguma coisa externa ao tempo, ao espaço e à matéria – portanto, uma Causa eterna; uma Causa primeira não causada. E como o Universo apresenta lógica e funciona de acordo com leis finamente reguladas, concluímos também que essa Causa tem que ser muito inteligente. Essa conclusão é compatível com as religiões teístas, mas não está baseada apenas nessas religiões. Está baseada, igualmente, na razão e nas evidências.

ARGUMENTO TELEOLÓGICO

O argumento teleológico (ou do propósito), em forma de silogismo, fica assim: (1) Todo projeto tem um projetista. (2) O Universo e a vida foram projetados. (3) O Universo e a vida têm um projetista.

À semelhança do que ocorre com o argumento cosmológico, a primeira premissa do argumento teleológico parece bastante lógica. Já a segunda premissa precisa ser confirmada, pois, se for verdadeira, deveremos concluir que o Universo e a vida foram projetados.

Para fazer essa demonstração, podemos começar com aquela que é considerada uma das mais “simples” formas de vida: a ameba. Segundo Richard



DEUS, DEUSES OU IMAGINAÇÃO

Dawkins, em seu livro *O Relojoeiro Cego*,[6] a mensagem encontrada apenas no núcleo de uma pequena ameba é maior do que os 30 volumes combinados da Enciclopédia Britânica. E a ameba inteira tem tanta informação em seu DNA quanto mil conjuntos completos da mesma enciclopédia. Agora pense na “máquina” mais complexa do Universo: o cérebro humano. Infelizmente, não temos espaço aqui para discorrer sobre ele.

Resumindo, a informação complexa e específica da qual dependem todas as formas de vida e que simplesmente não poderia surgir por acaso é um dos maiores problemas para os defensores do evolucionismo naturalista. Esse tipo de informação aponta para uma Fonte informante inteligente.

ARGUMENTO MORAL

O próprio Kant parece apontar para o argumento moral ao escrever: “Duas coisas ocupam a mente com admiração e reverência sempre renovadas e crescentes quanto maior é a frequência e a regularidade com que alguém reflete sobre elas: o céu repleto de estrelas sobre mim e a lei moral dentro de mim”. [7]

A questão é: Como explicar essa moralidade mais ou menos inerente a cada ser humano sem a existência de um criador dessa moral? Mesmo tribos isoladas em florestas tropicais, que nunca tiveram contato com a mensagem cristã e sua moral elaborada, seguem códigos morais e padrões de justiça. Quando essa noção de certo e errado foi implantada na mente? Quando os seres humanos passaram a entender que mentir, roubar e trair constituem violações (pecados)? O debate ainda existe...

A essa altura, é bom deixar claro que sempre haverá espaço para a descrença, pois Deus não nos força a crer nEle. Além do mais, as certezas humanas (tanto as dos teístas quanto as dos ateístas) costumam se mostrar frágeis diante de certas situações da vida (como o sofrimento, por exemplo) e mesmo diante de contra-argumentações convincentes. Por isso a fé racional e relacional (confiança baseada em evidências suficientes e em comunhão com Deus) sempre será necessária.

Ainda que a existência de Deus possa ser convincentemente defendida, por que eu deveria aceitar o Deus bíblico e não outros deuses? Por que deveria considerar a moralidade derivada da visão judaico-cristã? Os próximos estudos ajudarão a responder essa pergunta. [MB]

PERGUNTAS PARA DISCUSSÃO:

1. Para ser cético de verdade é preciso ser cético até o fim e seguir as evidências levem aonde levarem. Como você entende essa afirmação? De que forma esse pensamento pode levar alguém a Deus?
2. Você considera o argumento cosmológico convincente ao apontar uma Causa primeira para o Universo? Qual seria a alternativa para essa conclusão? Um universo sem causa? Matéria eterna não causada?
3. Leia Romanos 1:20. De que forma esse texto se relaciona com o argumento teleológico?
4. O argumento moral parte da constatação de que existe uma lei moral dentro de cada ser humano. Como isso também aponta para a existência de Deus?

SAIBA MAIS:

- Michelson Borges, *A História da Vida* (Tatuí, SP: Casa Publicadora Brasileira, 2011), 2ª ed. Este estudo é baseado no capítulo 8 desse livro.
- Norman Geisler e Frank Turek, *Não Tenho Fé Suficiente Para Ser Ateu* (São Paulo: Vida, 2006), p. 299-324.

Notas:

1. Antony Flew, *Um Ateu Garante: Deus Existe* (São Paulo: Ediouro, 2008). Alguns críticos atacaram Flew acusando-o de senil por publicar esse livro. No entanto, não rebateram as ideias do livro. Típico argumento ad hominem.
2. Aristóteles (384 a.C.-322 a.C.), filósofo grego e preceptor do imperador Alexandre, o Grande. Dentre várias máximas, aconselhava “ir aonde o argumento o levasse”.
3. Foi o cientista francês Louis Pasteur (1822-1895) quem demonstrou cientificamente que organismos complexos não podem surgir de matéria inanimada.
4. Segundo Jonathan Hill, em seu livro *As Grandes Questões Sobre a Fé* (Rio de Janeiro: Thomas Nelson Brasil, 2008), “o filósofo cristão Richard Swinburne argumentava que, embora a ordem do Universo pudesse ser explicada em termos de leis naturais, essas leis, por si, implicavam, de certo modo, a existência de um legislador” (p. 54).
5. Stephen Hawking, *Uma Breve História do Tempo* (Rio de Janeiro: Rocco, 1989), p. 28.
6. Richard Dawkins, *O Relojoeiro Cego* (São Paulo: Companhia das Letras, 2001).
7. Immanuel Kant, *Crítica da Razão Pura* (São Paulo: Martins Fontes, 2002); citado por Jonathan Hill, p. 60



#4 QUEM PRECISA DE CERTO OU ERRADO

O aparentemente pacato Clyde Shelton (Gerard Butler) presencia sua mulher e filha serem violentadas e mortas. Como testemunha de um crime, ele espera a justiça, confiando no promotor Nick Rice (Jamie Foxx). Entretanto, Rice faz um acordo com um dos bandidos, diminuindo sua pena por ter ele colaborado em outra investigação. Dez anos depois, Shelton volta para se vingar.

A partir desse ponto, o filme Código de Conduta dá uma guinada. Requintes de crueldade e sofisticação extrema passam a fazer parte do arsenal de Clyde Shelton. Porém, o ponto alto da aventura é revelar como a sede de justiça pode conduzir à desidratação própria da vingança. Claro que ver Shelton mutilar o assassino de sua família trará satisfação natural a alguns; entretanto, se justiça for equivalente a fazer o outro sofrer para além do crime, isso, em si, não constituiria um crime também passível de punição?

Antes de mais nada, cabe nos perguntarmos: É possível definir limites morais bem delineados? Bem e mal estão irremediavelmente misturados ou é possível distingui-los?

SE NÃO HÁ ABSOLUTOS, O QUE HÁ?

No cristianismo, existem absolutos bem definidos: Deus é o Criador do bem, e o que vai contra Sua vontade é, por oposição, o mal. Mas, como já fizemos notar, a mentalidade de nossa época (*zeitgeist*) é chamada de pós-modernismo. Uma de suas características é o relativismo. Evidentemente, isso se estende para o campo da ética. Então, que alternativas existem quando se abandona a noção de bem e mal definida por padrões universais?

Há quase 50 anos, o pensador reformado Francis Schaeffer respondeu essa questão: “Se não há absoluto moral, resta-nos o hedonismo (fazer o que bem se entende) ou alguma forma de contrato social (o que é melhor para a sociedade como um todo está certo).”[1] Sua afirmação ecoa em escritos recentes de pensadores não cristãos.

Michel Onfray, conhecido filósofo ateu, assim caracteriza a era pós-cristã na qual vivemos: “Não há valores, ou não há mais valores. Mais ou menos virtudes. Uma incapacidade de distinguir claramente os contornos éticos e metafísicos. Tudo parece bom e bem, o mal inclusive, tudo pode ser dito belo, até o feio, o real parece menos verdadeiro do que o virtual, a ficção substitui a realidade, a história e a memória não fazem mais sucesso em um mundo devoto do instante presente, desconectado com o futuro. O niilismo qualifica a época em que falta toda cartografia: as bússolas fazem falta e os projetos para sair da floresta onde estamos perdidos nem sequer são pensáveis.”

Para ele, a moral não é dada, não é “um problema teológico entre homens e Deus”, mas uma “história imanente que une os homens entre si, sem nenhuma testemunha”. Logo, segundo o filósofo, “a moral universal, eterna e transcendente cede lugar à ética particular, temporal e imanente”. [2]

Para além do hedonismo de Onfray, existe a ética comunitária defendida pelo falecido filósofo ateu Richard Rorty. Ele acreditava que *verdade* é um termo que se refere a “entidades e crenças” que, por se mostrarem úteis, foram “incorporadas às práticas sociais aceitas”. Não existe, portanto, verdade objetiva. Cada tradição intelectual ou religiosa encara a verdade de uma forma diferenciada, a qual não seria melhor ou pior do que outras verdades.

“Tudo o que precisamos”, pondera Rorty, “é abandonar a ideia de que deveríamos tentar encontrar uma maneira de fazer tudo permanecer unido, que dirá aos seres humanos o que fazer com suas vidas, dizendo a todos a mesma coisa”. [3] O pragmatismo de Richard Rorty transparece na seguinte analogia: “Dedicar-se a um ideal é como dedicar-se a outro ser humano. Quando nos apaixonamos por outra pessoa, não nos questionamos sobre a origem ou sobre a natureza de nosso esforço em cuidar do bem-estar daquela pessoa.

É igualmente inútil fazê-lo quando nos apaixonamos por um ideal [...] é tolice pedir uma prova de que as pessoas que amamos são as melhores pelas quais poderíamos nos apaixonar”. [4]

PROBLEMAS À VISTA

Quando se observa a posição hedonista e a ética pragmática, percebe-se que, na prática, elas trazem imensas dificuldades! Imagine que todos pudessem fazer o que quisessem, sem limites (como prega o hedonismo). Isso seria o caos! Igualmente, se cada sociedade ou comunidade ideológica está tão certa quanto qualquer outra, elas não poderiam ser julgadas de nenhum modo. Em um diálogo com um ateu, ele fez referência a países nos quais, culturalmente, não há problema em se agredir mulheres. Mas isso estaria correto apenas por ser a cultura daquelas pessoas? Ou a mulher possui valor ontológico (ou seja, valor pela natureza de seu próprio ser), independentemente da cultura?

Mesmo não cristãos reconhecem a dificuldade de se aceitar uma ética não fundamentada em uma verdade absoluta. “Sem a aceitação de tais validades [universais e reconhecíveis], ao que parece, formações sociais não podem ser configurações humanamente vivenciáveis de liberdade concreta. Também uma sociedade pluralista apenas é uma *sociedade* à medida que não é pluralista, senão que constitui identidade”.^[5]

O próprio Schaeffer apontou os defeitos das abordagens éticas que descartam referenciais absolutos: “Sem absolutos, a moral deixa de existir como moral e o homem humanista, que parte de si mesmo, encontra-se impossibilitado de encontrar os absolutos de que ele carece.”^[6] Precisamos de certezas morais para o dia a dia. Como observamos, a visão pós-moderna falha em prover um fundamento moral, assim como, antes dela, o racionalismo iluminista falhou em dar respostas. Assim, não é de se estranhar que muitos eticistas têm recorrido à ética cristã. Mas será que essa ética é confiável?

ÉTICA BÍBLICA: UMA REVOLUÇÃO CONFIÁVEL

É preciso dizer que os cristãos concordam em parte com muitas outras ideologias ou religiões; em parte, isso acontece porque cremos que Deus também Se revelou por meio de Sua criação (Sl 19:1, Rm 1:18-32). No campo da ética, isso quer dizer que as pessoas podem assumir comportamentos corretos, mesmo se não forem cristãs. Mas o cristianismo fornece uma base mais ampla para comportamentos éticos porque seu fundamento põe o homem em contato com o Criador, a quem deve prestar contas (Ec 12:14). Além disso, a ética bíblica está preocupada mais com a vontade interna do que meramente com a ação exterior (Mt 5:21,22, 27,28).

Ao introduzir uma ética absoluta, o monoteísmo bíblico “revolucionou a vida religiosa dos povos antigos”. Na verdade, o “Deus da Bíblia não Se limita

a propor dogmas de fé à adesão dos fiéis, mas proclama, antes de tudo, normas imperativas de conduta, a serem escrupulosamente observadas na vida de todos os dias”.[7] Na prática, o cristianismo ajudou progressivamente a levar igualdade social a todos os povos.[8]

Ninguém que opte por uma ética particular ou comunitária pode ter certeza de que está, definitivamente, agindo de forma ética ou correta. O que temos nesse caso? Ou a nossa opinião, ou a de nossos pares. Mas, na ética bíblica, temos a garantia de obedecer Àquele que afirmou fazer “diferença entre o justo e o ímpio” (MI 3:18). [DR]

PERGUNTAS PARA DISCUSSÃO:

1. Quando a justiça corre o risco de degenerar em mera vingança? O que fazer quando a justiça humana falha ou parece insuficiente?
2. Quais são alguns riscos da ética pós-moderna? Mencione ao menos três.
3. Leia Isaías 5:20. De acordo com o que você leu nesta lição, que critérios podemos usar para definir bem e mal?

SAIBA MAIS:

- Francis Schaeffer, *O Deus que Intervém* (São Paulo, SP: Cultura Cristã, 2002).
- Stanley Grenz, *A Busca Pela Moral: fundamentos da ética cristã* (São Paulo: Vida, 2006).

Notas:

1. Francis Schaeffer, *O Deus que Intervém* (São Paulo: Cultura Cristã, 2002), p.166.
2. Michel Onfray, *A Potência de Existir: manifesto hedonista* (São Paulo: Martins Fontes, 2010), p. 33, 47.
3. Richard Rorty, *Filosofia Como Política Cultural* (São Paulo: Martins Fontes, 2009), p. 24, 25, 28, 61.
4. *Ibid.*, *Uma Ética Laica* (São Paulo: Martins Fontes, 2010), p. 16.
5. Arno Anzenbacher, *Introdução à Filosofia Ocidental* (Petrópolis, RJ: Vozes, 2009), p. 188. Grifo no original. O autor ainda define verdade como “pretensão de validade resgatável” (p. 189), ou seja, como algo que pode ser examinado.
6. Schaeffer, *op. cit.*, p. 168.
7. Fábio Konder Comparato, *Ética: direito, moral e religião no mundo moderno* (São Paulo: Cia. das Letras, 2006), p. 67, 69.
8. Adolfo Sánchez Vázquez, *Ética* (Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2008), p. 277.



#5 QUANDO O MAL VEM “DE CIMA”

“O Deus do Velho Testamento é provavelmente o mais desagradável dos seres em toda a ficção. O ciúme e o orgulho do mesmo o leva a um mimado e imperdoável controle dos mais fracos com evidente sede de sangue e desejo de limpeza racial. Um machista, homofóbico, infanticida, genocida, filicida, pestilento, megalomaníaco, sadomasoquista, caprichoso e malevolente fanfarrão.”[1]

Influenciados pela agressividade – e por que não, superficialidade – do pensamento do ateu Richard Dawkins, muitos têm moldado sua imagem de Deus como a caricatura descrita acima. Como já era de se esperar, o pesquisador de Oxford não descobriu a roda. Ao longo dos séculos da história do cristianismo, muitos outros indivíduos se levantaram contra o “sanguinário” Deus do Antigo Testamento.[2]

Independentemente de quem quer que tenha levantado dúvidas sobre o caráter de Yahweh (o nome sagrado de Deus no Antigo Testamento), precisamos ser honestos e bastante em reconhecer que algumas passagens das Escrituras Hebraicas são aparentemente o oposto da famosa declaração joanina “Deus é amor” (1Jo 4:8). Neste estudo, buscaremos respostas para textos do Antigo Testamento que ordenam genocídios e serviram de base para a escravidão em Israel.

DESCRIÇÃO E PRESCRIÇÃO

Qualquer leitor do texto bíblico deve sempre se lembrar de que o simples fato de o autor registrar determinada situação não significa que ele a aprove ou desaprove. Esse é um erro comum cometido por cristãos e não cristãos. O Antigo Testamento narra o suicídio de Saul (1Sm 31), mas não ordena que o imitemos. O mesmo pode ser dito a respeito das histórias de adultério (2Sm 11), incesto (2Sm 13), assassinato (2Sm 13:23-39), e poligamia (Gn 16:1-4; 1Rs 11:3, etc.).[3] Descrever um evento não significa aprová-lo ou prescrevê-lo. Portanto, lembre-se de que “esperar aprender alguma coisa sobre importantes problemas teológicos através de Richard Dawkins ou Daniel Dennett é como aprender sobre história medieval através de alguém que apenas leu Robin Hood”.[4]

DESDÊM CRONOLÓGICO

Um ponto fundamental e ignorado, na maioria das vezes, consiste em reconhecer o ambiente em que o Antigo Testamento foi escrito. Neoateus como Christopher Hitchens e Sam Harris ignoram por completo a cultura do antigo Oriente Médio do segundo e primeiro milênios a.C., e comparam as páginas sagradas com a sociedade pós-iluminista. Entre os dois grupos, transcorreram aproximadamente quatro mil anos! Isso deve nos alertar contra o perigo de comparar as leis do Antigo Testamento com nossas leis atuais, ignorando o contexto de cada uma delas.

QUANDO O MAL VEM "DE CIMA"

Vejamos, por exemplo, o caso da escravidão. Em lugar de a compararmos com os registros de escravidão do Brasil, no período colonial, vamos compará-la com leis que regulamentavam essa instituição, no antigo Oriente Médio. Na lei mosaica, sequestrar alguém para ser vendido como escravo era um crime punido com pena capital (Êx 21:16). Um escravo hebreu deveria trabalhar apenas seis anos para pagar sua dívida, sendo liberto no sétimo ano sem pagar nada (Êx 21:2). Além disso, ele deveria receber do seu proprietário alguns animais e alimentos para começar a vida novamente (Dt 15:13, 14).[5] Durante seu período de serviço, o(a) escravo(a) teria um dia de folga semanal, o sábado (Êx 20:10).

Você notou alguma diferença entre a escravidão bíblica e aquela praticada em nosso país anos atrás? A diferença também é gritante quando comparamos essas passagens bíblicas com o famoso código de Hamurabi, rei da Babilônia no 18º século a.C. Se algum escravo fugisse, ele deveria ser morto, enquanto que, segundo as orientações do Antigo Testamento, em Israel, esse escravo deveria ser protegido (Dt 23:15, 16). Proteger um escravo fugitivo, na Babilônia, era uma grande ofensa também punida com morte, como evidenciado nas leis 15-20 do referido código.[6]

Alguém pode questionar o motivo pelo qual Deus não aboliu a escravidão entre os israelitas. Lembre-se de que eles estavam inseridos num ambiente histórico impregnado dessa prática. Mesmo que Deus a abolisse, isso não mudaria a forma como eles pensavam. Imagine o árduo processo cultural para tornar a Arábia Saudita em uma democracia! Mas, sem dúvida, a legislação israelita oferecia tratamento muito mais humano aos escravos.

E quanto aos genocídios registrados nas páginas do Antigo Testamento? Quando esse é o assunto, precisamos fazer as seguintes considerações: (1) os povos de Canaã eram conhecidos por cultos macabros, entre os quais estavam os que envolviam sacrifícios de crianças; (2) ao contrário do que alguém possa pensar, Deus foi paciente com esses povos, dando-lhes mais de 400 anos para abandonarem essas práticas perversas (Gn 15:16). A destruição em massa desses povos idólatras e imorais pode ser comparada a um membro que precisa ser amputado antes de comprometer todo o corpo. Não é à toa que Deus estabeleceu sérias leis para aqueles que queimassem seus filhos a Moloque (Lv 21:1-3).

Um terceiro e último ponto deve ser apresentado. Em Deuteronômio 20:10, é dito que antes de qualquer batalha a paz deveria ser oferecida à nação inimiga. Uma rápida comparação dessa passagem com o que foi visto no século 20, o mais sangrento da história, revelará quão injusto é comparar a Deus com Pol Pot (Camboja), Stalin (ex-URSS), Mao Tse Tung (China), e outros líderes cujas mãos estiveram encharcadas de sangue. Não foi em vão

que a palavra “genocídio” foi inventada somente no século 20, pelo polonês Raphael Lemkin.

Antes de enviar Seus juízos mais severos, Deus sempre ofereceu oportunidade para Seus filhos mudarem o coração. Será que temos aproveitado essas oportunidades? [LGA]

PERGUNTAS PARA DISCUSSÃO:

1. O que Gênesis 18:20-33 diz a respeito do caráter de Deus?
2. Que tipo de sentimentos Deus tem diante do mal? Leia Gênesis 6:5-8.
3. Qual é o papel do ser humano nos juízos de Deus? Leia Jeremias 18:7-10.

SAIBA MAIS:

- Paul Copan, *Is God a Moral Monster?* (Grand Rapids, MI: Baker, 2011).
- Stanley Gundy (ed.), *Deus Mandou Matar? Quatro pontos de vista sobre o genocídio cananeu* (São Paulo: Vida, 2007).
- “Um Deus sanguinário?”, disponível em: <http://www.criacionismo.com.br/2008/05/um-deus-sanguinrio.html> (acessado em 10/3/2011).

Notas:

1. Richard Dawkins. *Deus, um Delírio* (São Paulo: Companhia das Letras, 2007), p. 31.
2. O mais famoso desses foi Marcion, que no segundo século d.C. fazia diferença entre o “Deus do Antigo Testamento”, cruel e sem misericórdia, e o “Deus do Novo Testamento”, que na pessoa de Jesus Cristo é visto como um ser amoroso e compassivo.
3. Para uma introdução ao assunto da poligamia no Antigo Testamento, ver Richard Davidson, “Polygamy in the Old Testament”, em Ron du Preez, ed., *Pathology of Polygamy: Cross-Cultural Mission on a Biblical Basis* (Berrien Springs, MI: Omega Media, 2007), p. 9-54.
4. Rodney Stark. *What Americans Really Believe* (Waco, TX: Baylor University Press, 2008), p. 120.
5. Gary Rendsburg. *The Fate of Slaves in Ancient Israel*. Disponível em: <http://www.forward.com/articles/2888> (acessado em 09/03/11).
6. John Walton (ed.), *Zondervan Illustrated Bible Backgrounds Commentary*, v. 1. (Grand Rapids, MI: Zondervan, 2009), p. 496.

#6 CREIO, LOGO PENSO

Quando o motorista do Fiesta preto desceu, os olhos esbugalhados e a adrenalina na voz expuseram sua insanidade. “Sou o Cadu. Fui eu que matei o Glauco”, apresentou-se o rapaz de 24 anos, preso no domingo 22 de março de 2010 – dez dias após ter matado o cartunista Glauco. Glauco havia fundado a comunidade Céu de Maria, da seita do Santo Daime. Em virtude do direito individual da crença, o uso religioso do Daime – substância com efeitos alucinógenos – ficou estabelecido no Brasil.

Cadu, apelido de Carlos Eduardo Sundfeld Nunes, frequentava o Céu de Maria havia três anos. Isso serviu para agravar seus problemas psíquicos. Uma revista semanal informou: segundo a família de Cadu, Glauco sabia desde 2007 que o rapaz tinha transtornos mentais e não poderia dar-lhe o chá do Daime; mesmo assim, continuou lhe oferecendo a droga. No dia do crime, Cadu e Felipe Lasi (que sustenta que Cadu o forçou) invadiram a casa de Glauco em Osasco, SP, por volta da meia-noite. Cadu queria fazer o mentor admitir que seu irmão era Jesus encarnado. O desenhista e o filho, Raoni, foram mortos. Cadu esteve foragido, até sua prisão quando cruzava a Ponte da Amizade (divisa entre Paraguai e Brasil). Repatriado, aguarda o julgamento, que poderá sentenciá-lo a até 95 anos de prisão.



A história toda nos faz questionar, entre outras coisas, a validade de algumas crenças. Desenvolver a espiritualidade é a demanda da nossa época. Antigamente se dizia (e alguns ainda batem na tecla) que religião é coisa boa. Mesmo com a palavra “religião” fora de moda, o incentivo para que cada pessoa viva sua crença, seja ela qual for, permanece. Hoje se promove a “espiritualidade”, termo que parece mais abrangente e neutro.

FARINHA DO MESMO SACO?

Obviamente, esse conceito geral trata as crenças como se fossem equivalentes, na esteira da máxima “todos os caminhos levam a Deus”. Será? Em contrapartida, se a frase for correta, teremos de admitir que as crenças são imperfeitas e apenas reproduzem, de forma distorcida e falha, aspectos do mesmo Deus, e todas estariam, simultaneamente, certas e erradas (em determinados aspectos). Mas nenhuma delas seria absolutamente confiável. E ninguém teria certeza sobre sua própria crença. Se cada religião prega um deus (ou uma concepção de deus), não seria melhor afirmar que “todos os caminhos levam a algum deus”? Entretanto, nem todos os “deuses” são reais.

Apesar disso, os “deuses” parecem renascer em meio ao espírito da época atual: “A situação do Ocidente hoje é similar àquela da antiga Roma com seu contexto pluralista. Vemos a diversidade da manifestação espiritual, mas uma carência de direcionamento espiritual na cultura como um todo. Somos também confrontados pelo secularismo crescente, apesar de ele não ser desprovido de conteúdo religioso. [...] De fato, o secularismo anda de mãos dadas com um novo paganismo. O problema não é que Deus esteja morto, mas que os deuses são entidades renascidas”. [1]

Claro que fanáticos existem em todas as crenças (e descrenças). Mas ao olharmos para o que prega determinada crença, o que vemos? Revolta contra o mundo ou o desejo de torná-lo melhor? Regras sem sentido ou princípios benéficos? Incentivo à ganância ou desapego de valores puramente materiais? Relações abusivas ou relacionamentos saudáveis? O próprio Jesus disse que conheceríamos as propostas religiosas pelos seus frutos (Mt 7:16-23).

A religião é boa? Apenas quando cumpre seu papel de unir a humanidade e Deus. Rui Barbosa arrematou: “Toda religião associada ao governo das coisas da Terra é uma religião morta”. [2] Além disso, para ser verdadeira, já vimos que determinada cosmovisão deve englobar explicações lógicas sobre o mundo e responder coerentemente às perguntas essenciais. A religião verdadeira deve se apresentar como cosmovisão bem desenvolvida, que não apenas soe como uma teoria intelectualmente atrativa, mas como prática de vida que ofereça justiça moral, sentido para a existência e uma esperança cabal.

CREIO, LOGO PENSO

O cristianismo pretende ser essa fé. No tema anterior, revisamos argumentos que amparam a racionalidade da crença em um Deus pessoal, todo-poderoso e Criador da vida. Agora, olhemos para o sistema como um todo. O sistema cristão pode ser resumido em três categorias: criação, queda e redenção.

RAIO-X DA CRUZ

Cada uma dessas grades conceituais que perfazem o sistema cristão mereceria muitas páginas! Entretanto, em função de nosso espaço, faremos comentários sucintos sobre elas. Por meio da Bíblia, somos informados a respeito da criação originalmente perfeita de Deus (Gn 1; 2; Is 42:5; Mt 19:4; Ef 3:9; Hb 11:3). Encontramos igualmente respostas para aquilo que está errado em nosso mundo, ou seja, o pecado, um problema de raiz moral que separou o ser humano de Deus, afetando a criação inteira (Gn 3:17-19; Is 59:1-2; Rm 3:9; 5:12; 6:23). O Livro Sagrado ainda nos revela o que Deus fez e fará para restaurar o mundo caído (Jo 1:17; Rm 1:16; 5:17; Ef 2:8-10; Tt 2:1; Ap 21:1, 22-26; 22:1-5). Voltaremos a esses temas oportunamente.

A cosmovisão bíblica é uma proposta intelectualmente complexa, mas compatível com a realidade, e, assim, revela coerência na vida cotidiana. Apesar de haver muitas diferenças em relação a outras religiões, podemos citar duas: o Deus cristão é singular. O pensador reformado Francis Schaeffer afirma que sempre houve deuses de dois tipos: infinitos (como no Oriente) ou pessoais (como no Ocidente). O Deus da Bíblia é o único infinito-pessoal.[3] Consequentemente, não são as pessoas que têm de se esforçar para se achegarem a Deus e agradá-Lo. A salvação no cristianismo é obra da graça divina, Seu imerecido favor que nos transforma (Ef 2:8-10).

BAIRRISMO ESPIRITUAL OU REALIDADE OBJETIVA?

Jesus afirmou ser a Verdade (Jo 14:6). Ele também asseverou que é o elo entre o gênero humano e o único Deus verdadeiro (Jo 17:3). Mas isso que a religião de Jesus pretende vai na contramão do relativismo atual.[4] O teólogo Sproul pondera sobre os desafios ao cristianismo em tempos pós-modernos: “Uma nação secular pode escolher ‘tolerar’ o cristianismo em algum grau enquanto este for visto meramente como a expressão de uma forma de religião humana, mas não pode tolerar as alegações de verdade do mesmo”. [5]

Ninguém aprova uma pessoa que diga sempre estar certa. Quando os cristãos afirmam crer na verdade, na única verdade, são tidos por arrogantes. É necessário fazer, entretanto, uma diferenciação: uma coisa é afirmar que exis-

te verdade absoluta; outra, bem diferente, é pretender acesso a toda verdade absoluta, em todos os detalhes – conhecimento que apenas Deus, em última instância, é capaz de alcançar.

Apesar de nossas limitações, a verdade existe e podemos reconhecê-la porque ela é a peça que se encaixa tanto em nosso mundo, quanto em nossa experiência. Basta que estejamos dispostos a experimentá-la. [DR]

PERGUNTAS PARA DISCUSSÃO:

1. Que exemplos você pode dar de como a religião pode ser perigosa (tanto em caso de fanáticos, quanto de propostas religiosas equivocadas)?
2. Para fazer um contraponto, mencione exemplos da religião como algo positivo.
3. Como encarar a afirmação de Jesus ser a Verdade? Faça uma avaliação pessoal dessa afirmativa, analisando as alternativas possíveis (no caso de Ele estar certo ou equivocado).

SAIBA MAIS:

- Cornelius Plantinga Jr., *O Crente no Mundo de Deus: Uma visão cristã da fé, da educação e da vida* (São Paulo: Cultura Cristã, 2008).
- Douglas Reis, *Paixão Cega: O herói que precisou perder a visão para enxergar* (Tatuí, SP: Casa Publicadora Brasileira, 2010).
- John Piper e Justin Taylor (org.), *A Supremacia de Cristo em um Mundo Pós-moderno* (Rio de Janeiro: Casa Publicadora das Assembleias de Deus, 2007).
- Jon Paulien, *Deus no Mundo Real: Segredos para viver o cristianismo na sociedade moderna* (Tatuí, SP: Casa Publicadora Brasileira, 2008).

Notas:

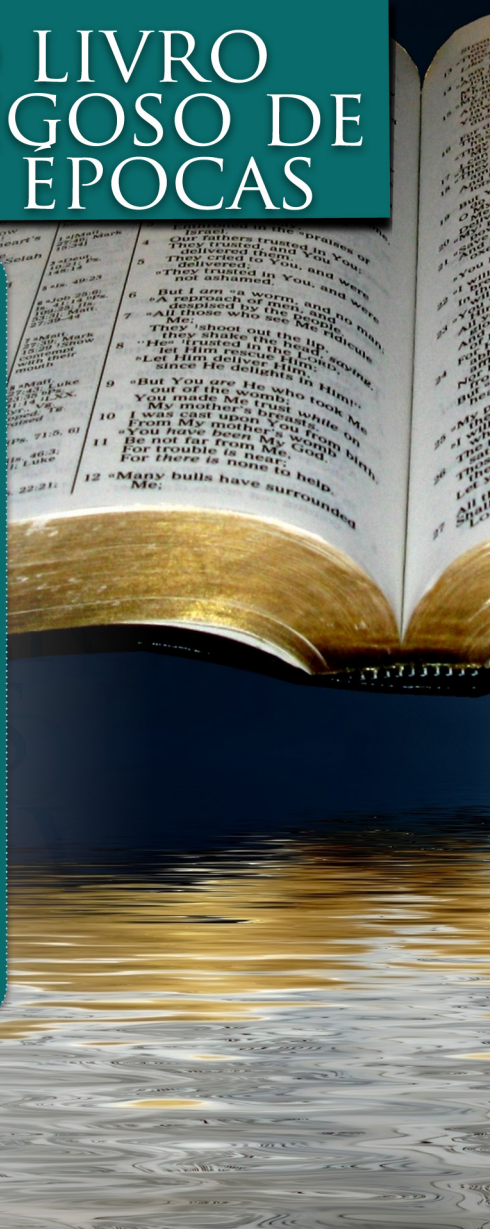
1. Donald Bloesch, *Spirituality Old & New: Recovering Authentic Spiritual Life* (Downers Grove, IL: InterVarsity Press, 2007), p. 17.
2. Rui Barbosa, *O Papa e o Concílio* (Rio de Janeiro: Elos, s/d), v. 1, p. 23, 24.
3. Francis Schaeffer, *A Morte da Razão* (São Paulo: Aliança Bíblica Universitária do Brasil; São José dos Campos, SP: Fiel da Missão Evangélica, 1989), 5ª ed., p. 24.
4. Douglas Reis, *Paixão Cega: O herói que precisou perder a visão para enxergar* (Tatuí, SP: Casa Publicadora Brasileira, 2010), p. 84.
5. R. C. Sproul, *Sola Gracia: A controvérsia sobre o livre-arbítrio na História* (São Paulo: Cultura Cristã, 2001), p. 14.

BÍBLIA: O LIVRO MAIS PERIGOSO DE TODAS AS

#7 BÍBLIA: O LIVRO MAIS PERIGOSO DE TODAS AS ÉPOCAS

Em anos recentes, diversos livros, artigos e documentários foram espalhados ao redor do mundo tentando demonstrar quão “imatura e infantil” é a crença de quem leva a sério a Bíblia Sagrada. Há aqueles que atacam o conteúdo histórico da Bíblia, como os arqueólogos e historiadores minimalistas, entre os quais está Israel Finkelstein, da Tel Aviv University,[1] enquanto outros tentam demonstrar que o texto sagrado, fruto de cópias e mais cópias, está longe de ser confiável. Essa é a opinião do acadêmico norte-americano Bart Ehrman, da University of North Carolina, nos Estados Unidos.[2]

Será que estamos diante de mais um livro sagrado como o Baghavad-Gita, dos hindus, e o Qur'an (também conhecido como Alcorão), dos muçulmanos? Vejamos para onde as evidências nos levam.



COMO A BÍBLIA CHEGOU ATÉ NÓS?

Para os cristãos mais conservadores, a Bíblia foi escrita num período de 1.600 anos, por aproximadamente 40 pessoas. Os primeiros livros foram supostamente escritos por Moisés, por volta do ano 1400 a.C., enquanto os escritos do apóstolo João podem ser datados do fim do primeiro século d.C. Como se vê, as Escrituras não caíram prontas do Céu!

Longe de terem sido escritos em português, os 39 livros do Antigo Testamento foram redigidos em hebraico, com algumas porções em aramaico (Dn 2:4-7:28; Ed 4:8-6:18, 7:12-26; Jr 10:11). Os 27 do Novo Testamento foram escritos em um dialeto grego conhecido como koinê, que significa “comum”.

Não é preciso ser nenhum tradutor juramentado para entender que traduzir um idioma, principalmente antigo, nem sempre é fácil. É esse o motivo de existirem tantas versões da Bíblia. O trabalho de um comitê responsável por uma versão do texto bíblico consiste em se basear nos melhores manuscritos disponíveis e transpor as barreiras sintáticas e linguísticas para qualquer idioma moderno.

ANTIGO TESTAMENTO

Muito já foi dito a respeito dos Manuscritos do Mar Morto, mas nunca é demais destacar a importância deles. Até meados de 1947, o manuscrito mais antigo disponível no qual era baseada toda a tradução do Antigo Testamento datava de algo em torno do ano 900 d.C. Havia um lapso quase intransponível entre os originais perdidos e a única cópia à disposição dos acadêmicos. É bem no meio desse vasto e largo abismo que surgem os famosos Manuscritos do Mar Morto, descobertos acidentalmente em 1947 por um pastor de cabras, na região do Mar Morto, na Jordânia.

Os manuscritos ali encontrados foram datados com segurança entre 250 a.C. até por volta do ano 70 d.C. Cópias de todos os livros do Antigo Testamento foram encontradas, com exceção do livro de Ester, que muito provavelmente era conhecido pelos essênios, os prováveis moradores da comunidade que produziu os documentos, como é evidenciado em alguns manuscritos de comentários desse livro.

Após mais de 60 anos de pesquisas de eruditos como David Noel Freedman, James Charlesworth, Roland de Vaux e muitos outros, pode-se afirmar com precisão que o Antigo Testamento de 200 a.C. é essencialmente o mesmo de que dispomos hoje. É evidente que algumas mudanças ocorreram com o passar dos séculos, mas elas são sempre periféricas e jamais afetam a mensagem central dos livros.[3]

NOVO TESTAMENTO

Em relação aos manuscritos do Novo Testamento, há uma infinidade deles. Somente em grego, são em torno de 5.500. Em outras línguas, como latim, armênio, etíope, copta, etc., o número é superior a 20 mil. Cópias de vários séculos estão à disposição de qualquer crítico textual – o especialista responsável por estudar documentos antigos –, demonstrando assim a integridade do texto do Novo Testamento.

E o que dizer das acusações de Ehrman, por exemplo? Um proeminente acadêmico como ele não saberia de algo tão básico? Ehrman e a falácia são íntimos. Falácia significa dizer uma mentira falando a verdade, e isso esse acadêmico tem feito muito bem. Afirmar que “existem mais erros entre os manuscritos do Novo Testamento do que o número de palavras desde Mateus até Apocalipse” é uma afirmação no mínimo irresponsável. Que tipos de erros são esses? Apenas um exemplo:

O texto de Gálatas 4:28: “Vós, porém, irmãos, sois filhos da promessa”. Alguns manuscritos trazem em lugar de “vós” o pronome “nós”. Motivo? Os pronomes “nós” (hemeis) e “vós” (hymeis) são muito parecidos. Esse tipo de erro era comum entre os copistas, principalmente os míopes. Outras diferenças não passam de erros gramaticais que nem sequer fazem diferença em português.

Bruce Metzger não somente foi a maior autoridade em manuscritos do Novo Testamento, mas também foi um dos responsáveis pelo treinamento de Ehrman em manuscritos do Novo Testamento, quando lecionava no Princeton Theological Seminary, nos Estados Unidos. As pesquisas de Metzger confirmam que 99,5% do texto do Novo Testamento de que dispomos hoje são idênticos àquele que foi produzido pelos autores originais.

Dizer que o texto de uma obra jamais foi alterado não significa afirmar que seus personagens, lugares e histórias são verdadeiros. No próximo estudo, examinaremos as evidências a favor ou contra a historicidade da Bíblia. [LGA]

PERGUNTAS PARA DISCUSSÃO:

1. Como você responderia a alguém que o desafiasse dizendo que o texto bíblico foi alterado depois de tantas cópias?
2. Qual a importância dos manuscritos para se reconstruir o texto bíblico original?
3. Leia Jeremias 36:1-4. Como esse texto nos ajuda a compreender o processo de escrita da Bíblia?

SAIBA MAIS:

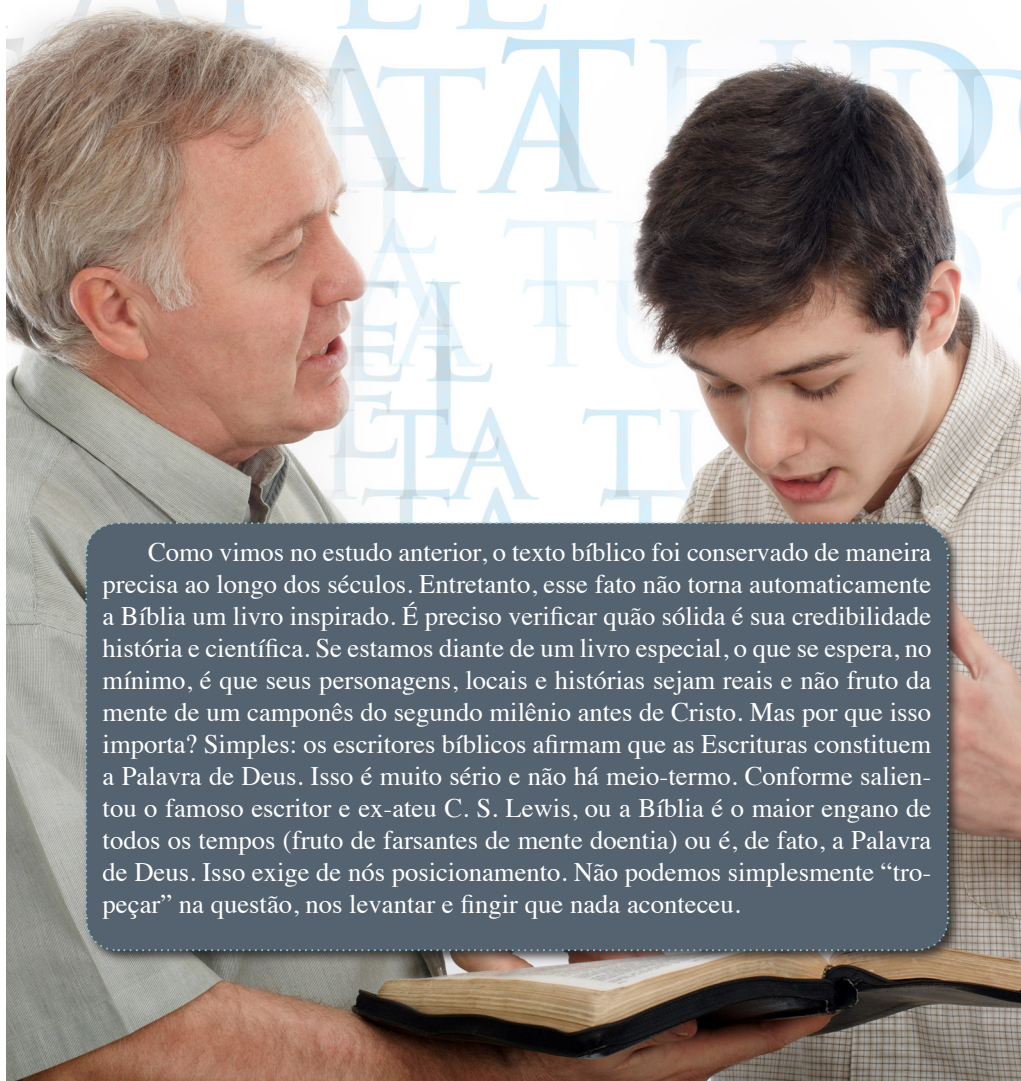
- Bruce Metzger, *The New Testament: Its Background, Growth, and Content* (Nashville, TN: Abingdon Press, 1983).
- F. F. Bruce, *Merece Confiança o Novo Testamento?* (São Paulo: Vida Nova, 2010).
- Timothy Paul Jones, *Misquoting the Truth: A Guide to the Fallacies of Bart Ehrman's Misquoting Jesus* (Downers Grove, IL: InterVarsity Press, 2007).
- Wilson Paroschi, *Crítica Textual do Novo Testamento* (São Paulo: Vida, 2007).

Notas:

1. Autor dos best-sellers *E a Bíblia Não Tinha Razão* (São Paulo: Girafa, 2003) e *David and Solomon: In Search of the Bible's Sacred Kings and the Roots of Western Tradition* (Nova York: Free Press, 2006). Este último sem tradução para o português.
2. Bart Ehrman se tornou mais conhecido após a publicação de sua obra mais popular: *O Que Jesus Disse? O Que Jesus Não Disse?: Quem mudou a Bíblia e por quê* (São Paulo: Prestígio, 2006).
3. Uma breve introdução ao assunto pode ser encontrada em David Noel Freedman e Pam Fox Kuhlken, *What are the Dead Sea Scroll and Why Do They Matter?* (Grand Rapids, MI: Eerdmans, 2007).

PAPEL

#8 PAPEL ACEITA TUDO?



Como vimos no estudo anterior, o texto bíblico foi conservado de maneira precisa ao longo dos séculos. Entretanto, esse fato não torna automaticamente a Bíblia um livro inspirado. É preciso verificar quão sólida é sua credibilidade histórica e científica. Se estamos diante de um livro especial, o que se espera, no mínimo, é que seus personagens, locais e histórias sejam reais e não fruto da mente de um camponês do segundo milênio antes de Cristo. Mas por que isso importa? Simples: os escritores bíblicos afirmam que as Escrituras constituem a Palavra de Deus. Isso é muito sério e não há meio-termo. Conforme salientou o famoso escritor e ex-atéu C. S. Lewis, ou a Bíblia é o maior engano de todos os tempos (fruto de farsantes de mente doentia) ou é, de fato, a Palavra de Deus. Isso exige de nós posicionamento. Não podemos simplesmente “tropeçar” na questão, nos levantar e fingir que nada aconteceu.

ESCAVANDO AS ESCRITURAS

A década de 1990 foi marcada pelo surgimento de acadêmicos norte-americanos e europeus fortemente influenciados por uma visão liberal e depreciativa das Escrituras Sagradas. Niels-Peter Lemche, Philip Davies e Thomas L. Thompson são alguns dos chamados acadêmicos minimalistas, aqueles que veem pouquíssimo valor histórico no texto bíblico. Philip Davies, da Universidade de Sheffield, na Inglaterra, afirmou várias vezes que o Antigo Testamento deve ter sido escrito por volta do período grego (3º e 4º séculos a.C.) ou no período romano (1º ou 2º século a.C.). Não é à toa que até mesmo William G. Dever, um dos principais arqueólogos da atualidade, esteja lutando contra essa postura displicente por parte desses acadêmicos. Ele não tem nenhuma motivação religiosa para contestar aqueles pesquisadores, porque é agnóstico.[1]

Foram feitas várias descobertas arqueológicas relacionadas diretamente com a Bíblia. Calcula-se que aproximadamente 40 personagens bíblicos tenham sua historicidade confirmada por meio de documentação arqueológica. É o caso do rei Davi (1993); do líder religioso de Israel na época de Jesus, Cai-fás (1990); do rei Ezequias (1830); de Pôncio Pilatos (1961); do rei Jeú (1845); de Baruque, secretário de Jeremias (1975); e de Herodes, o Grande (1996).

O mesmo pode ser dito a respeito de diversas localidades relacionadas com a história sagrada, que estiveram soterradas durante milênios em locais inóspitos do Oriente Médio. Alguns exemplos: Cafarnaum (1852), Jericó (1867), tanque de Siloé (1897), Babilônia (1899), Ur dos Caldeus (1922), Nazaré (1955) e Ebla (1968).[2]

Sir William Ramsay era um cético que não reconhecia a historicidade das Escrituras. Influenciado pelos pressupostos do Iluminismo presentes na teologia alemã do século 19, ele foi à Ásia Menor com o único propósito de desacreditar a geografia e a história do livro de Atos, no Novo Testamento. Porém, todas as pesquisas arqueológicas dele mostraram o contrário. A obra de Lucas é extremamente precisa quando se refere aos costumes, lugares e personagens do primeiro século depois de Cristo. Ramsay considerou o livro de Atos autoridade em assuntos como topografia, antiguidades e sociedade da Ásia Menor; um “aliado útil” em escavações obscuras e difíceis. Além disso, passou a se referir a Lucas como um “historiador de primeira grandeza”. [3]

Por mais que tenhamos diversas confirmações arqueológicas de cidades e personagens bíblicos, elas jamais provarão o sobrenatural. É preciso ter espaço para a fé. Porém, ao contrário do que muitos pensam, essa fé está fundamentada em evidências.

TESTEMUNHO DA CIÊNCIA

Para muitos, ciência e teologia bíblica são áreas excludentes. Mas, quando devidamente compreendidas, tanto a ciência experimental quanto a teologia bíblica têm muito em comum. Prova disso é que os primeiros grandes cientistas, considerados precursores do método científico, eram, em sua grande maioria, cristãos devotos. Exemplos: Galileu Galilei, Isaac Newton e Johannes Kepler. Muitos cientistas da atualidade também conseguem harmonizar ciência e fé.[4]

Na verdade, assim como ocorre com a arqueologia, a ciência experimental corrobora muitas afirmações bíblicas, muito embora a Bíblia não seja um livro de ciências. Alguns exemplos: a afirmação de que as estrelas são incontáveis, numa época (1500 a.C.) em que se achava que fossem apenas algumas milhares (Gn 15:5); Terra suspensa no vácuo (Jó 26:7); pressão atmosférica (Jó 28:25); noções de sanitarismo (Lv 13:46 e outros); indicação do melhor dia para a circuncisão (hoje se sabe que os percentuais de protrombina são altos nesse dia) (Gn 17:11, 22); princípios dietéticos atualmente reconhecidos e recomendados (Gn 1:29); etc.

Em seu livro *Razão, Ciência e Fé*, o doutor em Filosofia pela Universidade de Chicago, J. D. Thomas, afirma que “nesse conflito entre a Bíblia e a ciência, segundo o ponto de vista popular, notamos que existe na realidade uma tensão entre a Bíblia e o Cientismo [teoria que defende ser a ciência o único método para o conhecimento de todas as coisas] e não entre a Bíblia e a ciência”. [5]

O Criador da verdadeira ciência, que motivou os primeiros cientistas a desvendarem as maravilhas da criação, também é o Deus que inspirou os autores bíblicos a revelarem Sua vontade ao pesquisador sincero. Pode ser que o papel aceite tudo, mas você não precisa aceitar tudo o que está no papel. Pesquise, analise tudo (1Ts 5:21), examine as Escrituras (Jo 5:39). E só então tome a sua decisão.

A Bíblia é a Palavra de Deus. Precisamos ter fé em sua origem sobrenatural, mas Deus também nos deixou evidências mais que suficientes para chegarmos à conclusão de que ela é um livro singular no qual podemos confiar plenamente. Outro argumento em favor da inspiração está baseado na precisão das profecias bíblicas. Esse será o tema do próximo estudo. [LGA e MB]

PERGUNTAS PARA DISCUSSÃO:

1. De que forma a arqueologia ajuda a reforçar a confiabilidade da Bíblia?
2. A Bíblia e a ciência são contraditórias? Justifique sua resposta.
3. Quanto da Bíblia é inspirado por Deus e para que ela é útil? Leia 2 Timóteo 3:16.
4. Por que, principalmente, a Bíblia nos foi dada? Leia Romanos 15:4.



SAIBA MAIS:

- Alan Millard, *Descoberta dos Tempos Bíblicos* (São Paulo: Vida, 1999).
- Michelson Borges, *A História da Vida* (Tatuí, SP: Casa Publicadora Brasileira, 2011), 2^a ed.
- Nancy R. Pearcey e Charles B. Thaxton, *A Alma da Ciência – Fé cristã e filosofia natural* (São Paulo: Cultura Cristã, 2005).
- Rodrigo P. Silva, *Escavando a Verdade* (Tatuí, SP: Casa Publicadora Brasileira, 2007).
- www.arqueologia.criacionismo.com.br

Notas:

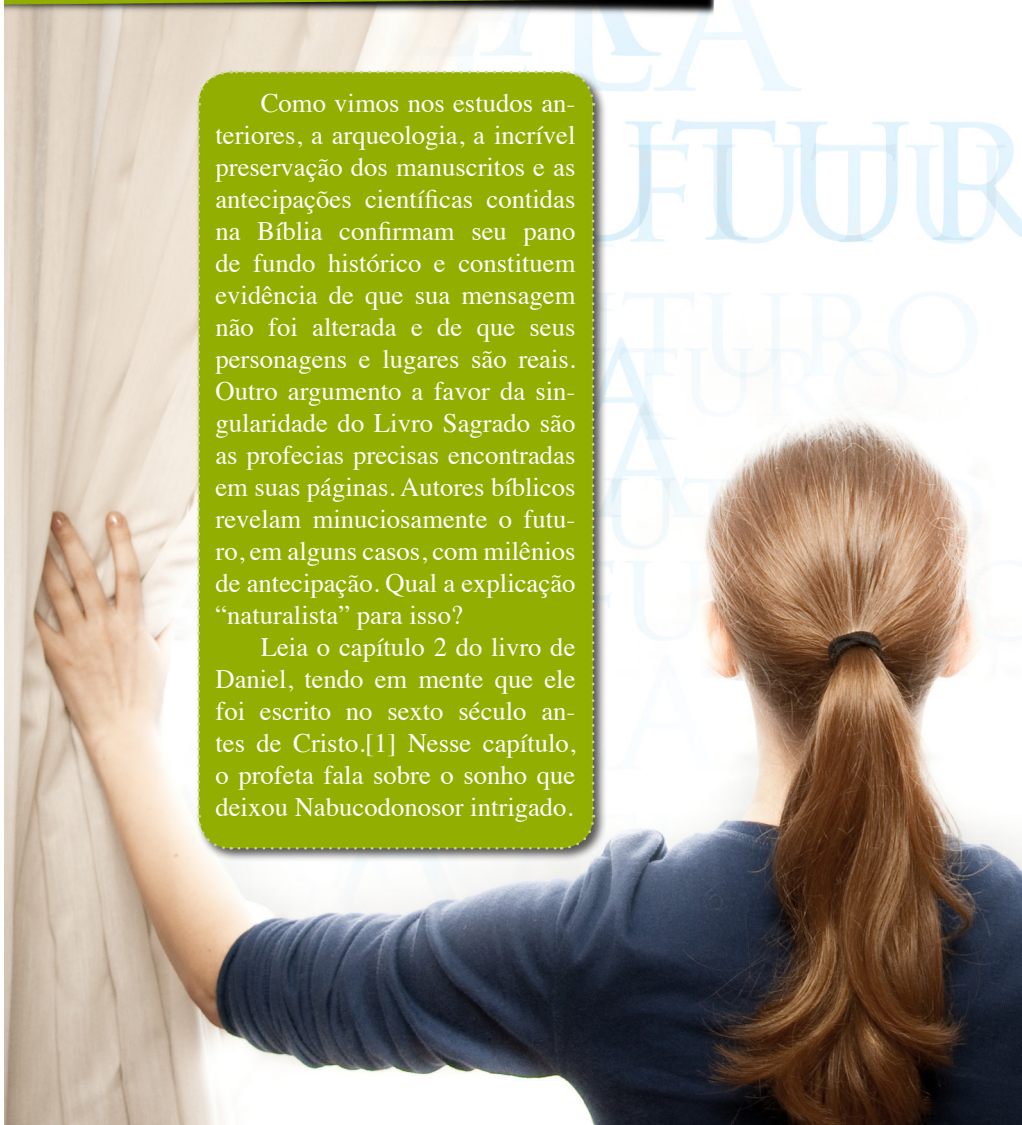
1. William G. Dever, *What Did the Biblical Writers Know & When Did They Know It? What Archaeology Can Tell Us About the Reality of Ancient Israel* (Grand Rapids, MI: Eerdmans, 2002).
2. As duas listas não são exaustivas. Para mais informações, ver: Randall Price, *Pedras que Clamam* (Rio de Janeiro: CPAD, 2001).
3. William M. Ramsay, *St. Paul: The Traveller and the Roman Citizen* (Grand Rapids, MI: Baker, 1962), p. 8.
4. <http://michelsonentrevistas.blogspot.com/2008/04/assinatura-qumica-do-criador.html>
5. J. D. Thomas, *Razão, Ciência e Fé* (São Paulo: Vida Cristã, 1984), p. 135, 136.

JANELA

#9 JANELA PARA O FUTURO

Como vimos nos estudos anteriores, a arqueologia, a incrível preservação dos manuscritos e as antecipações científicas contidas na Bíblia confirmam seu pano de fundo histórico e constituem evidência de que sua mensagem não foi alterada e de que seus personagens e lugares são reais. Outro argumento a favor da singularidade do Livro Sagrado são as profecias precisas encontradas em suas páginas. Autores bíblicos revelam minuciosamente o futuro, em alguns casos, com milênios de antecipação. Qual a explicação “naturalista” para isso?

Leia o capítulo 2 do livro de Daniel, tendo em mente que ele foi escrito no sexto século antes de Cristo.[1] Nesse capítulo, o profeta fala sobre o sonho que deixou Nabucodonosor intrigado.



O monarca, sabendo que os astrólogos e adivinhos poderiam inventar algum tipo de interpretação (qualquer semelhança com as “revelações” vagas dos horóscopos de hoje não é mera coincidência), exigiu que eles lhe dissessem do que tratava o sonho. Missão impossível, claro. Mas não para um profeta de Deus.

Na presença do rei, Daniel disse: “O mistério que o rei requer nem sábios, nem encantadores, nem magos, nem adivinhos o podem descobrir ao rei, mas há um Deus nos céus, o qual revela mistérios; Ele fez saber ao rei Nabucodonosor o que há de ser no fim dos dias” (v. 27, 28). Séculos depois, o grande cientista Isaac Newton expressaria essa mesma verdade nas seguintes palavras: “A autoridade dos imperadores, reis e príncipes é humana; a autoridade dos concílios, sínodos, bispos e presbíteros é humana. Mas a autoridade dos profetas é divina”.^[2]

Ao revelar exatamente o que o rei havia sonhado, Daniel conquistou-lhe o respeito e a confiança de que certamente também poderia interpretar o sonho. É interessante notar que os pensamentos do rei antes de ter o sonho diziam respeito ao que “há de ser depois disto” (v. 29), ou seja, tinham a ver com o futuro. E Deus lhe concedeu um vislumbre dos séculos seguintes por meio de uma metáfora em forma de estátua. Aparentemente, se tratava de uma simples figura humana composta por vários metais: cabeça de ouro, braços e peito de prata, ventre de cobre, pernas de ferro e pés de ferro misturado com barro. Não fosse a interpretação de Daniel, dada nos versos 37 a 45, aquele seria mais um sonho sem pé, nem cabeça – melhor dizendo, esse teria pé e cabeça... mas não teria sentido algum.

Segundo o profeta, cada metal da estátua representa um reino que sucederia Babilônia, e é aí que a precisão histórica da profecia surpreende, porque foram exatamente três grandes reinos (Medo-Pérsia, Grécia e Roma) que surgiram no cenário mundial depois da Babilônia (o ouro), representados, respectivamente, pela prata, o cobre e o ferro. E depois de Roma? Na sequência de metais surge uma mistura estranha: ferro com barro. E todo mundo sabe que eles não se misturam. Perfeito de novo! Com a fragmentação do Império Romano (as pernas de ferro), os povos bárbaros que o invadiram formaram dez reinos (o mesmo número de dedos dos dois pés da estátua), em parte fortes (ferro), em parte fracos (barro), segundo o verso 42.

Os governantes desses reinos tentaram a unificação por meio de casamentos (v. 43), mas não deu certo. Na profecia, nunca mais surgiria um reino mundial depois de Roma. Carlos Magno, Napoleão Bonaparte, Kaiser Guilherme e Adolf Hitler bem que tentaram, mas contra a profecia não tem jeito. E é assim que a Europa permanece até hoje: fragmentada em Estados independentes. Mas como termina o sonho?

O REINO ETERNO

No verso 44, Daniel diz que “nos dias desses reis”, ou seja, na época da Europa, uma pedra (símbolo inequívoco de Jesus e Seu reino, conforme Ef 2:20; 1Co 10:4; Lc 20:17, 18),[3] cortada sem auxílio de mãos humanas, atingirá a estátua nos pés, fazendo-a desabar. Essa pedra encherá toda a Terra (v. 35). Dessa forma, Daniel não apenas descreve a sucessão dos impérios, mas também localiza a volta de Jesus numa época específica: a da Europa, que existe desde 476 d.C.

Esse sonho do capítulo 2 de Daniel fornece uma espécie de base sobre a qual as profecias seguintes e mais complexas do livro serão construídas (leia os capítulos 7 e 8 de Daniel para conferir a mesma lógica profética com outros símbolos). Conforme escreveu Newton, “entre os velhos profetas, Daniel é o mais específico na questão de datas e o mais fácil de ser entendido. Por isso, no que diz respeito aos últimos tempos, deve ser tomado como a chave para os demais”. [4]

O grande cientista inglês disse ainda que “a realização de coisas preditas com grande antecedência será um argumento convincente de que o mundo é governado pela Providência”. [5] Nabucodonosor percebeu isso e o impacto da revelação do sonho foi tão grande sobre o rei que ele disse: “Certamente o vosso Deus é Deus dos deuses, e o Senhor dos reis, e o revelador de mistérios” (v. 47).

Esse mesmo Deus que guia a história quer dirigir a sua vida. Você aceita? [MB]

PERGUNTAS PARA DISCUSSÃO:

1. O que a precisão histórica e profética da Bíblia lhe diz sobre a confiança que podemos ter na Palavra de Deus?
2. Pesquise sobre a profecia cumprida a respeito da destruição da antiga Tiro, em Isaías 23 (hoje a região está exatamente como previsto nas páginas sagradas), ou da queda de Babilônia[6] e a reconstrução de Jerusalém.
3. Há cerca de dois mil anos, Jesus pintou um quadro do fim dos tempos que é a perfeita descrição de nossos dias (Mateus 24), motivo pelo qual muitos cristãos creem que a segunda vinda de Jesus Cristo está próxima. Daniel 2 também evidencia a proximidade desse evento.
4. Daniel 8:8, 21, 22 faz referência direta a Alexandre, o Grande, e aos generais que o sucederam, devido à morte dele ainda jovem, no auge do poder. Isso evidencia o conhecimento antecipado de Deus sobre os rumos da história, da nossa vida e ações.
5. Como você se sente sabendo que Deus já o conhecia muito antes de você nascer?

SINTONIA PERFEITA

#10 SINTONIA PERFEITA

Nos estudos anteriores, vimos que a Bíblia tem sido alvo de ataques cada vez mais intensos. Para céticos e ateus, ela é apenas mais um livro primitivo, repleto de contos fantasiosos e contradições. Essa ideia já foi tratada nesta série. Entretanto, muitos que afirmam crer na Bíblia também têm dificuldade em ver nela uma harmonia. Essas pessoas imaginam que praticamente todo o Novo Testamento é relevante para a atualidade, mas que o Antigo Testamento é ultrapassado e podemos aprender muito pouco com ele. Neste estudo, vamos analisar essa ideia. Como Jesus e os apóstolos consideravam o Antigo Testamento? Existe harmonia entre o Antigo e o Novo Testamento, ou ambos se contradizem?



JESUS E O ANTIGO TESTAMENTO

Os primeiros seguidores de Jesus tinham a mesma compreensão sobre o Antigo Testamento. O Novo Testamento cita o Antigo aproximadamente 300 vezes, além de conter milhares de alusões a ele.

PROMESSAS DE UM SALVADOR

Não apenas Jesus fala do Antigo Testamento, mas este fala de Jesus. Ao longo do Antigo Testamento, existem inúmeras promessas de um Salvador que viria à Terra. Confira algumas:

1. Nasceria na cidade de Belém (Mq 5:2).
2. Nasceria de uma virgem (Is 7:14). A palavra hebraica *almah* sempre significa “virgem” no Antigo Testamento (Gn 24:43; Êx 2:8; 1Cr 15:20; Sl 46 [título]; 68:25; Pv 30:19; Ct 1:3; 6:8). Isaías 7-12 é conhecido pelos estudiosos como o “Livro do Emanuel”. No capítulo 9 (veja próximo item), o profeta menciona a mesma criança que a virgem daria à luz.*
3. Morreria pelos pecados da humanidade. O profeta Isaías escreve: “Ele foi traspasado pelas nossas transgressões e moído pelas nossas iniquidades” (Is 53:5); morreria como “oferta pelo pecado” (v. 10); “as iniquidades deles [os pecadores] levará sobre Si” (v. 11). Essas expressões remetem aos sacrifícios realizados no santuário israelita. Quando o Messias fosse “morto” (Dn 9:26), faria “cessar o sacrifício e a oferta de manjares” do santuário (Dn 9:27).
4. Viria no tempo exato estabelecido pela profecia. Iniciaria Seu ministério “69 semanas” simbólicas depois da reconstrução de Jerusalém, e morreria “meia semana” depois (Dn 9:25, 26). Todos os estudiosos admitem que essas semanas são simbólicas e que cada uma deve ser interpretada como sete anos literais. Como Jerusalém foi reconstruída a partir de 457 a.C., o Messias desenvolveria Seu ministério entre 27 e 31 d.C. (Veja mais sobre esse assunto no estudo nº 20.)

Ao longo da história, apareceram muitas pessoas afirmando ser o Messias prometido no Antigo Testamento. Mas a verdade é que, além de Jesus de Nazaré, nenhuma cumpriu as especificações mencionadas nas profecias.

Toda a Bíblia está centralizada em Jesus (Jo 5:39). O Antigo Testamento apresenta promessas de um Salvador que viria; o Novo fala que Ele já veio. Em Jesus Cristo, toda a Bíblia forma uma unidade harmônica.

GUIA DE LEITURA

Para entender a Bíblia e perceber a harmonia que existe ao longo dela, é necessário estudá-la da melhor maneira possível. Abaixo, estão algumas dicas:

Estude a Bíblia com oração e humildade. Sendo que somos todos passíveis de erro, precisamos da ajuda do Espírito Santo para entender a Bíblia (Jo 14:26; 16:13).

Compare várias traduções da Bíblia. Algumas boas traduções são a Almeida Revista e Atualizada (que utiliza linguagem mais culta) e a Nova Versão Internacional (que possui linguagem mais simples). Compare as traduções para entender melhor um texto. Leia capítulos inteiros em lugar de versículos isolados. Ao estudar a Bíblia, passe a maior parte do tempo lendo capítulos inteiros, e não textos isolados. Quando temos dificuldade na compreensão de algum texto, vale a pena ler o parágrafo, o capítulo ou até os capítulos mais próximos. O contexto é a melhor maneira de entender corretamente uma passagem.

Compare textos que falam sobre o mesmo assunto – Os textos mais claros da Bíblia ajudam a entender os mais difíceis. Veja tudo que a Bíblia ensina sobre determinado assunto, antes de chegar a alguma conclusão (Lc 24:27, 44).

Busque outros recursos – Muitos locais, objetos e costumes mencionados na Bíblia são desconhecidos para a maioria das pessoas. Podemos descobrir informações sobre eles em materiais confiáveis. [MC]

PERGUNTAS PARA DISCUSSÃO:

1. Jesus cita vários textos do Antigo Testamento. O que esse fato nos revela sobre o valor que o Mestre dava ao Antigo Testamento? Observe principalmente o que Ele pensava sobre Adão e Eva, bem como sobre Noé e o Dilúvio, relatos muitas vezes considerados mitológicos até por cristãos. Veja Mateus 19:4 e 5; Lucas 21:26-29; 2 Pedro 3:3-7.
2. Como os cristãos deveriam considerar o Antigo Testamento na atualidade? Veja Romanos 15:4; 2 Timóteo 3:15-17.
3. Como é possível cultivar o hábito de ler a Bíblia quando há tantas mídias (TV, internet, *games*, etc.) competindo pela nossa atenção?

SAIBA MAIS:

- George W. Reid, editor, *Compreendendo as Escrituras: Uma abordagem adventista* (Engenheiro Coelho, SP: Unaspress, 2007).
- Norman Geisler e William Nix, *Introdução Bíblica: Como a Bíblia chegou até nós* (São Paulo: Vida, 1997).



Notas:

Blank lined area for notes.

(*) Para mais informações, veja Richard Davidson: “A (Woman) Virgin Shall Bear a Child”, *Perspective Digest*, ano 7, nº 2, p. 47-51. Disponível em: http://www.andrews.edu/~davidson/Publications/Messianic%20Prophecies/virgin_shall_bear_child.pdf

The background of the page is a photograph of a hand, likely Jesus', with a visible nail wound on the palm. The hand is wearing a white, textured robe. The lighting is dramatic, highlighting the texture of the fabric and the skin. The overall tone is somber and historical.

#11 QUEM É JESUS E O QUE ISSO IMPORTA?

A historicidade de Jesus está mais do que provada. Ele é citado em textos de autores não cristãos e as evidências de que viveu e morreu na cruz são bastante sólidas.* No entanto, para algumas pessoas, Jesus não passou de um profeta, talvez meramente um homem sábio. Se pensassem bem no que dizem, essas pessoas possivelmente mudariam de ideia. Afinal, o que você concluiria a respeito de alguém que, sendo homem, se dissesse Deus? Consideraria esse homem “sábio”? Algum profeta de Deus disse algo parecido de si mesmo? Na verdade, alguém que afirmasse ser Deus, se não fosse, deveria ser tratado como louco ou charlatão, menos “sábio”. Assim, ou Jesus é Deus, ou não serve como modelo de conduta.

Como ocorre com a Bíblia – que é ou a revelação de Deus ou o maior embuste de todos os tempos –, você pode dar as costas para Jesus, considerando-O um lunático ou impostor, ou analisar seriamente a afirmação:

“Eu e o Pai somos um” (Jo 10:30). Se Ele de fato for o que diz ser, não podemos simplesmente tropeçar nessa verdade e fingir que nada aconteceu. Quem é Jesus? Para responder a essa pergunta, temos que analisar o que a Bíblia fala sobre Deus e a Trindade.

Segundo o apóstolo Paulo, fazendo eco a Isaías 45:22, “há um só Senhor, uma só fé, um só batismo; um só Deus e Pai de todos, o qual é sobre todos, age por meio de todos e está em todos”. A Bíblia é clara em afirmar que existe apenas um Deus, Yahweh, mas diz também que esse Deus Se manifesta através de três pessoas divinas: Pai, Filho e Espírito Santo (Mt 28:19). Claro que esse não é um assunto fácil de se entender, já que, como mortais finitos, não podemos compreender tudo sobre o Deus infinito. Assim, a doutrina da Trindade pode ser considerada como revelada, porém, não exatamente explicada (leia Dt 29:29).

Quanto à divindade de Jesus, estes textos bíblicos (entre outros) são muito claros:

“Porque um menino nos nasceu, um filho se nos deu; o governo está sobre os Seus ombros; e o Seu nome será: Maravilhoso Conselheiro, Deus Forte, Pai da Eternidade, Príncipe da Paz” (Is 9:6). Mais claro impossível. O profeta chama o menino de “Deus forte”.

“E tu, Belém-Efrata, pequena demais para figurar como grupo de milhares de Judá, de ti me sairá o que há de reinar em Israel, e cujas origens são desde os tempos antigos, desde os dias da eternidade” (Mq 5:2). Jesus nasceu em Belém, como homem (encarnação), mas existiu “desde os dias da eternidade”.

“No princípio era o Verbo, e o Verbo estava com Deus, e o Verbo era Deus. Ele estava no princípio com Deus. Todas as coisas foram feitas por intermédio dEle, e, sem Ele, nada do que foi feito se fez” (Jo 1:1-3). Se *todas* as coisas foram feitas por intermédio dEle, Ele mesmo não pode ter sido criado. João foi uma das pessoas que conviveram mais de perto com Jesus. Na condição de testemunha ocular, seu testemunho escrito tem muita força.

“[Dos israelitas] são os patriarcas, e também deles descende o Cristo, segundo a carne, o qual é sobre todos, Deus bendito para todo o sempre. Amém!” (Rm 9:5). Aqui o apóstolo Paulo explica a origem humana, genética de Jesus, mas nos lembra de que Ele sempre existiu como Deus.

E já que estamos falando sobre a Trindade, o que dizer do Espírito Santo? Ele é uma pessoa? Sim, o Espírito Santo tem características pessoais e, além disso, é distinguido do Pai e do Filho (leia Jo 14:16, 17; 16:13, 14; Rm 8:26, 27). O Espírito Santo tem intelecto ou poder de pensar (1Co 2:10, 11); tem sensibilidade ou poder de sentir (Ef 4:30; Rm 15:30); e tem vontade própria (1Co 12:11).

QUEM É JESUS E O QUE ISSO IMPORTA?

Então, qual dos três criou o mundo? Em Gênesis 1:26 e 3:22, há a utilização do plural “façamos”, o que sugere a existência de mais de uma pessoa divina. De fato, somente Deus – Pai, Filho e Espírito Santo – tem poder de criar (confira também Cl 1:15, 16; Hb 1:2; Gn 1:2).

Como, depois do pecado, o ser humano não mais pôde ver a Deus, o Criador tomou providências, pois sempre desejou estar perto de Seus filhos: “Ninguém jamais viu a Deus; o Deus unigênito, que está no seio do Pai, é quem o revelou” (Jo 1:18).

Resumidamente, temos o seguinte:

A Trindade	Título Deus	Título <i>Yahweh</i>	Eterno, preexistente
Pai	Rm 1:7	Is 40:28; Os 13:4	Sl 90:2; 93:2
Filho	Mt 1:23; Rm 9:5; Jo 1:1	Hb 1:8-12; Rm 9:5	Is 9:6; Mq 5:2
Espírito Santo	At 5:3, 4	Hb 3:7-9	Gn 1:2; Hb 9:14

Obs.: o verbo *rahap* (“pairar”, em Gn 1:2) só é usado para seres vivos. Jô 33:4 e Salmo 104:30 mencionam o Espírito envolvido na criação.

O Pai é Deus, o Espírito Santo é Deus e Jesus também é Deus. Não são três Deuses, mas uma família divina. O plano da redenção envolvia a encarnação do Filho a fim de morrer pela raça caída e revelar mais claramente o caráter amorável da Divindade. Imagine que o Pai tivesse criado um ser para vir morrer em lugar dos filhos dEle. O que você pensaria desse pai? Acreditaria no amor dele? Mas, quando entende que o próprio Criador Se fez humano, sentiu frio, calor, fome, abandono, dor, e, finalmente, morreu sem merecer no lugar dos pecadores, o que você pensa?

Jesus é Deus entre os homens, Emanuel, Deus conosco (Mt 1:23).

O que você fará com essa verdade? [MB]

PERGUNTAS PARA DISCUSSÃO:

1. Deus é o Criador todo-poderoso, maior do que nossa imaginação possa conceber. “Apesar” disso, Ele Se preocupa conosco? Leia Salmo 40:1 e Tiago 4:8.
2. O que Deus deseja que façamos em relação a Ele? Leia Hebreus 4:16 e Jeremias 29:13. A parábola do filho pródigo (Lc 15:11-32), contada por Jesus, deixa claro o desejo que Deus tem de ter-nos perto dEle, não importa o que tenhamos feito no passado.
3. Leia João 17:3 e medite nesse texto.

SAIBA MAIS:

- Ellen G. White, *O Desejado de Todas as Nações* (Tatuí, SP: Casa Publicadora Brasileira, 2006).
- Philip Yancey, *O Jesus Que eu Nunca Conheci* (São Paulo: Vida, 1998).
- Ravi Zacharias, *Por Que Jesus é Diferente?* (São Paulo, SP: Mundo Cristão, 2003).
- Lee Strobel, *Em Defesa de Cristo* (São Paulo: Vida, 2000).
- Peter Kreeft, *Sócrates e Jesus* (São Paulo: Vida, 2006).
- Marina Garner Assis, “Jesus: um plágio?”, *Revista Adventista*, março de 2011 (também disponível em: <http://www.perguntas.criacionismo.com.br/2010/06/jesus-um-plagio.html>).

Notas:

(*) O nome Jesus é mencionado pelo historiador judeu Flávio Josefo, por Tácito e Suetônio, ambos historiadores romanos, e em diversas outras fontes fora das Escrituras. Para saber mais sobre os vários documentos que fazem menção de Jesus, ver Robert E. Van Voorst, *Jesus Outside The New Testament: An Introduction to the Ancient Evidence* (Grand Rapids, MI: Eerdmans, 2000); N. T. Wright, *Who Was Jesus?* (Grand Rapids, MI: Eerdmans, 1993); Gary R. Habermas, *The Historical Jesus: Ancient Evidence for the life of Christ* (Joplin, MO: College Press, 1997).

OVOS DE CHOCOLATE

#12 OVOS DE CHOCOLATE OU UMA TUMBA VAZIA?

Como visto no estudo anterior, o carpinteiro de Nazaré conta com ampla credibilidade histórica. Historiadores sem nenhuma motivação religiosa escreveram sobre a vida dEle, demonstrando que Sua existência não foi fruto de uma mente em devaneios no primeiro século d.C. Apesar dessa confirmação, a fé cristã não está baseada somente na vida da pessoa de Cristo, mas principalmente em Sua ressurreição. Como bem afirmou o apóstolo Paulo, “se Cristo não ressuscitou, é vã a vossa fé” (1Co 15:17).

Não é todo dia que se encontra alguém afirmando ter voltado do mundo dos mortos após três dias na sepultura. Para os críticos do cristianismo, a ressurreição de Jesus é tratada com desprezo e sarcasmo, como fez Richard Dawkins. No Twitter, ele comparou Frankenstein, zumbis e Jesus.

A seguir, você conhecerá evidências de que a história da ressurreição não pode de forma alguma ser comparada aos contos de Mary Shelley, a autora de Frankenstein.



Evidência 1 – *Após Sua morte, Jesus foi sepultado por José de Arimateia na tumba dele (Mt 27:57-61; Mc 15:42-47; Lc 23:50-56; Jo 19:38-42).* A informação é importante, já que demonstra que o local do sepultamento de Jesus era conhecido em Jerusalém. Não apenas por isso, mas também porque a proclamação da ressurreição não faria o menor sentido se o corpo ainda estivesse na sepultura. Sendo membro de destaque do Sinédrio (Mc 15:43), a suprema corte judaica que condenou Jesus, José de Arimateia dificilmente seria um personagem inventado por cristãos que ao longo do primeiro século d.C. ainda nutriam mágoa em relação ao Sinédrio (1Ts 2:14, 15).[1]

Evidência 2 – *No domingo seguinte após a crucifissão, a tumba na qual Jesus estava sepultado foi encontrada vazia por um grupo de mulheres seguidoras dEle (Mt 28:1, 2, 5-8; Mc 16:1-4; Lc 24:1-3; Jo 20: 1, 2).* Um leitor moderno das Escrituras deve levar em conta o contexto em que o Novo Testamento foi escrito. Somos informados pelo historiador judeu Flávio Josefo de que a mulher não poderia nem mesmo ser testemunha em um julgamento. Ao contrário do que qualquer charlatão poderia planejar, os autores dos evangelhos registraram que as primeiras testemunhas a darem a notícia da ressurreição foram justamente as pessoas com menor credibilidade na época: as mulheres.[2]

Somado a isso, uma rápida lida no capítulo 28 do Evangelho de Mateus mostra que até mesmo o discurso de alguns judeus para encobrir a ressurreição sugere que a tumba estava vazia. Segundo a versão deles, o corpo de Jesus teria sido roubado pelos discípulos. Por que inventar essa história, se o corpo ainda estivesse na sepultura?

Evidência 3 – *Em várias ocasiões e em diversas circunstâncias, vários indivíduos e grupos de pessoas presenciaram aparições de Jesus após a morte dEle.* Em 1 Coríntios 15:3-7, Paulo cita um antigo credo cristão que deve ter sido produzido nos primeiros anos após a ressurreição.[3] Nesse texto, o apóstolo menciona que Jesus apareceu a Cefas (Pedro), aos 12 apóstolos, para mais de 500 pessoas e a Tiago.

Diante de uma afirmação tão extraordinária como essa, alguns sugerem que as pessoas mencionadas acima devem ter tido um tipo de alucinação. Outros chegam a defender com unhas e dentes que os discípulos de Jesus teriam usado cogumelos que os fizeram delirar! Que alguém pode ter alucinações não é novidade, mas não há qualquer registro psiquiátrico de centenas de pessoas que tenham sofrido a mesma alucinação no mesmo lugar.

OVOS DE CHOCOLATE OU UMA TUMBA VAZIA?

Não esperando que seus leitores acreditassem apenas em sua palavra, Paulo afirma que “a maioria” desses “quinhentos irmãos” (que viram Jesus após Sua morte), “ainda vive” (1Co 15:6). Em outras palavras: se você não acredita no que estou dizendo, vá checar com as testemunhas oculares!

Evidência 4 – Os primeiros discípulos acreditaram na ressurreição de Jesus, apesar de terem toda razão para não acreditar. William Lane Craig, um dos principais pesquisadores do tema da ressurreição e professor no Talbot School of Theology, nos Estados Unidos, resumiu esse argumento desta forma: (1) o líder estava morto e o judaísmo do primeiro século d.C. não tinha a crença de um Messias morto, muito menos ressurreto; (2) de acordo com a lei judaica, a execução de Jesus O retratou como um herege, um homem sob a maldição de Deus; (3) a crença judaica da vida após a morte não aceitava a ressurreição de um indivíduo antes da ressurreição final, no fim dos tempos.[4]

Qual a melhor explicação para as quatro evidências mencionadas acima? A. N. Wilson, ex-ateu que recentemente se tornou cristão, costumava dizer que um irmão gêmeo ou alguém muito parecido com Jesus O teria representado após Sua morte![5] Explicação simplória demais para o que aconteceu com os seguidores de Jesus. A ressurreição foi o divisor de águas na vida daqueles homens. Conhecidos pelo egoísmo, incredulidade e fé inconstante, esses homens, depois da ressurreição de Jesus, estavam dispostos a entregar a vida em lugar de negar Aquele que venceu os poderosos braços da morte. Não é à toa que 11 dos 12 apóstolos foram martirizados exatamente por não negar a fé.

Numa conversa particular com o pregador Billy Graham, olhando para os escombros de Berlin, Konrad Adenauer, chanceler alemão que reergueu a Alemanha após a Segunda Guerra Mundial, disse: “Sr. Graham, fora a ressurreição de Jesus, não sei de nenhuma outra esperança para o mundo”. [6] [LGA]

PERGUNTAS PARA DISCUSSÃO:

1. Que diferença faz se Jesus ressuscitou ou não? Leia 1 Coríntios 15:17.
2. Das quatro evidências analisadas neste estudo, qual delas você considera mais interessante? Por quê?
3. Muitos pensam que Jesus apareceu para os discípulos como um espírito. Por que essa ideia não é baseada na Bíblia? Leia João 20:24-28.
4. Que esperança encontramos na ressurreição de Jesus? Leia 1 Coríntios 15:20-26.

SAIBA MAIS:

- Gary R. Habermas & Michael Licona, *The Case for the Resurrection of Jesus* (Grand Rapids, MI: Kregel Publications, 2004).
- Paul Copan. *Will the Real Jesus Please Stand Up? A Debate Between William Lane Craig & John Dominic Crossan* (Grand Rapids, MI: Baker, 1998).
- Norman Geisler e Frank Turek. *Não Tenho Fé Suficiente Para Ser Ateu* (São Paulo: Vida, 2006), p. 299-324.
- Gary R. Habermas. “A Questão da Ressurreição de Cristo”, em Francis J. Beckwith, William Lane Craig, J. P. Moreland. *Ensaios Apolo-géticos: Um estudo para uma cosmovisão cristã* (São Paulo: Hagnos, 2006), p. 213-236.

Notas:

1. Paul Copan & Ronald K. Tacelli, *Jesus' Resurrection: Fact or Figment? A Debate Between William Lane Craig & Gerd Lüdemann* (Downers Grove, IL: InterVarsity Press, 2000), p. 32.
2. Lee Strobel, *Em Defesa de Cristo* (São Paulo: Vida, 2000), p. 288.
3. Jerome Murphy-O'Connor, "Tradition and Redaction in 1 Corinthians 15:3-7", *Catholic Bible Quarterly* 43 (1981): 582-89; Joseph Kloppenborg, "An Analysis of the Pre-Pauline Formula 1 Cor 15:3b-5 in Light of Some Recent Literature", *Catholic Bible Quarterly* 40 (1978): 351-67; Joachim Jeremias, *The Eucharistic Words of Jesus* (Londres: SCM Press, 1966), p. 101-103. As referências citadas fornecem evidências linguísticas suficientes para demonstrar que 1 Coríntios 15:3-7 não é de autoria paulina e se trata de um dos primeiros credos cristãos (talvez o primeiro).
4. Copan & Tacelli, p. 34.
5. Gary R. Habermas, "The Late Twentieth-Century Resurgence of Naturalistic Responses to Jesus' Resurrection", *Trinity Journal* 22NS (2001), p. 179-196.
6. Ravi Zacharias, *Pode o Homem Viver Sem Deus?* (São Paulo: Mundo Cristão, 1997), p. 214.

SALVOS ALVOS

#13 SALVOS DE QUÊ?

O dia 7 de abril de 2011 marcou terrivelmente a história brasileira. Wellington Menezes de Oliveira chegou insuspeito à escola municipal Tasso da Silveira, em Realengo, na zona oeste do Rio de Janeiro. O rapaz, de 23 anos, ex-aluno da escola, passou pela portaria alegando que faria uma palestra na instituição. Munido com dois revólveres de calibre 38, o jovem deixou mais de 30 feridos e 10 mortos. O massacre só não foi mais drástico devido à intervenção do sargento Márcio Alves, da Polícia Militar. Wellington foi baleado e, na impossibilidade de prosseguir com seus planos, cometeu suicídio. O mal invadiu as salas de aula.

Infelizmente, também o vemos nas ruas, nos lares e em toda parte. E não somente na forma do impulso assassino: O que dizer da corrupção política? E da crescente onda de pornografia e pedofilia, colocando em risco crianças, adolescentes e adultos? Enfim, como explicar a existência e a presença do mal no mundo?



OS CAÇADORES DO MAL PERDIDO

A definição mais lógica é a de que o mal é algo contrário ao bem. No entanto, mesmo a lógica tradicional se vê insuficiente em face da forma de se encarar a verdade no mundo pós-moderno. Conforme já vimos, a ética do século 21 admite várias verdades, eleitas pelo indivíduo e legitimadas pela comunidade. Some-se a isso o fato de que o avanço tecnológico criou um clima de otimismo, capaz de invalidar ou reduzir a presença do mal no mundo. Muitos acreditam que o progresso material chegará ao ponto de banir a desordem e a criminalidade e aumentar simultaneamente o nível de satisfação com os propósitos pessoais. Entretanto, vemos que muitos dos acontecimentos atuais desmentem esse otimismo.

Voltemos à pergunta inicial: De onde surgiu o mal? Bauman afirma que a busca pelo mal é “incognoscível” e há muito foi abandonada pelos filósofos. Portanto, rastrear a origem do mal se torna tarefa imponderável.[1] Isso não significa que o mal não seja real; o problema é determinar a origem dessa realidade. Devido ao abandono de referenciais absolutos, o objetivo da própria busca se perdeu. Ninguém se preocupa mais em buscar a explicação para algo que parece depender somente do critério de cada um. Entretanto, reflita no seguinte: se a Bíblia for realmente uma fonte de verdade absoluta, revelada pelo próprio Deus – e já consideramos boas evidências de que ela seja isso –, então ela terá respostas apropriadas diante da demanda pelo surgimento do mal.

DEUS E O MAL

O “mal”, que identificamos como presente na natureza humana e no mundo em geral, recebe nas Escrituras o nome de “pecado”. Deus não é responsável pelo pecado (Jó 34:10-12), pois, embora Ele aja de forma incompreensível, sempre mantém Sua justiça (Jó 37:23). Tampouco se pode dizer que o Senhor crie o mal que nos assedia (Tg 1:13). A responsabilidade pela entrada do pecado pertence à humanidade, jamais a Deus (Ec 7:29; Rm 5:12). Igualmente, Schaeffer notou que, se Deus criou o homem em seu atual estado, então Ele é cruel e não há solução qualitativa – ou seja, fica estabelecido o pessimismo! Entretanto, biblicamente falando, existe um desvio, “uma descontinuidade moral” que tornou o homem criado por Deus um ser “anormal”. [2]

A partir do pecado inicial (Gn 3), toda a humanidade está sob a mesma condição (Rm 3:10-18). Sozinho, nenhum de nós é capaz de precisão em julgamentos morais – nem quando se trata de avaliar nossa própria conduta (Sl

19:12; Pv 20:24), e é justamente a inversão moral que Deus odeia (Is 5:20)! Simultaneamente, sozinhos somos incapazes de fazer o que é certo (Ec 7:20). Todos somos pecadores (Pv 20:9; Ec 9:20). Não há paz para o ímpio, aquele que permanece conscientemente na prática de atos pecaminosos (Is 57:21).[3]

Por que Deus não evitou o surgimento do mal, se Ele sabe todas as coisas? Ele não merece ser responsabilizado por omissão? Pense no seguinte exemplo: se o professor, ao aplicar uma avaliação, percebe que o aluno usa uma “cola”, de quem é a responsabilidade? Do aluno! O professor é apenas um expectador. E se fosse possível ao professor com dois dias de antecedência visualizar o aluno colando? A culpa continuaria sendo do aluno? Certamente que sim! O professor permaneceria um observador – apesar da mudança na relação entre a ação do observador e o tempo da ação praticada (simultânea na primeira situação e previdente, na segunda).

Semelhantemente, a onisciência de Deus, que implica em Seu conhecimento prévio das escolhas morais de Suas criaturas, não determina as decisões delas, e nem O torna responsável pelas escolhas que fazem. Entretanto, Deus não é um observador desinteressado e impassível. Ele age para nos atrair a Si, sabendo que precisamos dEle para vencer o mal. Ainda assim, Deus nos dá liberdade de escolha. Em muitos casos, nem quando Deus nos avisa antecipadamente de algo, deixamos de cometer tal ação (a rejeição sofrida por Cristo é um bom exemplo desse fato; ela ocorreu mesmo depois da advertência feita pelo profeta Isaías, no capítulo 53 de seu livro).

E por que Deus nos criou como seres morais livres, sabendo que essa liberdade conduziria ao fracasso volitivo? Porque, sendo a natureza divina amorável, é próprio dela correr riscos! Afinal, que amor é o amor (até nos relacionamentos humanos imperfeitos), se não fornece liberdade ao seu objeto de afeição, o que se traduz por imensos riscos – entre os quais rejeição, incompreensão, falta de reciprocidade, etc.?

E por que Deus, sendo poderoso, não elimina o mal de uma vez? Tendo em vista que o pecado compreende um problema de mais alta complexidade, exigiu de Deus iniciativa para operacionalizar um plano igualmente complexo. Deus não somente resolverá o problema do pecado, como já tem Se empenhado em cada batalha contra o mal, durante as etapas de execução de Seu plano.

Nossa parte consiste em aceitar a salvação que Deus oferece generosamente. “A maior evidência de nossa natureza pecaminosa talvez não seja encontrada em horríveis atos de imoralidade, violência ou ambição egoísta, mas no fato de que, mesmo quando Deus nos oferece os trajes nupciais de justiça perfeita, nós persistimos em nossa justificação”, afirmou Michael Horton.[4]

Mas compensa aceitar a justiça de Jesus? Esse será nosso próximo assunto. [DR]

PERGUNTAS PARA DISCUSSÃO:

1. Que sinal você distingue da presença do mal em sua própria vida? Como os textos de Romanos 3:9-18; 5:18 e 19; 7:14 ajudam a entender sua própria condição espiritual?
2. Analisando a crise moral de nosso tempo, é possível identificar uma solução por via da educação, iniciativas governamentais ou mesmo eclesiais? Algumas dessas medidas poderão de fato eliminar o mal definitivamente?

SAIBA MAIS:

- Cornelius Plantinga Jr., *O Crente no Mundo de Deus: Uma visão cristã da fé, da educação e da vida* (São Paulo: Cultura Cristã, 2008).
- Ellen White, *Patriarcas e Profetas* (Tatuf, SP: Casa Publicadora Brasileira, 2008).

Notas:

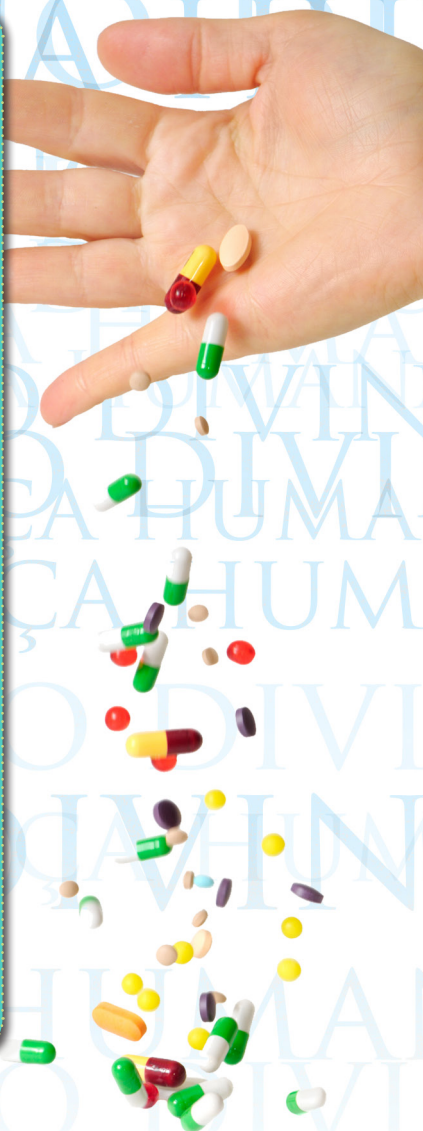
1. Zygmunt Bauman, *Medo Líquido* (Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2006), p. 74-79.
2. Francis Schaeffer, *O Deus que Intervém* (São Paulo: Cultura Cristã, 2002), p. 65-68, 73.
3. Douglas Reis, *Marcados Pelo Futuro: Vivendo na expectativa do retorno de nosso Senhor* (Niterói, RJ: Assim Diz o Senhor, 2011). Para outras considerações sobre aspectos do pecado, ver o capítulo 4 da referida obra, "Placebos, genéricos e o remédio", no qual foi baseada boa parte deste estudo.
4. Michael Horton, "Trapos Sujos (da Imundícia) ou Perfeita Justiça?", in Don Kistler (org.), *Crer e Observar* (São Paulo: Cultura Cristã, 2009), p. 25.

REMÉDIO DIVINO

#14 O REMÉDIO DIVINO PARA A DOENÇA HUMANA

A palavra “pecado” é usada constantemente em conversas corriqueiras. Filmes, novelas e músicas fazem uso repetidamente desse vocábulo. Apesar das brincadeiras e irreverências ditas por uns e outros, estamos diante de uma indesejada faceta do nosso caráter. Nem a banalização, nem qualquer tentavia humana de resolvê-la são suficientes para apaziguar a dor e a culpa de um grave erro contra alguém ou contra nossa própria consciência.

Veja as palavras de Hobart Mowrer, ex-presidente da American Psychological Association e professor por vários anos em Johns Hopkins, Harvard e Yale, que cometeu suicídio quando estava com 65 anos de idade: “Durante várias décadas nós, psicólogos, víamos toda a questão do pecado e da responsabilidade moral como um grande pesadelo, e proclamamos nossa libertação dele como algo que marcaria época. Mas, com o passar do tempo, descobrimos que estar livre nesse sentido, isto é, ter a desculpa de estar doente em vez de ser pecador, é cortejar o perigo de também ficarmos perdidos. Esse perigo é, creio eu, evidenciado pelo amplo interesse que há no existencialismo, o que estamos testemunhando atualmente. Tornando-nos amorais, eticamente neutros e livres, cortamos as próprias raízes do nosso ser, perdemos o nosso mais profundo senso de identidade pessoal, e com os neuróticos nos vemos perguntando: ‘Quem sou eu, Qual é o meu destino mais profundo?. Qual é o sentido da vida?’”[1]



Negando a existência do pecado perdemos a definição de quem somos. Leia a primeira página de qualquer jornal e tente ser otimista com a triste condição da natureza humana ali descrita. Escândalos sexuais e monetários na vida de líderes políticos; atentados terroristas em algumas partes do Oriente Médio; assassinatos motivados por míseras quantias de dinheiro que seria usado para comprar entorpecentes – e a lista não para. Não apenas o mal é real. O pecado também é.

Os autores bíblicos do Antigo Testamento descrevem esse vírus em nosso DNA fazendo uso de diversas palavras, que, em si, não são sinônimas. Uma delas é a palavra *pesha'*, que carrega a ideia de rebelar-se (2Rs 3:5), além de “revolta, litígio e pecado”. [2] Também é conhecido como o “pecado da mão levantada” (Nm 15:30, 31). Outro termo é *hata'ah*, que em sua forma verbal significa “errar (o alvo), falhar, pecar, cometer pecado”. [3] A prática de qualquer um desses pecados, por rebeldia ou por descuido moral, resulta em *'avon*, traduzido nas Escrituras Hebraicas como iniquidade, a sentença sobre o pecador (em termos jurídicos) e culpabilidade. Se seres humanos não conseguem resolver o problema do pecado, existe uma solução divina?

EXPERIÊNCIA DE DAVI

É bem conhecida a história do adultério de Davi com uma jovem chamada Bate-Seba, conforme descrito em 2 Samuel 11. O pecado do rei se tornou maior quando, numa tentativa desesperada de esconder a gravidez resultante desse deslize, seu plano de ocultação falhou. Urias, o marido traído e um dos principais soldados de Davi, não aceitou o benefício de dormir em casa enquanto seus homens estavam em guerra. Para Davi, não restava alternativa senão matá-lo. Adultério e assassinato mancharam o caráter do “homem segundo o coração de Deus” (1Sm 13:14; At 13:22).

O desfecho da história está carregado de lições: Davi foi repreendido pelo profeta Natã (2Sm 12), o que não resultou apenas no seu arrependimento, mas também em uma das mais belas composições literárias da Bíblia, o Salmo 51. Davi permitiu que Aquele que conhece todos os caminhos do nosso coração (Sl 139:1) ouvisse sua confissão e seu clamor por perdão. Para aqueles que lutam com a culpa de pecados cometidos, confissão e arrependimento constituem o primeiro passo. Nas palavras do sábio: “O que encobre as suas transgressões [*pesha'*] jamais prosperará; mas o que as confessa e deixa alcançará misericórdia” (Pv 28:13).

É no Salmo 51:10 que encontramos um desejo que pode ser ouvido nos clamores mais íntimos de seres humanos ao redor do mundo: “Cria em mim,

ó Deus, um coração puro e renova dentro de mim um espírito inabalável”. O desejo por uma vida nova. Curiosamente, Davi pediu para Deus fazer o mesmo que Ele fez em Gênesis 1:1. O verbo criar (bara’) aparece em ambos os textos. Na mentalidade hebraica, Deus é o único que pode criar. Não é por acaso que esse verbo só admita o substantivo Deus como seu sujeito! Pense nas implicações disto por um momento: Aquele que trouxe à existência o Universo pelo poder de Sua Palavra (Gn 1; Sl 33:6, 7; Hb 1:3, 4) pode criar nova vida para cada um de Seus filhos e filhas.

A SOLUÇÃO DIVINA

Bem, isso resolve muitos problemas, mas não todos. Uma ofensa grave é feita contra Deus quando pecamos. E o que Ele faz com esse pecado? Como diz um ditado popular, “não há almoço de graça”. Nesse caso, quem pagou a conta foi o próprio Deus! Vejamos alguns textos:

Em Êxodo 34:6 e 7, lemos: “Passando, pois, o Senhor perante ele, clamou: Senhor, Senhor Deus, misericordioso e piedoso, tardio em irar-Se e grande em misericórdia e fidelidade; que guarda a beneficência em milhares; que perdoa a iniquidade [‘avon], e a transgressão [pesha’] e o pecado [hata’ah]”. Onde o texto diz “que perdoa”, a ideia é que Deus é Aquele que carrega algo. Neste caso, nossas iniquidades, transgressões e pecados.

Outro belíssimo texto é Isaías 53:4 e 5: “Certamente, Ele tomou sobre Si as nossas enfermidades e as nossas dores levou sobre Si; e nós O reputávamos por aflito, ferido de Deus e oprimido. Mas Ele foi traspassado pelas nossas transgressões [pesha’] e moído pelas nossas iniquidades [‘avon]; o castigo que nos traz a paz estava sobre Ele, e pelas Suas pisaduras fomos sarados”.

Jesus Cristo carregou o fardo que não somos capazes de suportar. Ele, e somente Ele, tem a solução para o problema do pecado. Qualquer outro método para eliminá-lo deve ser considerado automaticamente como uma utopia doentia.

Os textos de Êxodo e Isaías dizem apenas que Deus/Jesus carregou nossos pecados, mas não revelam o que Ele fez com eles. A resposta para isso pode ser encontrada no uso do verbo “expiar”, usado frequentemente no livro de Levítico, no Antigo Testamento. Esse é o último detalhe dessa magnífica obra de arte do plano da salvação. Kipper, “expiar”, em hebraico, tem sido tópico de acalorados debates etimológicos. Para alguns acadêmicos, a origem desse verbo está relacionada com o antigo árabe kappara, que significa “esconder”. No entanto, estudos mais recentes demonstram que a palavra acadiana kuppuru, “apagar”, é a origem de kipper. Deus perdoa nossos pecados assim como

você apaga arquivos da lixeira do computador. Tais arquivos deixam de existir no infinito universo cibernético, assim como nossos pecados desaparecem no infinito mar do amor de Deus.

Concluo com as palavras de um simples, mas belíssimo poema que descreve o desejo de Deus para nossa vida:

“Ele veio até minha escrivadinha com lábios trêmulos, / a lição havia sido terminada. / ‘Você tem uma folha em branco para mim, professor? / Eu errei nesta. Não está adequada.’ Peguei seu papel, todo sujo e manchado / e dei a ele um novo, com todo o cuidado / E falei para seu coração com esperança, / ‘Faça melhor desta vez, minha criança.’

“Eu fui até o trono com o coração trêmulo; / o dia havia terminado. / ‘Você tem um dia novo para mim, querido Mestre? / Eu estraguei este, não está adequado.’ Ele pegou meu dia, todo sujo e manchado / e deu-me um novo, com todo o cuidado. / E para meu coração Ele falou com esperança, / ‘Faça melhor desta vez, minha criança.’”[4]

Que tal uma conversa franca com Deus, agora? Permita que Ele alivie o fardo dos seus fracassos morais e lhe dê uma nova vida em Jesus Cristo. [LGA]

PERGUNTAS PARA DISCUSSÃO:

1. Além do que foi dito acima, que ilustrações a Bíblia usa para descrever o perdão de Deus? Veja Miqueias 7:19; Salmo 103:11, 12; Isaías 1:18; 1 João 1:9.
2. Assista ao vídeo “O homem no buraco”, disponível no YouTube, e veja qual é a diferença entre o cristianismo em relação às demais religiões.

SAIBA MAIS:

- John Stott, *A Cruz de Cristo* (São Paulo: Vida, 2006).
- Hans K. LaRondelle, *O que é Salvação* (Tatuí, SP: Casa Publicadora Brasileira, 1988).
- Ellen G. White, *Caminho a Cristo* (Tatuí, SP: Casa Publicadora Brasileira, 2007).

1. Hobart Mower, “‘Sin’: The Lesser of Two Evils”, *American Psychologist* 15 (1960), p. 301-304.
2. Nelson Kirst *et al*, *Dicionário Hebraico-Português & Aramaico-Português* (São Leopoldo, RS: Sinodal, 1987), p. 200.
3. Nelson Kirst *et al*, p. 66.
4. Autor anônimo, “A New Leaf”, in James G. Lawson, *The Best Loved Religious Poems* (Grand Rapids, MI: Fleming H. Revell, 1961).

#15 EQUILIBRIO PERFECTO

Rosa Parks era uma costureira de 42 anos quando entrou para a história dos Estados Unidos. Em 1955, ela estava num ônibus na cidade de Montgomery, Alabama, quando um homem branco exigiu que ela se retirasse do banco onde estava para ele poder se acomodar. Rosa se recusou a sair, desafiando as leis que exigiam que os afro-americanos abrissem mão de seus lugares no transporte público, caso todos os lugares para brancos estivessem ocupados. Com esse ato, Rosa foi presa e multada em 14 dólares.

Mesmo que a prisão da costureira tenha iniciado um movimento de luta pelos direitos dos negros, sua história mostra claramente que as leis humanas algumas vezes podem ser injustas. Mas existe uma lei que não tem imperfeições: a lei divina.

Hoje, a lei de Deus é alvo de muitos ataques: céticos e relativistas acusam-na de ser autoritária e controladora; muitos cristãos afirmam que ela é desnecessária, porque foi abolida com a morte de Jesus. Como devemos considerar a lei de Deus? Qual é a sua importância em nossa vida?



GRAÇA E LEI NO ANTIGO TESTAMENTO

Quando estudamos o Antigo Testamento, percebemos um padrão constante: a obediência à lei divina é resultado da salvação dada por Deus. Os israelitas não se tornaram o povo de Deus por obedecerem a Ele, e sim por causa de Sua graça. Moisés explica: “O Senhor não Se afeioou a vocês nem os escolheu por serem mais numerosos do que os outros povos, pois vocês eram o menor de todos os povos. Mas foi porque o Senhor os amou e por causa do juramento que fez aos seus antepassados. Por isso Ele os tirou com mão poderosa e os redimiu da terra da escravidão, do poder do faraó, rei do Egito” (Dt 7:7, 8, NVI). Em outras palavras, Deus não os salvou por serem suficientemente bons, mas simplesmente por causa de Seu amor.

Estudos sobre o antigo Oriente Próximo mostram que a aliança de Deus com o povo de Israel está baseada nos tratados feitos entre um suserano e seus vassalos. [*] Antes de apresentar os deveres do subordinado, o soberano falava de todos os benefícios que fizera a ele, como o salvara de seus inimigos e lhe dera a oportunidade de ter uma vida melhor. Somente então eram apresentadas as estipulações.

Por essa razão, antes de anunciar Sua lei – os Dez Mandamentos – Deus lembrou aos israelitas do que Ele fizera: “Eu sou o Senhor, teu Deus, que te tirei da terra do Egito, da casa da servidão. [Portanto,] não terás outros deuses diante de Mim” (Êx 20:2, 3). Antes da lei, havia a salvação providenciada por Deus de maneira extraordinária.

Em realidade, todo o livro de Êxodo está baseado nessa mesma estrutura: os capítulos 1 a 19 relatam o que Deus fez por Seu povo e os capítulos 20 a 40 apresentam a obediência correspondente. Outro exemplo é o livro de Deuteronômio, que também está dividido em ações de Deus por Seu povo (capítulos 1-4) e mandamentos (capítulos 5-26). Todo o Antigo Testamento se baseia nesses conceitos estabelecidos no Pentateuco.

GRAÇA E LEI NO NOVO TESTAMENTO

O Novo Testamento, assim como o Antigo, apresenta a obediência à lei de Deus como resultado da salvação. O apóstolo Paulo mostra esse fato de maneira muito clara: “Vocês são salvos pela graça, por meio da fé, e isto não vem de vocês, é dom de Deus; não *por* obras, para que ninguém se glorie. Porque somos criação de Deus realizada em Cristo Jesus para fazermos boas obras, as quais Deus preparou antes para nós as praticarmos” (Ef 2:8-10, NVI). Esse texto resume todo o processo da salvação: ela se origina na graça de Deus, não é alcançada através de nossa obediência (“não por obras”), mas seu resultado é a obediência (“para fazermos boas obras”).

Embora muitos imaginem que Jesus tenha rebaixado a lei de Deus, Ele falou muitas vezes sobre a importância dela. Jesus a resumiu em dois grandes princípios: amor a Deus e ao próximo (Mt 22:37-40). É óbvio que um sumário não exclui nem modifica o conteúdo resumido. Além disso, Jesus disse que não veio abolir a lei, mas cumpri-la (Mt 5:17-20) e fez isso explicando o profundo sentido dos mandamentos da lei (v. 21-48). Ele repreendeu aqueles que anulavam os mandamentos de Deus por meio de tradições (Mt 15:3-9).

O Antigo Testamento previa que, quando viesse o Messias, não mais seria necessário oferecer sacrifícios (Is 53:4, 5, 10, 11; Dn 9:27). Depois da morte de Cristo, as leis que regulamentavam o santuário não mais precisam ser obedecidas (Hb 10:1, 10, 18). Mas, ao longo do Novo Testamento, os apóstolos afirmam que a lei de Deus deve ser guardada pelos cristãos.

João, por exemplo, escreve: “Ora, sabemos que o temos conhecido por isto: se guardamos os Seus mandamentos. Aquele que diz: Eu O conheço e não guarda os Seus mandamentos é mentiroso, e nele não está a verdade” (1Jo 2:3, 4). Ele define “pecado” especificamente como “transgressão da lei” (1Jo 3:4).

Tiago também fala de maneira positiva sobre a lei de Deus: “Qualquer que guarda toda a lei, mas tropeça em um só ponto, se torna culpado de todos. Porquanto, Aquele que disse: Não adulterarás também ordenou: Não matarás. Ora, se não adulteras, porém matas, vens a ser transgressor da lei” (Tg 2:10, 11).

O livro do Apocalipse mostra a importância da lei de Deus imediatamente antes da volta de Cristo. De um lado, Satanás tenta invalidar a lei (Ap 13: 4, 6, 14; cf. Dn 7:25). De outro lado, o povo de Deus é descrito como aqueles que “guardam os mandamentos de Deus” (Ap 12:17; 14:12). Mais do que isso: eles terão uma compreensão correta sobre a lei e o evangelho. Apocalipse 14:12 afirma que eles “guardam os mandamentos de Deus [a lei] e a fé em Jesus [o evangelho]”.

PAULO: INIMIGO DA LEI DE DEUS?

O Novo Testamento é bastante claro sobre a lei de Deus, mas algumas pessoas imaginam que Paulo ensinava que a lei de Deus não mais precisa ser guardada. Realmente, o apóstolo tem algumas afirmações que parecem contradizer o restante da Bíblia, como estas: “Não estais debaixo da lei, e sim da graça” (Rm 6:14); “Deus enviou Seu Filho [...] para resgatar os que estavam sob a lei” (Gl 4:4, 5). Como entender esses textos?

Uma leitura mais atenta mostra que estar “debaixo da lei” significa estar debaixo da condenação da lei. Na epístola aos gálatas, Paulo usa como sinônimas as seguintes expressões: “debaixo de maldição” por desobecer a lei

(Gl 3:10); “debaixo do pecado” (v. 22, NVI; cf. Rm 3:19); “sob a custódia da Lei” (Gl 3:23, NVI); “debaixo da Lei” (4:4, 21; 5:18, NVI) e “sob a Lei” (4:5, NVI). A razão para isso é simples: “O salário do pecado é a morte” (Rm 6:23). Para aqueles que desobedecem a lei e não experimentaram a salvação, a lei só pode pronunciar a sentença de “morte” (2Co 3:7) e “condenação” (v. 9).

Quando aceitamos a morte de Cristo, no entanto, somos justificados, isto é, absolvidos diante da lei de Deus. Todos os nossos pecados são perdoados e estamos livres da condenação dada a quem transgide a lei de Deus (Rm 8:1). Mas, em vez de eliminar de nossa vida a lei, passamos a obedecê-la. Através do Espírito Santo, que escreve a lei de Deus em nosso coração (Hb 10:15-17), “o preceito da lei se cumpre em nós” (Rm 8:4) e passamos a cumprir “toda a lei” (Gl 5:14; cf. Rm 13:8-10). Afinal, o próprio Paulo afirma que a lei é “santa” (Rm 7:12), “espiritual” (v. 14) e “boa” (v. 16). [MC]

PERGUNTAS PARA DISCUSSÃO:

1. Alguns cristãos afirmam que, no Antigo Testamento, as exigências de Deus eram maiores, mas que Jesus exige menos de Seus seguidores. À luz do que o próprio Jesus ensinou, como devemos avaliar essa ideia? Leia Mateus 5:20, 27, 28.
2. O apóstolo João diz que os mandamentos de Deus “não são pesados” (1Jo 5:3, NVI). Como podemos harmonizar esse fato com a resposta anterior?
3. Qual foi a atitude de Jesus em relação aos mandamentos de Deus? Leia João 15:10.
4. Para que serve a lei de Deus? Leia Tiago 1:23-25.
5. Qual o principal motivo para praticarmos a lei de Deus? Leia João 14:15.
6. Agora que você já sabe sobre a importância da lei de Deus, leia-a em sua Bíblia: Êxodo 20.

SAIBA MAIS:

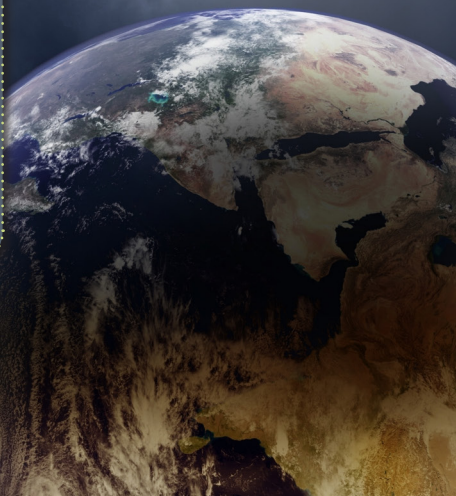
- Alberto R. Timm, *O Sábado na Bíblia* (Tatuí, SP: Casa Publicadora Brasileira, 2010).
- Loron Wade, *Os Dez Mandamentos: Princípios divinos para melhorar seus relacionamentos* (Tatuí, SP: Casa Publicadora Brasileira, 2006).
- *Parousia: Revista do Seminário Adventista Latino-Americano de Teologia*, ano 9, nº 2 (2º semestre de 2010) e ano 10, nº 1 (1º semestre de 2011), Unaspress. Edições sobre a lei de Deus e o sábado.

* Veja, por exemplo, George Mendenhall, “Ancient Oriental and Biblical Law”, *The Biblical Archeologist*, v. 17, nº 2 (maio de 1954), p. 25-46; Meredith G. Kline, *The Structure of Biblical Authority* (Grand Rapids, MI: Eerdmans, 1972).

#16 UMA FATIA DA ETERNIDADE

Explicações astronômicas podem ser dadas para os anos, meses e dias, mas não para o ciclo semanal. Ao olharmos para os povos do passado, podemos observar que sempre houve uma divisão de tempo chamada “semana”, consistindo de sete dias, sendo o sétimo, o sábado, com um nome formado a partir de uma raiz comum – nas línguas semíticas *sbt* ou *spt* – que em vários idiomas significa “descanso”. Algo, no mínimo, curioso.

Muitas tentativas têm sido feitas para encontrar a origem do ciclo semanal e do sábado. Atualmente, todas essas teorias são consideradas como altamente especulativas, mesmo por eruditos não religiosos, e nenhuma desfruta de aceitação geral.[*] A origem do ciclo semanal permanece sem explicação, além daquela apresentada na Bíblia. O que há de tão especial no último dia da semana, o sábado? Qual a sua origem e propósito? Continue a leitura e você descobrirá a beleza que reside nas 24 horas desse dia.



DESCANSOS

Podemos listar pelo menos três benefícios que Deus deseja oferecer para Seus filhos e filhas por meio desse dia. O sétimo dia da semana aparece pela primeira vez em Gênesis 2:1-3, como um presente a toda humanidade, assim como o matrimônio (Gn 1:28). O texto bíblico nos diz que, no sétimo dia, Deus: (1) descansou de toda a Sua obra (v. 2); (2) abençoou esse dia (v. 3); (3) e o santificou (v. 3). Evidentemente que Deus não Se cansa (Is 40:28). Ao contrário, Ele é que renova as nossas forças (Is 40:29). Então, qual o motivo do descanso dEle no sábado?

É importante lembrar mais uma vez o princípio ensinado pelo próprio Jesus, no Novo Testamento. “O sábado foi estabelecido por causa do homem, e não o homem por causa do sábado” (Mc 2:27). Como um pai que deixa o exemplo para o filho, assim Deus estava ensinando ao primeiro casal, criado no dia anterior (Gn 1:26-31), qual era o dia específico para descanso.

Há um detalhe importante a ser ressaltado: o verbo hebraico utilizado em Gênesis 2:2 para descansar é *shabat*, que tem sua origem em outro verbo, *yashab*, cujo significado é “sentar”. Qual é a implicação disso? Após uma longa e exaustiva caminhada durante a semana, o sábado é o dia em que nos sentamos para descansar fisicamente. Antes de continuar a caminhada, Deus proporciona um *break* para Seus filhos.

O sétimo dia da semana também é o dia de relaxar. Em Êxodo 20:8-11, no quarto mandamento, somos informados de que Deus “descansou neste dia de toda obra que como Criador fizera” (v. 11). Em português, não vemos diferença entre a atividade de Deus em Gênesis e em Êxodo. No entanto, no original hebraico, podemos notar uma diferença. O verbo ali não é *shabat*. O verbo em Êxodo 20:11 é *nuah*. Não se trata de descanso apenas no sentido físico. *Nuah* tem a ideia de tranquilidade, repouso e relaxamento. Para aqueles que vivem uma vida agitada, dividida entre trabalhos e estudos, o sábado se apresenta como um oásis no meio do deserto! Não é apenas descanso físico; é também descanso mental.

Um terceiro benefício pode ser encontrado na última parte de Êxodo 31:17. Novamente, somos informados de que Deus criou o mundo em seis dias e descansou no sétimo, mas o texto adiciona a frase “e tomou alento”, que é a tradução do verbo *nafash*, cujo significado é “tomar fôlego/alento”. Digno de nota é o fato de que tal verbo está relacionado com o substantivo *nefesh*, que significa “pessoa”, “ser vivo” e “vida”. Qual é a relevância disso?

O “tomar fôlego/alento” de Êxodo 31 tem a mesma ideia no Salmo 23:3, um dos capítulos mais amados pelos cristãos em todos os tempos. Descrevendo o cuidado do Pastor para com a ovelha, o salmista diz que Ele “refrigera-me



UMA FATIA DA ETERNIDADE

a alma [*nefesh*]”, fazendo-a repousar em pastos agradáveis e águas tranquilas (v. 2). Que maravilhoso *insight* sobre o papel do sábado na vida do ser humano! Quando devidamente observado, esse período de tempo renova a *nefesh*, renova nossa vida.

PRÁTICA INVALIDADA?

Somos informados pelo Novo Testamento de que Jesus, o personagem principal da fé cristã, observava o sábado (Lc 4:16); que Paulo, o grande missionário do cristianismo primitivo, também observava esse dia (At 13:14, 27, 42, 44). Mesmo diante desses textos, muitos cristãos afirmam que o domingo, e não o sábado, é o correto dia de guarda. A tese doutoral do erudito Samuele Bacchiocchi, que abordou extensamente o tópico da mudança do sábado para o domingo, deixou claro que essa mudança foi feita no 2º século depois de Cristo, quando alguns “Pais da Igreja” estavam sendo influenciados pelo sentimento antissemita da época, bem como pelo mitraísmo (o culto ao Sol) tão difundido pelo Império Romano. Ou seja, nem Jesus, nem Seus apóstolos são responsáveis por essa alteração.

Para muitos cristãos, Colossenses 2:16 ensina que o mandamento do sábado foi abolido. Nesse texto, a expressão “festas, luas novas e sábados”, retirada do Antigo Testamento, se refere a todo o ritual do santuário (principalmente os sacrifícios) desenvolvido anual, mensal e semanalmente (Nm 28-29; 1Cr 23:30, 31; 2Cr 2:4; 8:12, 13; 31:3; Ne 10:32, 33; Is 1:13, 14; Ez 45:17; Os 2:11). A parte que diz “comida e bebida” está relacionada aos rituais do santuário que envolviam esses elementos (Êx 29:40, 41; Lv 23:37; Nm 28:5-10, 12-14). Em Colossenses 1-3, Paulo fala do que Cristo realiza por nossa salvação, na cruz e no Céu (Cl 1:13, 14, 20, 22; 2:11-15; 3:1). O santuário era apenas uma “sombra” ou símbolo daquilo que seria feito por Cristo (Hb 8:5; 9:9-12; 10:1). Portanto, esse texto não diz que os sábados foram abolidos, e sim os sacrifícios desenvolvidos no santuário nesse dia.

CONCLUSÃO

Em suma, o sábado é um símbolo preciso do que é a salvação. Em lugar de santificar um local, Deus santificou o tempo, e o tempo sempre vem ao nosso encontro, semanalmente. Da mesma forma, temos a garantia de que nosso Deus é aquele que sai ao nosso encontro quando insistimos em viver longe de Sua presença.

O que impede você de desfrutar as horas tão abençoadas do próximo sábado? Faça um plano com Deus e aproveite o descanso físico e mental e a renovação da vida. Não restam dúvidas de que o sábado é uma fatia semanal da eternidade! [LGA]

PERGUNTAS PARA DISCUSSÃO:

1. Leia Isaías 58:13, 14. Que princípios básicos podemos extrair desse texto para desfrutarmos sábados agradáveis?
2. Em Êxodo 35:3 é dada uma ordem para não acender fogo no sábado. Isso significa que Deus é contra cozinhar nesse dia? Qual a diferença entre acender fogo por volta do ano 1400 a.C. e hoje? Que princípio podemos extrair desse texto?
3. O próprio Filho de Deus operou várias curas no dia de sábado. O que isso sugere em relação à ideia de que o sétimo dia deve ser observado em ociosidade?
4. Como você responderia a alguém que afirma que o sábado foi abolido por ocasião da morte de Jesus? Leia Mateus 5:17; Romanos 3:23; Apocalipse 14:12.

SAIBA MAIS:

- Alberto R. Timm, *O Sábado na Bíblia* (Tatuí, SP: Casa Publicadora Brasileira, 2010).
- Carlyle B. Haynes, *Do Sábado Para o Domingo* (Tatuí, SP: Casa Publicadora Brasileira, 2001).
- Samuele Bacchiocchi, *From Sabbath to Sunday: A Historical Investigation of the Rise of Sunday Observance in Early Christianity* (Roma: Pontifical Gregorian University Press, 1977).

Notas:

[*] Veja uma análise da questão, por exemplo, em Niels-Erik A. Andreasen, *The Old Testament Sabbath: A Tradition-Historical Interpretation* (Missoula, MT: Society of Biblical Literature, 1972), p. 1-16; Gerhard F. Hasel, "The Sabbath in the Pentateuch", em *The Sabbath in Scripture and History*, ed. Kenneth A. Strand (Washington, DC: Review and Herald Publishing Association, 1982), p. 21, 22; Gnana Robinson, *The Origin and Development of the Old Testament Sabbath: A Comprehensive Exegetical Approach* (Frankfurt: Peter Lang, 1988), p. 27-37; Anne-Maree Hope, "The Legitimacy and Suitability of the Sabbath as a Symbol of the Eschatological Age" (tese de Ph.D, Griffith University, 2005), p. 51-59.

#17 HORA DE TROCAR DE ROUPA



Quão agradável é a sensação de tomar um banho e se trocar, seja depois de uma chuva intensa ou mesmo após um dia cansativo de trabalho. Também na vida espiritual somos convidados a trocar de roupa. Comumente, cometem-se injustiças ao se analisar o caráter de alguém pela maneira como a pessoa se veste. Todavia, ao mesmo tempo, a maioria das pessoas usa roupas de acordo com o gosto, a personalidade, os valores, a comunidade, entre outros fatores. Nossas roupas falam um pouco sobre quem somos. Talvez por isso, na Bíblia, as roupas sejam usadas como símbolo do caráter da pessoa.

Sendo assim, quando Deus ou um de Seus servos fala, metaforicamente, a respeito de troca de roupas, isso se refere à mudança de caráter. A verdade é que Deus sabe qual a melhor vestimenta devemos usar e Ele oferece a roupa (o caráter) de Jesus para com ela nos cobrir. O apóstolo Paulo escreveu sobre isso na carta aos habitantes da antiga cidade de Colossos, localizada na Ásia Menor (Cl 3:3-17).

TIRE A ROUPA SUJA

Paulo começa seu assunto no versículo 5 de forma dramática: há uma ligação entre o “façam morrer” desse verso com o “morreram” do verso 3, indicando que a “morte do eu” na vida espiritual é um evento que já aconteceu, mas que tem de ser continuamente renovado.[1] Parafrazeando, teríamos algo assim: “Que vosso próprio eu antigo, vossa vida pagã, que morreu no batismo, permaneça morto”.

Paulo fala de “fazer morrer a natureza terrena” ou, em outra tradução, “os vossos membros terrenos” (BJ). O uso do termo “membros” serve de metonímia para os pecados praticados por eles.[3] O pecado se acha entretecido “com todas as fibras de nosso ser”, é “uma parte integral de nós mesmos”; logo, combatê-lo é “uma luta contra nós próprios”. [4] Entretanto, o processo de mortificação dos membros que aparece na carta aos Colossenses é algo ético, não físico.[5]

Mas que tipo de roupas sujas nós usamos antes de conhecer a Cristo? Há dois tipos:

Roupas de baixo sujas. A primeira lista de erros (v. 5) contém pecados mais detestáveis e vulgares, como: (a) imoralidade sexual; (b) impureza: refere-se mais a uma tendência do comportamento; (c) paixão: impulso nato do ser humano, o qual distorce suas afeições e, sem que ele peça ajuda a Deus, o domina (1Ts 4:5; Cl 3:7); (d) desejos maus: qualificam a perversão dos desejos naturais do ser humano; (e) ganância: o termo se refere ao desejo de ter mais, adquirindo sentido sexual, devido ao contexto.

Roupas comuns sujas. A segunda lista (v. 8) de pecados aparentemente menos graves, mas igualmente ofensivos a Deus, traz: (a) ira; (b) indignação; (c) maldade: o substantivo usado por Paulo indica “maldade, depreciação, malignidade”[7]; (d) maledicência: apesar de que “a palavra ‘blasfêmia’ está praticamente limitada à linguagem difamatória acerca da majestade divina”,[8] ela é empregada aqui com o sentido de falar mal de outrem, de forma generalizada; (e) linguagem indecente ao falar: o apóstolo reforça o cuidado com a linguagem quando, a seguir, ordena que os cristãos “não mintam uns aos outros” (v. 9).

O que fazer com toda essa roupa suja grudando em nosso corpo? Paulo diz que os cristãos “já [se] despiram do velho homem com suas práticas” (v. 9). Entretanto, não basta tirar a roupa suja – é preciso colocar a roupa limpa.

VISTA A ROUPA LIMPA

Reunidos em Cristo (v. 10, 11), usando o caráter dEle para cobrir nossa vergonhosa nudez, podemos viver sem distinções e preconceitos! Uma nova



HORA DE TROCAR DE ROUPA

vida está à sua disposição, basta que você troque as roupas imundas do pecado e aceite os finos trajes da Justiça. O que o escritor da carta aos Colossenses tem a nos dizer sobre esses trajes?

Paulo nos apresenta uma lista de virtudes cristãs (v. 12), como segue: (a) compaixão: essa palavra expressa “piedade, compaixão, misericórdia”[9]; (b) bondade: ganha um alcance universal, fruto de atitude desinteressada, que leva a fazer o bem sem esperar nada em troca; (c) humildade: no escopo da religião da cruz, ser humilde é imprescindível para começar uma vida nova; (d) mansidão: implica em ser gentil, cortês, amoroso, mesmo em face das pressões e dissabores; (e) paciência: pressupõe um ânimo redobrado, que leva o sujeito a não desistir diante de provações ou provocações.

Paulo recomenda o perdão (v. 13) como um adorno necessário para o convívio com outras pessoas cristãs. Em seguida, o apóstolo menciona o amor, chamado por ele de “o elo perfeito” (v. 14, NVI). Aliás, quando Paulo escreve “acima de tudo [...] revistam-se do amor”, a expressão “‘acima de tudo’ pode transmitir o pensamento de ‘por cima de todas as demais roupas’”,[10] como se o amor fosse uma espécie de *sobretudo*. Para muitos estudiosos, a expressão “vínculo da perfeição” significa que o amor é o que une as demais características citadas e nos conduz à perfeição, ou seja, “à obtenção de [nosso] ideal”. [11]

DESEFRUTANDO DAS NOVAS ROUPAS

A nova vida passa a ser vida de paz (v.14), que, assim como o termo hebraico *Shalom*, apresenta uma vida integral, completa, harmônica. Paulo, empregando seu estilo literário característico, deseja que a Palavra de Deus “habite ricamente” nos cristãos, o que lhes moldará a vida, a qual passará a focar a instrução mútua, o louvor e a obediência a Cristo em todos os quesitos (v. 17). Sobre o louvor, é interessante que Hendriksen afirma que, enquanto as pessoas em geral se sujeitam a músicas de um “baixo padrão moral”, sendo, assim, “emocionalmente ultraestimuladas”, os cristãos, por sua vez, “fixam o interesse na palavra de Cristo que habita os Seus servos, e desvia a atenção da cacofonia mundana”. [12] Os cristãos são diferentes em tudo: em seu comportamento, em sua comunhão e até nas músicas que escutam. Deus lhes deu roupas novas – e limpas!

Por que tremer de frio, quando uma boa ducha o espera? Por que ficar com uma roupa grudenta, quando há roupas limpas no armário? Troque de roupa. Deus lhe oferece uma vida digna e nova. Vestes não rasgadas. Roupas sem manchas. Bainhas feitas. Colarinhos limpos. Deus disponibiliza uma vida semelhante à de Jesus. Como recusar algo tão confortável e feito sob medida para atender nossas necessidades? [DR]

PERGUNTAS PARA DISCUSSÃO:

1. Pense em uma pessoa que você conheça (seja ela uma celebridade ou anônima) que represente na vida diária os ideais da vida cristã. Que características você vê nessa pessoa?
2. Analisando sua vida, em que áreas você sente maior dificuldade para viver a mensagem cristã?

SAIBA MAIS:

- Francis Schaeffer, *Verdadeira Espiritualidade: Uma vida cheia de beleza, que edifica e inspira* (São Paulo: Editora Cultura Cristã, 2008).
- Ellen G. White, *Caminho a Cristo* (Tatuí, SP: Casa Publicadora Brasileira, 2004).
- <http://www.perguntas.criacionismo.com.br/2010/10/importa-realmente-o-que-vestimos.html> (acessado em 7 de julho de 2011).

Notas:

1. William Hendriksen, *Colossenses e Filemom* (São Paulo: Casa Editora Presbiteriana, 1993), p. 181.
2. Ralph P. Martin, *Colossenses e Filemom: Introdução e comentário*, Série Cultura Bíblica (São Paulo: Sociedade Religiosa Edições Vida Nova, 2006), p. 113.
3. Hendriksen, op. cit., p. 182.
4. Guy Appéré, *O Mistério de Cristo: Meditações sobre Colossenses* (Durham, Inglaterra: Edições Peregrino, 1990), p. 102, 103.
5. W. E. Vine, Merrill F. Unger, William White Jr., *Dicionário Vine: O significado exegético e expositivo das palavras do Antigo e do Novo Testamento* (Rio de Janeiro: Casa Publicadora das Assembleias de Deus, 2005), p. 781, verbete “membros”.
6. Hendriksen, *ibid.*
7. W. E. Vine *et al.*, op. cit., p. 766, 767, verbete “maldade”.
8. *Ibid.*, p. 435, verbete “blasfemar”.
9. Carlo Rusconi, *Dicionário do Grego do Novo Testamento* (São Paulo: Paulus, 2005), p. 329, verbete “οὐκαιοσύνη”.
10. Ralph P. Martin, op. cit., p. 124.
11. Hendriksen, op. cit., p. 199.
12. Hendriksen, *ibid.*, p. 204. -

A VIDA COMO

#18 A VIDA COMO ELA DEVE SER

O livro *Magra & Poderosa*, das ex-modelos Rory Freedman e Kim Barnouin, começa com uma admissão interessante: “Espere! Temos uma confissão a fazer. Na verdade, não damos a mínima para a magreza. Não se assuste nem se aborreça: você definitivamente vai emagrecer se adotar o estilo de vida Magra & Poderosa. Nossa esperança, porém, é que você se torne saudável. Não queremos que ninguém fique obcecada em emagrecer. Quando você se alimenta corretamente e se exercita, sente-se forte, saudável e confiante. Começa a gostar do próprio corpo – não porque emagrece – mas porque se sente bem. Você finalmente estará tratando seu corpo como o templo que ele é.”

Rory e Kim trabalham muito bem temas como o vegetarianismo, os problemas envolvidos no consumo de leite e ovos e a necessidade de abandonar “porcarias” (elas chamam assim mesmo) como refrigerantes, álcool e café. Claro que a motivação delas não é religiosa, por isso mesmo não percebem que as dicas que dão são bem antigas e muito mais sérias.



Milênios antes de essas autoras nascerem, a Bíblia já trazia princípios importantes para a manutenção do correto estilo de vida, aquele que promove a boa saúde. Isso porque a Palavra de Deus também pode ser comparada a um manual. Seguindo-o, você pode ter mais saúde física, mental e espiritual.

Vejamos alguns detalhes relacionados com esse estilo de vida ideal (confira os textos em sua Bíblia):

1. Quando o ser humano foi criado, que alimentos foram indicados no regime alimentar original dado por Deus? Leia Gênesis 1:29. Um estudo da Universidade Heinrich-Heine, na Alemanha, traz evidências de que o consumo de frutas e legumes pode melhorar o aprendizado, a memória e o raciocínio.[1] Os benefícios físicos dessa dieta já são bem conhecidos.
2. Quando foi permitido ao ser humano comer carne? Leia Gênesis 9:1, 3 e 4. Após o dilúvio e antes de as plantas crescerem, numa situação de emergência, Deus permitiu que Noé e sua família comessem carne (de animais “limpos”, que estavam em maior quantidade na arca).
3. Quais as duas características dos animais limpos indicados por Deus? Leia Levítico 11:3 e Deuteronômio 14:2-8 (ele tem que ruminar e ter as unhas fendidas, como o boi, por exemplo). A cisticercose e a triquinose são graves problemas oriundos da utilização da carne de porco. Além disso, o Instituto Oswaldo Cruz descobriu que a transmissão do vírus da hepatite E, no Brasil, está ligada ao consumo de carne de porco mal passada.[2]
4. Quais as duas características dos peixes limpos? Leia Deuteronômio 14:9 (seres aquáticos próprios para consumo humano têm que ter barbatanas e escamas). A Bíblia considera como peixes todos os animais aquáticos. Portanto, camarão, lagosta e siri são também considerados imundos, ou inapropriados para alimentação humana. Detalhe: a ingestão de marisco parece causar diabetes tipo 2, conforme revelou um estudo publicado na revista *Diabetes Care*. [3]
5. A Bíblia aprova o consumo de bebidas alcoólicas? Leia Provérbios 20:1; Isaías 5:11 e Efésios 5:18. Está cientificamente provado que o álcool, mesmo ingerido em pequenas quantidades, interfere na atividade cerebral. O cérebro é nossa “antena” de comunicação com Deus e não deve ser prejudicado por qualquer substância nociva. O álcool é responsável por 4% de todas as mortes no mundo. De acordo com o relatório *Global Status Report on Alcohol and Health*, divulgado pela Organização Mundial de Saúde, cerca de 2,5 milhões de pessoas morrem anualmente em decorrência do consumo de álcool – número maior que as mortes causadas pela AIDS, tuberculose ou violência física.[4]

6. Qual é o fim dos que comem e bebem aquilo que Deus proibiu? Leia Isaías 66:17. É a lei da causa e efeito. A Bíblia ensina a maneira ideal de se viver. Qualquer coisa diferente disso trará suas consequências negativas.

Será que tudo isso funciona mesmo? Segundo matéria publicada no site Nutrição em Pauta, “os adventistas do sétimo dia (ASD) têm sido objeto de muitos estudos epidemiológicos. Os resultados sugerem fortemente que os ASD estão vivendo mais por seguirem certos princípios dietéticos herdados a partir de suas crenças religiosas, como vegetarianismo, ênfase no consumo de grãos integrais, frutas, hortaliças e abstinência de tabaco e álcool. [...] Adventistas vegetarianos californianos tendem a ser menos obesos, bebem menos café [na verdade, a orientação da igreja é de se evitar a cafeína], comem mais leguminosas e produtos à base de proteína vegetal.

Além disso, exercitam-se com maior regularidade. Tanto a ausência de carne quanto a adição de frutas, castanhas e hortaliças parecem exercer grande influência na prevenção de câncer e doença cardíaca, bem como no aumento da longevidade. [...] A experiência de saúde da população ASD tem sido estudada por pelo menos 51 anos.

Existem mais de 300 artigos científicos abordando estudos sobre a saúde dos ASD publicados em periódicos científicos da Dinamarca, Holanda, Noruega, Japão, Austrália, além dos bem conhecidos estudos da Universidade de Loma Linda, Califórnia, EUA”. [5]

O jornal norte-americano *Daily Mail*, em sua edição de 20 de novembro de 2008, traz uma matéria sobre longevidade. Entre as dicas para viver mais apontadas na matéria – use fio dental, vá à igreja, ria diariamente, etc. –, está esta: “Seja um adventista do sétimo dia”. O texto diz: “Os adventistas do sétimo dia vivem em média quatro anos a mais que o resto de nós [...]. Analisando dados obtidos das dietas dos adventistas do sétimo dia que são vegetarianos estritos e outros estudos a longo prazo, o Dr. [Pramil] Singh afirma que ‘os que são vegetarianos há um bom tempo têm uma vantagem de 3,6 anos de vida e vivem cerca de 86,5 anos’.”

Você quer viver mais e melhor? Siga estes princípios bíblicos: temperança (equilíbrio em tudo); regime alimentar apropriado (o mais natural possível); uso abundante de água (seis a oito copos por dia, entre as refeições); ar puro; luz solar em horários apropriados; exercício físico e repouso; confiança em Deus.

Acredite: funciona! E é o que Deus quer para você. [MB]

PERGUNTAS PARA DISCUSSÃO:

1. O que devemos ter em mente em tudo o que fazemos, inclusive no comer e no beber? Leia 1 Coríntios 10:31.
2. Qual é o principal motivo por que devemos cuidar da saúde? Leia 1 Coríntios 3:16, 17; 6:19.
3. Por que devemos glorificar a Deus em nosso corpo? Leia 1 Coríntios 6:20.
4. Como devemos apresentar nosso corpo a Deus? Leia Romanos 12:1.
5. Qual é o desejo de Deus quanto à nossa saúde? Leia 3 João 2.
6. O que devemos fazer para ter saúde? Leia Êxodo 15:26.

SAIBA MAIS:

- Ellen G. White, *A Ciência do Bom Viver* (Tatuí, SP: Casa Publicadora Brasileira, 2000).
- M. Charlotte Holmes, *Os Campeões São Vegetarianos* (Tatuí, SP: Casa Publicadora Brasileira, 2008).
- Jiří Moskala, *The Laws of Clean and Unclean Animals in Leviticus 11: Their Nature, Theology, and Rationale: An Intertextual Study* (Berrien Springs, MI: Adventist Theological Society Publications, 2000).
- Gerhard F. Hasel, "Clean and Unclean Meats in Lev 11: Still Relevant?", *Journal of the Adventist Theological Society*, ano 2, nº 2 (outono de 1991), p. 91-125.

Notas:

1. <http://saude-familia.blogspot.com/2009/10/frutas-e-legumes-para-saude-cognitiva.html> (acessado em 7 de julho de 2011).
2. <http://www.criacionismo.com.br/2010/08/carne-de-porco-pode-transmitir-hepatite.html> (acessado em 7 de julho de 2011).
3. <http://saude-familia.blogspot.com/2009/11/ingestao-de-marisco-aumenta-risco-de.html> (acessado em 7 de julho de 2011).
4. <http://veja.abril.com.br/noticia/saude/alcool-mata-mais-do-que-aids-tuberculose-e-violencia> (acessado em 7 de julho de 2011).
5. http://www.nutricaoempauta.com.br/lista_artigo.php?cod=456 (acessado em 7 de julho de 2011).



#19 A CIDADE MARAVILHOSA DE DEUS

Qualquer criança conhecia a onomatopeia correspondente ao som das metralhadoras. Qualquer pai, embora fisicamente no trabalho, mantinha a mente voltada para a segurança das crianças. As ruas desertas; de certo, os táxis desertaram. O Rio de Janeiro viveu momentos de tensão. A todo momento poderiam fazer você descer do carro e correr, enquanto gasolina era jogada sobre o veículo, que logo se tornaria um monumento incandescente, desafiando o poder público. Nem o transporte coletivo escapava das chamadas criminosas!

A polícia carioca resolveu responder à altura. As imagens vistas pelo mundo afora durante as últimas semanas de novembro de 2010 desafiaram a falácia de que vivemos em um país sem guerras. Soldados pintaram o rosto. A Vila Cruzeiro foi invadida por tanques de guerra, os quais ladeavam os “caveirões” do BOPE na ação de acuar os criminosos. No dia 26 de novembro, chegou a vez de a Comunidade do Alemão receber uma visita de homens armados. Tudo parecia uma continuação desafortunada do filme Tropa de Elite, sucesso do cinema nacional, o qual retrata justamente a violência carioca.

O Rio de Janeiro, cidade turística, palco dos Jogos Pan-americanos, uma das cidades que receberão os jogos da próxima Copa do Mundo, o Rio das maravilhas naturais, das praias, da natureza, enfim: o Rio refém de si mesmo, da condição humana, de décadas de descaso, da impotência dos governantes em resolver a crescente criminalidade. O Rio, que é governado pelos chefões do tráfico, os quais, a uma chamada de celular, resolvem quem vive e quem morre, enquanto o sistema carcerário os mantém confortáveis em suas celas. Infelizmente, o quadro não guarda muitas diferenças de outras capitais brasileiras...

VISITA AO MUNDO PERVERSO

Será que tudo isso tem solução? De onde se pode esperar uma solução? Certamente, se mudarmos o foco, veremos outras cidades e, até mesmo, países vítimas de conflitos, guerras civis, conflitos étnicos, corrupção, desemprego, violência e catástrofes naturais. Que lugar oferece segurança absoluta? Cada vez mais, a criminalidade se interpõe entre os sonhos da sociedade de consumo, que podem desembocar na realidade sanguinolenta da próxima esquina.

Certamente, as balas perdidas da indiferença e maldade chegam até o Céu. Há um Deus que sofre em meio às lágrimas daqueles que se veem cercados por traficantes e bandidos. A Bíblia diz que Deus visitou a Terra quando a perversidade dos seres humanos atingira um ponto limítrofe (Gn 6:5). Pois esse Deus visitará novamente a Terra para acabar de vez com nosso pranto cansado e nossa voz amargurada. Ele, que prometeu “novos céus e Nova Terra, nos quais habita a justiça” (2Pe 3:13), hoje estende a mão para socorrer as vítimas da maldade e dos interesses escusos. Apenas em Deus se pode confiar em tempos que, nas palavras de Paulo, seriam “difíceis” (2Tm 3:1; ou “terríveis”, NVI).

A paz que o coração humano almeja respirar está guardada no alforje daquele que nos dará uma “herança que jamais poderá perecer, macular-se ou perder o seu valor” (1Pe 1:4, NVI). Para quem mantém essa esperança, a despeito de quaisquer probantes circunstâncias, Deus afirma: Ele “não se envergonha de ser chamado o Deus deles, e lhes preparou uma cidade” (Hb 11:16, NVI). Deus oferece para todos os que nEle confiarem a verdadeira Cidade Maravilhosa, onde viveremos com Ele para sempre! Por que não aceitar o convite amoroso daquele que diz: “Faço novas todas as coisas” (Ap 21:5)?

O CAMINHO PARA A CIDADE DE DEUS

Em 2004, o mundo se surpreendeu com a força destruidora de um tsunami (termo até então pouco conhecido); estima-se que mais de 230 mil vidas

foram ceifadas pela catástrofe. Mas se engana quem pensa que se trata de um fenômeno recente. Ao longo da História, outros tsunamis afetaram a Jamaica (1692), Portugal (1755), Chile (1835), entre outros países. O “recordista” parece ser o Japão (1707, 1896, 1933, 1993 e 2011).

Em 29 de setembro de 2009 a tragédia voltou a abater o Oriente. Um terremoto (que alguns apresentam como sendo de magnitude 8,3 na escala Richter, enquanto outros afirmam que foi de 7,9) provocou novo tsunami. A Samoa e demais ilhas do Pacífico sentiram os efeitos do fenômeno, provocado por um terremoto. Ondas com até três metros de altura invadiram as cidades e levaram pânico aos moradores locais. Houve centenas de vítimas.

Em 2010, mal se teve tempo para contabilizar as mortes causadas pelo terremoto no Haiti em janeiro (estima-se que 200 mil pessoas perderam a vida com a tragédia): o Chile também foi vítima de um terremoto de magnitude 8,8. Na Europa, o número de mortos em Portugal, Espanha e França chegou a cerca de 50, desde que as tempestades começaram a atingir esses países, deixando mais de um milhão de casas sem eletricidade. Poderíamos pensar igualmente nas fortes chuvas que afetaram São Paulo, no início do mesmo ano de 2010, e as fortes chuvas que causaram destruição na cidade de Campo Grande. Afinal, o que está acontecendo com o clima do planeta?

Quando lemos Mateus 24, Jesus nos fala ali sobre os sinais que antecediam Sua vinda (v. 21-31, 36-44). O texto apresenta uma situação que ilustra a segunda vinda: a destruição de Jerusalém (ocorrida em 70 d.C.). Tanto naquela ocasião como no retorno de Cristo, o ciclo de crises que o mundo enfrentaria é comparado às dores de uma parturiente (Mt 24:8; cf. 1Ts 5:3). As dores aumentam insuportavelmente, mas, de repente, cessam. Depois, as contrações retornam com maior intensidade, e cessam. Finalmente, quando a dor se torna insuportável, é a hora de um bebê vir ao mundo!

Jesus prometeu voltar de forma visível, nas nuvens dos céus, acompanhado pelos Seus anjos (Mt 24:30, 31). O retorno dEle literal à Terra despertará reações antagônicas: aqueles que se prepararam O saudarão festivamente (Is 25:9); os demais, que não se importaram, temerão o Senhor Jesus (Ap 6:15-17). Será liberdade para o povo de Deus e punição aos que o oprimiam e se conduziam de forma ímpia (Dn 12:1; 2Ts 1:6-10). A Bíblia também afirma que, na ocasião do retorno do Salvador, ocorrerá a ressurreição de todos aqueles que morreram fiéis a Cristo e à esperança de Sua breve vinda (Dn 12:2; 1Ts 4:15-18).

A má notícia: nada melhorará. Catástrofes se sucederão, causando pavor e destruindo vidas. A boa notícia: tudo isso não é o fim, mas aponta para o retorno do Senhor Jesus. Devemos atentar para essas coisas com a consciência de

que o mundo está com a data de validade vencida. Mesmo sem saber quando Jesus virá (Mt 24:36), os sinais nos apontam que Ele em breve voltará e devemos nos preparar para encontrá-Lo. [DR]

PERGUNTAS PARA DISCUSSÃO:


1. Leia a promessa de Jesus em sua Bíblia: João 14:1-3. O que mais lhe parece atraente nessa promessa?
2. Faça um gráfico, apontando em detalhes *como* Jesus voltará. Leia Mateus 24:27, 30; Lucas 21:27; Atos 1:1; Apocalipse 1:7.
3. Sabendo que Jesus voltará para levar os que O aceitaram como Salvador, que conselho nos dá a Bíblia? Leia Lucas 21:34, 36.
4. Como você poderia compartilhar a mensagem da volta de Jesus com outras pessoas nesta semana?

SAIBA MAIS:

- Ellen G. White, *O Grande Conflito* (Tatuí, SP: Casa Publicadora Brasileira, 2007).
- C. Mervyn Maxwell, *Uma Nova Era Segundo as Profecias do Apocalipse* (Tatuí, SP: Casa Publicadora Brasileira, 2002).
- “*Sinais do fim – todos de uma vez*” (<http://www.criacionismo.com.br/2011/03/sinais-do-fim-todos-de-uma-vez.html>).

Notas:

#20 VIDA ALÉM DA VIDA



A expectativa de vida média do ser humano é inferior a 30 mil dias. Como dormimos a terça parte desse tempo, na verdade, vivemos menos de 20 mil dias.[1] Para Schopenhauer, “o problema da morte encontra-se no princípio de toda filosofia”. Freud, num ensaio de 1914, intitulado *Thoughts for the Times on War and Death* (Reflexões Sobre os Tempos de Guerra e Morte), sugere que, “se você quiser suportar a vida, prepare-se para a morte”. [2] Segundo ele e muitos outros psiquiatras, “para viver plenamente, é preciso dar uma solução ao problema da morte. Se o deixarmos sem solução, gastamos energia demais em negá-lo, ou ficamos obcecados por ele”. [3] Então, parece que duas coisas são certas: (1) a vida é bem curta e (2) a morte preocupa todo ser humano a partir do momento que toma conhecimento dessa dura realidade.

Para entender o que ocorre conosco na morte é preciso que se entenda *o que é* o ser humano. Ao criar Adão, Deus utilizou dois elementos: o pó da terra e o fôlego de vida. E, conforme relata Gênesis 2:7, o homem “tornou-se alma vivente”. O texto não diz que Adão recebeu uma alma, mas sim que se tornou uma alma.

A consciência e a vida são, portanto, o resultado da harmoniosa relação entre o corpo (pó da terra) e o sopro ou fôlego de vida que Deus concedeu ao homem. Já a morte é o oposto da vida. Veja o que diz Eclesiastes 12:7: “E o pó volte à terra, como o era, e o espírito [fôlego] volte a Deus, que o deu”. Resumindo: pó da terra + fôlego de vida = alma vivente. Tira-se um dos elementos e a alma vivente deixa de existir.

Antes de Adão e Eva se desviarem da estrita obediência a Deus, Ele lhes havia feito a advertência de que, no dia em que comessem da árvore da ciência do bem e do mal, certamente morreriam (Gn 2:17). Mas Satanás introduziu uma mentira que dura até hoje. Disse ele: “Vocês não morrerão coisa nenhuma!” (Gn 3:4, NTLH).

Segundo o Dicionário Hebraico-Português & Aramaico-Português (Sinodal), a palavra “alma” (em hebraico, *nefesh*) significa “ser vivente, pessoa, vida”. Veja, por exemplo, Gênesis 1:20; 12:5; Êxodo 12:4. Em todos esses textos a palavra *nefesh* é utilizada com um desses significados. Há um texto bíblico, escrito pelo profeta Ezequiel, que deixa clara essa questão sobre a alma ser ou não imortal: “A alma que pecar, essa morrerá” (Ez 18:4). Existe algum ser humano que não peca? Não. Logo, todos são mortais. “A alma não possui existência consciente à parte do corpo, e em parte alguma a Escritura indica que por ocasião da morte a alma sobrevive como entidade consciente. Efetivamente, ‘a alma que pecar, essa morrerá’.”[4] O fato é que somente Deus é imortal (1Tm 6:15, 16).

COMUNICAÇÃO COM OS MORTOS?

De acordo com a Bíblia, apesar do que alguns dizem, é impossível haver comunicação com os mortos. Veja o que diz a Palavra de Deus em Eclesiastes 9:5, 6 e em Salmo 146:4. A Bíblia inclusive proíbe o envolvimento com práticas como a consulta aos mortos: “Não se achará entre ti [...] nem encantador, nem necromante, nem mágico, nem quem consulte os mortos; pois todo aquele que faz tal coisa é abominação ao Senhor” (Dt 18:10-12; leia também Is 8:19). Por isso, se você quer dizer algo, entregar uma flor ou fazer o bem a alguém, faça-o agora, pois na sepultura, “para onde tu vais, não há obra, nem projetos, nem conhecimento, nem sabedoria alguma” (Ec 9:10).

Quando Lázaro morreu, Jesus disse para Seus discípulos que iria despertá-lo do sono. Eles acharam aquilo estranho, pois não entenderam o que Cristo havia dito. Foi somente quando viram o morto (que já estava em estado de decomposição) sair da tumba, vivo, que entenderam aquelas palavras do Mestre (veja Jo 11:11-15). E é interessante notar também que, ao sair do sepulcro, Lázaro nada disse sobre alguma “experiência” após a morte. Ele simplesmente acordou.

Agora pense bem: Se Lázaro estivesse no Céu, não seria uma grande injustiça da parte de Jesus chamá-lo de volta a esta triste vida, sujeito às doenças

e, novamente, à morte? Não, Jesus não faria isso com ele, nem com ninguém. Lázaro estava dormindo, inconsciente, como ficam todos os que morrem.

Mas se os que morrem ficam inconscientes, não podem participar deste mundo e só voltarão à vida quando Cristo retornar, quem são os que aparecem dizendo ser “espíritos desencarnados”? De uma coisa jamais podemos nos esquecer: Satanás é um inimigo astuto e persistente. Ele pode “se transformar e parecer um anjo de luz” (2Co 11:14). Essas supostas “almas dos mortos” são, na verdade, “espíritos de demônios, que fazem milagres” (Ap 16:14).

O ser humano, uma vez “dormindo”, só poderá ressuscitar ao chamado de Jesus, em Sua segunda vinda. Os que estiverem vivos, por ocasião desse acontecimento, serão transformados (veja 1Co 15:51, 52) e, junto com os que estavam mortos (não antes, nem depois), subirão para se encontrar com Cristo (veja 1Ts 4:13-17), num arrebatamento que não terá nada de secreto.

Você percebe a astúcia do inimigo? Ele quer fazer com que os seres humanos creiam que a imortalidade lhes é um dom inerente. Assim, ninguém precisaria se preparar para a vinda de Cristo. O que Satanás prega é que todos são imortais. De um jeito ou de outro, a vida continuará. É a velha mentira do Éden: “Vocês não morrerão!”

Lembre-se do que disse Jesus: “Eu sou a ressurreição e a vida. Quem crê em Mim, ainda que morra, viverá” (Jo 11:25). Satanás não quer que as pessoas creiam em Jesus e vivam. Por isso, inventa todo tipo de falsas ideologias que, no fundo, servem para nos afastar de Cristo e eliminar nossa dependência dEle.

No último dia deste mundo, Cristo ressuscitará aqueles que aceitaram Seu convite para uma relação de amizade e companheirismo, e desenvolveram fé genuína. Por isso, para aqueles que “morrem no Senhor” (Ap 14:13), a morte não é o fim; é apenas um “sono” do qual despertarão quando Cristo voltar. [MB]

PERGUNTAS PARA DISCUSSÃO:

1. Leia Hebreus 9:27 e responda: A reencarnação é bíblica?
2. Leia e reflita nestes textos: João 5:39 e João 6:39.
3. Leia 1 Coríntios 15:54, Filipenses 3:11 e 2 Timóteo 4:8 para conhecer um pouco melhor a compreensão inspirada de Paulo sobre a morte.
4. Releia 1 Tessalonicenses 4:16 e 17. O que esses versos afirmam sobre o arrebatamento? Quando será? Será visível ou secreto?
5. Para saber o que ocorrerá após a volta de Jesus, consulte as lições 9 e 10 deste curso bíblico: www.curso-biblico.blogspot.com (leia em sua Bíblia os textos indicados).

SAIBA MAIS:

- Robert Leo Odom, *Vida Para Sempre* (Tatuí, SP: Casa Publicadora Brasileira, 2009).
- Samuele Bacchiocchi, *Imortalidade ou Ressurreição* – Uma abordagem bíblica sobre a natureza humana e o destino eterno (Engenheiro Coelho, SP: Unaspres, 2007).
- Michelson Borges, *Esperança Para Você* (Tatuí, SP: Casa Publicadora Brasileira, 2010). Boa parte deste estudo foi baseada nesse livreto.
- Dwight K. Nelson, *Ninguém Será Deixado Para Trás* (Tatuí, SP: Casa Publicadora Brasileira, 2003).
- “1 Samuel 28 apoia a necromancia e o espiritismo?” (<http://www.perguntas.criacionismo.com.br/2011/06/1-samuel-28-apoia-necromancia-e-o.html>)

Notas:

1. Armand M. Nicholi Jr., *Deus em Questão: C.S. Lewis e Freud debatem Deus, amor, sexo e o sentido da vida* (Viçosa, MG: Ultimato, 2005), p. 229.
2. *Ibidem*, p. 231.
3. *Ibidem*, p. 231, 232.
4. Nisto cremos: Ensinos bíblicos dos adventistas do sétimo dia (Tatuí, SP: Casa Publicadora Brasileira, 1997), p. 458.



#21 DEUS EM TODA A HISTÓRIA

O que faz o Deus cristão diferente de outros deuses, nos quais os povos acreditaram ao longo da História? Francis Schaeffer dizia que os deuses poderiam ser de dois tipos: pessoais ou infinitos. [1] Para ele, o Deus da Bíblia era o único a reunir as duas características. Note, por exemplo, um texto típico sobre isso: “Pois assim diz o Alto e Sublime, que vive para sempre, e cujo nome é santo: ‘Habito num lugar alto e santo [Deus é infinito], mas habito também com o contrito e humilde de espírito, para dar novo ânimo ao espírito do humilde e novo alento ao coração do contrito [Deus é pessoal]’” (Is 57:15).

Na narrativa de Daniel, é patente essa diferença entre *Yahweh* e os deuses babilônicos. Instados por Nabucodonosor a descrever seu sonho e a expor sua interpretação, os sábios retrucaram (Dn 2:11), que apenas os deuses poderiam atender o rei, mas os tais “não habitam com os homens” [deuses infinitos, impessoais]. Em contraste, na presença do rei, Daniel expressou haver “um Deus no céu” [infinito], o qual revela os mistérios [pessoal, pois Se comunica, revelando-Se e a Sua vontade aos homens]” (v.28). Esse é o Deus da Bíblia: um Deus que Se envolve. É “Deus conosco” (Mt 1:23).[2]

Neste estudo, veremos como Deus Se revela através das profecias e como podemos compreendê-las.

DESVENDANDO AS PROFECIAS

A profecia de Daniel 7 pode servir de modelo que mostra como esse livro e o Apocalipse devem ser interpretados. Esse capítulo descreve um sonho dado por Deus a Daniel. O sonho consiste em uma sequência de eventos: quatro grandes animais (v. 2-7), o chifre pequeno (v. 8), o juízo divino (v. 9-13) e o reino eterno de Deus (v. 14). Depois do sonho propriamente dito (v. 2-14), existe a interpretação dada por um ser celestial (v. 17-27). É explicado ao profeta, por exemplo, que os animais representam quatro reis/reinos (v. 17, 23).

Daniel 7 não especifica os nomes de cada reino, mas essa informação pode ser encontrada em outras partes do livro. Existe consenso entre os estudiosos (mesmo aqueles que não acreditam na historicidade de Daniel)[3] de que as profecias de Daniel 2, 7 e 8 são paralelas, ou seja, tratam essencialmente dos mesmos eventos. Portanto, o primeiro reino apresentado no livro de Daniel é Babilônia (Dn 2:37, 38), que existia no tempo do profeta. Esse reino é seguido por Medo-Pérsia (8:20), Grécia (v. 21) e um reino não identificado. Pela história, entretanto, sabemos que este último reino foi Roma.

Em seguida, a profecia menciona um “chifre pequeno”, que surgiria no último reino (7:8, 24). O chifre, que inicialmente era pequeno, mas depois receberia grande poder (Dn 7:8, 25, 26), simboliza um rei/reino (v. 24) que surgiria após o quarto reino (o Império Romano).[4] O evento seguinte na profecia é o juízo celestial (v. 9-13), que analisa as ações do “chifre pequeno” contra o povo de Deus (v. 25, 26). A visão encerra-se com o estabelecimento do reino de Deus, que dura para sempre (v. 27).

CARACTERÍSTICAS DAS PROFECIAS

Através de Daniel 7, percebemos as principais características das visões de Daniel e Apocalipse. Uma delas é a sequência histórica ou cronológica. A narração começa no tempo de Babilônia, segue por Medo-Pérsia, Grécia, Roma, o “chifre pequeno”, o juízo e conclui com o reino de Deus. Além disso, a visão não possui intervalos, porque segue do tempo do profeta até o fim da história da Terra. Portanto, essa sequência histórica é contínua. Outra característica das profecias é a presença de símbolos ou imagens que representam realidades concretas. Animais, por exemplo, representam reinos. Observe, portanto, que o próprio livro de Daniel fornece os princípios para interpretar as profecias.

Muitos imaginam que o livro de Daniel é difícil. Mas o profeta predisse que, no tempo do fim, seu livro seria compreendido por muitos: “Tu, porém, Daniel, encerra as palavras e sela o livro, até ao tempo do fim; muitos o es-

quadrinharão, e o saber se multiplicará” (Dn 12:4). O Apocalipse já começa com uma promessa a quem ler o livro: “Feliz aquele que lê as palavras desta profecia e felizes aqueles que ouvem e guardam o que nela está escrito, porque o tempo está próximo” (Ap 1:3, NVI).

O APOCALIPSE

No livro do Apocalipse, encontramos várias dicas para compreender as profecias, além daquelas que já vimos em Daniel. Em primeiro lugar, perceberemos claramente que Jesus Cristo é o centro de toda profecia. As palavras de abertura do Apocalipse, “Revelação de Jesus Cristo (Ap 1:1), mostram que o livro é escrito da perspectiva de Cristo, e seus símbolos devem ter a Cristo como foco. Nenhuma outra coisa deve se sobrepor na atenção do leitor, nem os eventos da história nem a curiosidade sobre o futuro. Todos os símbolos, eventos e personagens do Apocalipse estão centralizados em Jesus.

Em segundo lugar, vemos que os símbolos do Apocalipse são extraídos principalmente do Antigo Testamento. Ao registrar suas visões, João utiliza símbolos retirados do Antigo Testamento. Dos 404 versículos do Apocalipse, quase 300 se referem ao Antigo Testamento. Entender a forma como João utiliza símbolos extraídos do Antigo Testamento é o princípio mais importante para compreender o Apocalipse.

Esse princípio mostra, por exemplo, que a visão dos capítulos 4 e 5 está baseada na coroação dos reis israelitas (Dt 17:18-20; 2Re 11:12); que as maldições da aliança (Lv 26:21-26) são o pano de fundo dos sete selos (Ap 6:1-8:2); que os 144 mil sobre o mar de vidro entoando o cântico de Moisés e do Cordeiro (Ap 15:1-4) são uma referência a Êxodo 15; e que a batalha do Armagedom e a queda de Babilônia (Ap 16:12-18:24) estão baseadas na batalha espiritual de Elias e os 450 profetas de Baal (1Re 18) e na captura de Babilônia por Ciro e seus exércitos (Is 44:26-45:7; Jr 50-51).

O mais extraordinário nas profecias de Daniel e Apocalipse é a maneira como falam de Deus. Ele é o personagem principal desses livros. De maneira mais intensa do que em outros livros da Bíblia, Deus é apresentado como alguém profundamente envolvido no dia a dia de Seu povo. Apesar das dificuldades, humilhação e até mesmo a morte, Ele guia toda a história a um extraordinário desfecho. Mais do que nos informar sobre acontecimentos do passado e do futuro, o objetivo das profecias é despertar em nós uma confiança inabalável no Senhor da história e Senhor de nossa vida. [MC]

PERGUNTAS PARA DISCUSSÃO:

1. Vimos que Daniel 7 apresenta várias características importantes das profecias. Tente encontrar essas mesmas características em Apocalipse 12. Como elas ajudam a compreender esse capítulo?
2. Daniel e Apocalipse apresentam o fato de que os justos sofrem e são oprimidos. Como esses livros ajudam a entender que, apesar disso, Deus está no controle de nossa vida?
3. Leia alguns textos do Apocalipse que falam sobre a volta de Jesus (Ap 1:7; 6:14-16; 11:15-18; 14:14-20; 19:11-16). Por que esse tema é tão enfatizado?

SAIBA MAIS:

- C. Mervyn Maxwell, *Uma Nova Era Segundo as Profecias de Daniel* (Tatuí, SP: Casa Publicadora Brasileira, 2002).
- C. Mervyn Maxwell, *Uma Nova Era Segundo as Profecias do Apocalipse* (Tatuí, SP: Casa Publicadora Brasileira, 2002).
- Ranko Stefanovic, *Revelation of Jesus Christ: A Commentary on the Book of Revelation*. Berrien Springs, MI: Andrews University Press, 2009. Esse livro será publicado em português pela Unaspress.

1. Francis Schaeffer, *A Morte da Razão* (São Paulo: Aliança Bíblica Universitária / São José dos Campos, SP: Editora Fiel da Missão Evangélica, 1989), p. 24.
2. Veja mais em Douglas Reis, “Vida e morte daqueles que conhecem o Deus verdadeiro”, disponível em http://outraleitura.com.br/web/artigo.php?artigo=464:Vida_e_morte_daquelles_que_conhecem_o_Deus_Verdadeiro
3. A historicidade de Daniel é questionada por muitos, os quais sugerem que o livro foi produzido no 2º século a.C. e suas “profecias” são, em realidade, descrições de eventos já ocorridos. Entretanto, existem sólidas razões para concluir que o livro foi escrito no 6º século a.C., e, portanto, antes da ocorrência dos eventos nele preditos. Veja a tese doutoral de Jiří Moskala, “The Book of Daniel and the Maccabean Thesis: The Problem of Authorship, Unity, Structure, and Seventy Weeks in the Book of Daniel (A Contribution to the Discussion on Canonical Apocalyphtics)” (Protestant Theological Faculty of Charles University, República Tcheca).
4. Para estudo mais aprofundado sobre Daniel 7 e o poder chamado de “chifre pequeno”, veja C. Mervyn Maxwell, *Uma Nova Era Segundo as Profecias de Daniel* (Tatuí, SP: Casa Publicadora Brasileira, 1996), p. 107-149, e Douglas Reis, “Daniel 7 – Termina na bandeirada”, disponível em <http://www.criacionismo.com.br/2011/06/daniel-7-termina-na-bandeirada.html> (acessado em 19 de julho de 2011).

A white garment, possibly a vest or shirt, is shown with several gold buttons. The garment is adorned with colorful braided necklaces. The background features a faint, repeating watermark of the text 'O QG DA GRAÇA'.

#22 O QG DA GRAÇA

Em estudos anteriores, vimos que o ser humano, quando foi criado, estava em perfeita harmonia com Deus. Mas a rebelião contra Deus trouxe pecado e morte ao planeta Terra. O plano de Deus, entretanto, sempre foi estar junto de Seus filhos e desfrutar de profundo relacionamento com eles. Quando Adão e Eva pecaram, um animal foi morto a fim de que Adão e Eva recebessem vestes para cobrir a nudez resultante do pecado (v. 21; cf. 2:25).

Desde o surgimento do pecado, os adoradores de Deus realizaram sacrifícios de animais, que simbolizavam o “Cordeiro de Deus, que tira o pecado do mundo” (Jo 1:29). Caim (Gn 4:4), Noé (8:20), Abraão (12:8) e outros continuaram a prática de oferecer sacrifícios em altares.

SANTUÁRIO NA TERRA

Porém, depois que os israelitas foram libertados do Egito, Deus lhes deu instruções mais específicas sobre os sacrifícios. Eles não mais seriam realizados em altares, mas em um local determinado: “E Me farão um santuário, para que Eu possa habitar no meio deles” (Êx 25:8). No livro de Levítico, as cerimônias que ocorriam no santuário são descritas em detalhes.[1]

O santuário era dividido em três partes: pátio, lugar santo e lugar santíssimo. No pátio, estavam localizados o altar de sacrifícios e a pia. No Lugar Santo, havia um castiçal, uma mesa com 12 pães e um altar de incenso. Por último, no lugar santíssimo, estava a arca da aliança.

Diariamente, eram oferecidos sacrifícios no altar designado. Os pecados eram transferidos simbolicamente para o animal (Lv 1:4). Nesse caso, o sangue do sacrifício era borrifado no lugar santo, perante Deus (Lv 4:6). Dessa forma, o pecador era perdoado (Lv 4:20; 17:11). A pessoa também era perdoada quando o sacerdote consumia a carne do sacrifício e, simbolicamente, carregava os pecados (Lv 10:17). O sacerdote levava em seu corpo os pecados até o lugar santo (Êx 28:38). Os pecados apresentados a Deus pelo sacerdote eram perdoados.

Uma vez ao ano, no Dia da Expição (em hebraico, *Yom Kippur*), o sumo sacerdote entrava no lugar santíssimo com o sangue dos animais sacrificados (Lv 16). Nessa ocasião, o sumo sacerdote, o povo e o santuário eram purificados dos pecados. Esse era considerado um dia de juízo, pois Deus fazia separação entre os leais e os rebeldes (Lv 16:29, 30; 23:27, 29, 30).

SANTUÁRIO NO CÉU

O santuário construído na Terra era apenas uma representação do santuário/templo que existe no Céu. Ainda no Antigo Testamento, muitos textos falam sobre o santuário celestial (Sl 11:4; 102:19; Mq 1:2, 3). A partir desse lugar, Deus interage com Seu povo na Terra, ouvindo suas orações e livrando-o da aflição (Sl 18:6, 14-19; 20:2, 6). Mais do que isso, de Sua habitação celestial, Deus concede perdão ao Seu povo (1Rs 8:30, 34, 39, 50).[2]

O Novo Testamento, principalmente a epístola aos hebreus, também fala sobre a existência do santuário celestial. Os sacerdotes do templo israelita “servem num santuário que é cópia e sombra daquele [santuário] que está nos Céus” (Hb 8:5, NVI). Nesse local, Jesus entrou após Sua ascensão. “Cristo não entrou em santuário feito por homens, uma simples representação do verdadeiro [santuário]; Ele entrou nos céus, para agora Se apresentar diante de Deus

em nosso favor” (Hb 9:24, NVI). Em visão, o apóstolo João contemplou “o santuário de Deus, que se acha no Céu” (Ap 11:19).

JESUS NO SANTUÁRIO

Toda a atividade realizada pelos sacerdotes israelitas era um símbolo do que seria efetuado por Cristo (Hb 9:9, 10). A morte de Jesus na cruz foi o perfeito e completo sacrifício por nossos pecados (Hb 10:10, 12). Por meio dela, somos aceitos por Deus e reconciliados com Ele (Rm 5:10). Mas depois de Sua morte e ressurreição, Ele subiu ao Céu para continuar Sua obra de salvação (Hb 1:3).

Depois de oferecer o sacrifício pelos pecados, o sacerdote entrava no santuário. O mesmo ocorreu com Jesus. Paulo resume sua argumentação com as seguintes palavras: “O mais importante do que estamos tratando é que temos um sumo sacerdote como esse, o qual Se assentou à direita do trono da Majestade nos Céus e serve no santuário, no verdadeiro tabernáculo que o Senhor erigiu, e não o homem” (Hb 8:1, 2, NVI). Assim como o sacrifício era o centro do santuário israelita, o perfeito sacrifício de Jesus é o centro de Seu ministério no santuário celestial. É a Sua morte na cruz que torna possível que Ele atue por nós no Céu.

Nesse santuário, Jesus atua como “Mediador entre Deus e os homens” (1Tm 2:5), ou como “Advogado junto ao Pai” (1Jo 2:1). Cristo “pode salvar totalmente os que por Ele se chegam a Deus, vivendo sempre para interceder por eles” (Hb 7:25). Através do ministério de Cristo no santuário celestial (Ef 1:20), recebemos “todas as bênçãos espirituais” (1:3, NVI), participamos do triunfo de Jesus (2:6), revelamos ao Universo a “multiforme sabedoria de Deus” (3:10) e somos vitoriosos na batalha contra o mal (6:12).

Ao falar sobre Jesus no santuário celestial, Paulo faz o seguinte convite: “Portanto, visto que temos um grande sumo sacerdote que adentrou os Céus, Jesus, o Filho de Deus, apeguemo-nos com toda a firmeza à fé que professamos, pois não temos um sumo sacerdote que não possa compadecer-se das nossas fraquezas, mas sim alguém que, como nós, passou por todo tipo de tentação, porém, sem pecado. Assim, aproximemo-nos do trono da graça com toda a confiança, a fim de recebermos misericórdia e encontrarmos graça que nos ajude no momento da necessidade” (Hb 4:14-16, NVI). [MC]

PERGUNTAS PARA DISCUSSÃO:


1. Muitos cristãos acham que tudo o que Cristo tinha para fazer por nossa salvação se encerrou na cruz e hoje Ele está de “férias”. Essa ideia está de

- acordo com a Bíblia? Como o santuário celestial nos mostra que temos um Salvador atual, ainda hoje disposto a nos abençoar?
2. O ensino bíblico sobre o santuário celestial mostra que Deus, os anjos e o Universo estão profundamente interessados na salvação dos seres humanos. Por meio de nós, a graça de Deus é revelada a todas as criaturas (Ef 3:10). De que maneira isso ocorre? Leia Mateus 5:14-16; 10:32.

SAIBA MAIS:

- Ellen G. White, *Cristo em Seu Santuário* (Tatuí, SP: Casa Publicadora Brasileira, 1998).
 - Frank B. Holbrook, *O Sacerdócio Expiatório de Jesus Cristo* (Tatuí, SP: Casa Publicadora Brasileira, 2003).
1. Para estudo mais aprofundado do livro de Levítico, sua teologia e seu significado espiritual, veja Roy Gane, *Leviticus, Numbers*, NIV Application Commentary (Grand Rapids, MI: Zondervan, 2004).
 2. A respeito do santuário celestial no Antigo Testamento, veja a tese doutoral de Elias Brasil de Souza, *The Heavenly Sanctuary/Temple Motif in the Hebrew Bible: Function and Relationship to the Earthly Counterparts* (Berrien Springs, MI: Adventist Theological Society Publications, 2005).

#23 QUAL O VEREDITO?



Diariamente, vemos todo tipo de injustiças sendo cometidas. Violência, corrupção, desigualdade social. Muitos são tentados a pensar que não há solução, e que o mal prevalecerá para sempre. Essa era a mesma preocupação de vários autores bíblicos. “Até quando?” (Sl 35:17; 82:2; 94:3; Ap 6:10). Até quando existirá injustiça no mundo? Ao longo de toda a Bíblia, é dada a certeza de que Deus é o justo juiz de Seu povo e do mundo (Sl 9:19). Justos e injustos são julgados: a diferença é que o primeiro grupo é absolvido, enquanto que o segundo é condenado (cf. Dt 25:1; 2Cr 6:23). Através do juízo, Deus mostra a todos a inocência do justo (Sl 17:2; 26:1, 2; 35:24; 43:1; 50:3-6; 96:10-13) e elimina o opressor (Sl 71:2-4; 143:11, 12). Neste estudo, veremos o que a Bíblia ensina sobre o juízo final. Também descobriremos quando esse juízo começa.

JUÍZO ANTES DA VOLTA DE CRISTO

O fato de que todas as pessoas serão julgadas por Deus é um dos principais ensinamentos da Bíblia. Paulo fala sobre o “dia em que Deus, por meio de Cristo Jesus, julgar os segredos dos homens” (Rm 2:16; cf. Ec 12:14). Ele acrescenta que “todos compareceremos perante o tribunal de Deus” (Rm 14:10; cf. 2Co 5:10).

Em Apocalipse 22:12, Jesus diz: “Eis que venho em breve! A Minha recompensa está comigo, e Eu retribuirei a cada um de acordo com o que fez” (NVI; cf. Mt 16:27; Jo 5:28, 29). Porém, o que cada um receberá na volta de Cristo é determinado pelo juízo (Rm 2:6-8, 16). A conclusão lógica é que o juízo começa antes do retorno de Jesus. Mas existe evidência mais clara disso? Sim, e a veremos a seguir.

Em outro momento, estudamos brevemente a visão de Daniel 7. Se necessário, recapitule o que vimos sobre esse tema, pois agora ele será necessário novamente. Continuaremos no ponto em que encerramos esse estudo anterior.

Como já vimos, Daniel 7 apresenta a seguinte sequência, desde os tempos do profeta: (1) Babilônia, (2) Medo-Pérsia, (3) Grécia, (4) Roma, (5) chifre pequeno, (6) juízo no Céu e (7) reino de Deus. Observe que Daniel apresenta a mesma ideia que estudamos há pouco: o juízo começa antes da volta de Cristo. Essa visão mostra claramente que o juízo ocorre enquanto o poder representado pelo “chifre pequeno” fala palavras insolentes (Dn 7:8-11) e oprime o povo de Deus (v. 21, 22, 25, 26).

No estudo sobre Daniel e Apocalipse, vimos também que as profecias de Daniel são paralelas. Cada visão apresenta essencialmente os mesmos eventos e aprofunda o que foi dito na visão anterior. Assim, por exemplo, os capítulos 2, 7 e 8 são similares. Como já estudamos o capítulo 7, será fácil entender o 8.

Daniel 8 apresenta a seguinte sequência: (1) carneiro (v. 3, 4), (2) bode (v. 5-8), (3) chifre pequeno (v. 9-13), (4) purificação do santuário (v. 14) e (5) eliminação do chifre pequeno (v. 25). O carneiro e o bode são identificados, explicitamente, como a Medo-Pérsia (v. 20) e a Grécia (v. 21). Portanto, temos uma sequência semelhante à do capítulo 8: (1) Medo-Pérsia, (2) Grécia, (3) Roma/chifre pequeno, (4) purificação do santuário e (5) destruição dos ímpios. Babilônia não aparece, pois, quando Daniel teve essa visão, ela não mais existia.

As semelhanças entre o “chifre pequeno” do capítulo 7 e o “chifre pequeno” do capítulo 8 (a começar pelo símbolo) mostram que ambos representam o mesmo poder. Porém, o Império Romano e o chifre pequeno do capítulo 7 são unidos, no capítulo 8, em apenas um símbolo. Esse fato não interfere nas ideias básicas do estudo atual.

QUAL O VEREDITO?

Em Daniel 7, o chifre pequeno fala palavras insolentes (v. 8, 11, 20), tenta “mudar os tempos e a lei” de Deus (v. 25) e persegue o povo de Deus (v. 25). Em Daniel 8, o mesmo poder se levanta contra o santuário de Deus (v. 8-13). Observe, no entanto, que o chifre pequeno atua até muito depois do Império Romano e, portanto, da existência do santuário israelita. Portanto, esse santuário só pode ser o celestial.

Nesse juízo, “livros” de registros são investigados (v. 10). Já vimos que, nos juízos do Antigo Testamento, justos e injustos eram julgados; os primeiros eram absolvidos e os últimos, condenados. O mesmo ocorre na profecia de Daniel. O chifre pequeno, que oprimia o povo de Deus, é condenado (v. 11, 26). O povo de Deus, por outro lado, recebe uma “sentença a favor” de si (v. 22, NVI). O “Filho do homem” (Jesus Cristo, Mt 26:63, 64) comparece no juízo a favor do povo de Deus (v. 13). O Novo Testamento diz que Ele é nosso “Advogado junto ao Pai” (1Jo 2:1). Todos aqueles que têm o nome escrito no livro de Deus (que o Novo Testamento chama de “Livro da Vida”, Fp 4:3; Ap 3:5) são salvos no tempo do fim e recebem a “vida eterna” (Dn 12:1, 2).

Quando comparamos ambos os capítulos de Daniel, um fato se torna evidente: o juízo celestial (capítulo 7) equivale à purificação do santuário (capítulo 8). Note as sequências dos eventos desses capítulos que vimos acima. Em Daniel 8, os símbolos usados para representar os reinos são um carneiro e um bode, que aparecem juntos no ritual do santuário apenas no Dia da Expição (Lv 16:5, 15, 24). Daniel 8 menciona também as “transgressões” (v. 12) ou “rebelião” (NVI) que contaminam o santuário. Essa palavra (em hebraico, *peša'*) aparece no ritual do santuário somente no Dia da Expição (Lv 16:16, 21). A conclusão é óbvia: Daniel 8 fala do Dia da Expição!

QUANDO COMEÇA O JUÍZO?

Depois de descrever os ataques do chifre pequeno a Deus e ao santuário, Daniel 8 apresenta a seguinte pergunta: “Quanto tempo durarão os acontecimentos anunciados por esta visão? Até quando será suprimido o sacrifício diário e a rebelião devastadora prevalecerá? Até quando o santuário e o exército ficarão entregues ao poder do chifre e serão pisoteados?” (v. 13, NVI). A palavra “visão” (em hebraico, *hazôn*) se refere a toda a visão do capítulo 8 (v. 1, 2). Sendo que a visão começa com a Medo-Pérsia, o tempo de duração dos “acontecimentos” da “visão” tem início na Medo-Pérsia e se estende pelos reinos seguintes, até o chifre pequeno.

Em resposta à pergunta do versículo 13, é dito: “Isso tudo levará duas mil e trezentas tardes e manhãs; então o santuário será reconsagrado” (NVI).

“Tarde e manhã” é o período de um dia (Gn 1:5, 8, 13, 19, 23, 31). Mais especificamente, “tarde e manhã” representa um dia do santuário (Êx 27:20, 21; Lv 24:2, 3). Mas esses dias não podem ser literais, pois 2.300 “dias”, na visão, se estendem da Medo-Pérsia até muito depois do Império Romano!

A chave para essa dificuldade é o fato de que, nas profecias simbólicas de Daniel e Apocalipse, um dia equivale a um ano. A palavra “dias” (em hebraico, *yom*) é sinônima de “anos”. Em muitos textos em que aparece a palavra “dias”, esta é traduzida como “anos” (Jz 17:10; 1Sm 1:21; 27:7). Em algumas profecias simbólicas, é dito explicitamente que dias representam anos (Nm 14:34; Ez 4:6). Portanto, os 2.300 dias representam 2.300 anos. Isso é confirmado pelo fato de que a visão se estenderia até o “tempo do fim” (Dn 8:17), o “tempo determinado do fim” (v. 19) e a “dias ainda mui distantes” (v. 26).

O que vimos até aqui mostra que, depois de 2.300 anos, ocorreria o juízo descrito em Daniel 7 e a purificação do santuário mencionada no capítulo 8. Mas Daniel 8 não diz exatamente quando começaria o período de 2.300 anos. Conforme já vimos, a visão do capítulo inteiro é chamada de *hazôn*. Porém, a parte sobre os 2.300 anos é chamada de *mar’eh* (Dn 8:16, 26). Daniel diz que não foi capaz de entender essa parte da visão (v. 27).

Algum tempo depois, o anjo Gabriel é enviado ao profeta para explicar-lhe especificamente a *mar’eh* (Dn 9:23), a parte da visão relacionada aos 2.300 anos. É por isso que a profecia do capítulo 9 trata apenas de períodos de tempo. Gabriel explica que dentro de “setenta semanas”, Jerusalém seria restaurada, o santuário celestial seria dedicado (“ungido”) e o “Messias, o Príncipe”, viria (v. 24-27). Esse período começa com a “saída da ordem para restaurar e para edificar Jerusalém” (v. 25). “Restaurar” uma cidade significa devolvê-la aos proprietários originais e restabelecer sua ordem civil (1Re 20:34; 2Re 14:22). O evento se cumpriu com o decreto de Artaxerxes I (Ed 7:11-26), em 457 a.C. Esse decreto é o ponto de partida para a contagem das 70 semanas e dos 2.300 anos.

Todos os estudiosos (até mesmo aqueles que não acreditam na veracidade de Daniel) reconhecem que 70 “semanas” representam semanas simbólicas. Isto é, 70 semanas (490 dias literais) equivalem a 490 anos. Também já vimos que, nas profecias simbólicas, um dia representa um ano. As 70 “semanas” se estendem de 457 a.C. a 34 d.C., passando pelo Messias (Jesus Cristo) e chegando até a pregação do evangelho aos gentios. O 2.300 anos começam junto com as 70 “semanas”, em 457 a.C. Se contarmos 2.300 anos a partir dessa data, chegamos ao ano de 1844. Nesse ano, começaria o juízo (Dn 7) e o Dia da Expição (Dn 8), que são o mesmo evento. Daniel 7 e 8 não apenas fala que o Dia da Expição é o juízo, mas apresenta o ano em que esse evento começa.

QUAL O VEREDITO?

BOAS-NOVAS SOBRE O JUÍZO

A mensagem do juízo deve nos levar a profunda reflexão e arrependimento pelo pecado (Ez 18:30-32). Mas, para aqueles que aceitaram verdadeiramente a Cristo, o juízo é parte do “evangelho eterno”, ou seja, as boas-novas da salvação (Ap 14:6, 7). Para esses, o juízo traz segurança, e não medo (1Jo 4:16-18). O Juiz (Deus) e o Advogado (Jesus) estão do nosso lado (Rm 8:33, 34). Quem está salvo em Cristo não é condenado (Rm 8:1). Ao contrário: o juízo traz uma “sentença a favor” do povo de Deus (Dn 7:22, NVI). Poderia haver boas-novas melhores do que essas? [MC]

PERGUNTAS PARA DISCUSSÃO:

1. Como a salvação realizada por Jesus pode nos dar confiança no juízo? Leia Romanos 8:31-39.
2. Como você pode apresentar a não cristãos a certeza de que o mal e a injustiça terão fim?

SAIBA MAIS:

- Clifford Goldstein, 1844: *Uma explicação simples das principais profecias de Daniel* (Tatuí, SP: Casa Publicadora Brasileira, 1998).
- Frank B. Holbrook, *O Sacerdócio Expiatório de Jesus Cristo* (Tatuí, SP: Casa Publicadora Brasileira, 2003).



DEUS AINDA FALA #24

Muitas pessoas alegam receber mensagens de Deus e ter a capacidade de conhecer o futuro. Desde os fundadores de religiões até videntes que encontramos na rua – todos mostram o interesse humano em ter um contato direto com o Divino. Em meio a tudo isso, como podemos saber se um profeta foi comissionado por Deus ou se não passa de um impostor?

Antes de descobrir como podemos reconhecer um verdadeiro profeta, precisamos entender o que é um profeta. De acordo com a Bíblia, Deus concede ao Seu povo vários dons, que têm o duplo objetivo de fortalecer os cristãos e de proclamar Sua mensagem ao mundo. Cada dom visa a “um fim proveitoso” (1Co 12:7). Portanto, esses dons não servem para glorificar a própria pessoa, mas honrar a Deus.

Quando subiu ao Céu, Jesus “concedeu dons aos homens” (Ef 4:8), que são distribuídos pelo Espírito Santo “a cada um, como quer” (1Co 12:11, NVI). Entre eles estão a “palavra da sabedoria”, a “fé”, “operações de milagres” e a “profecia” (veja 1Co 12:7-10). Um desses dons é a profecia, que consiste em receber uma mensagem diretamente de Deus e levá-la às pessoas. Essa mensagem pode consistir em orientações, advertências ou estímulos. Também pode ser dada a grupos formados por muitas pessoas ou a apenas um indivíduo. Tanto em hebraico (*nabi*’), como em grego (*propheetes*), profeta é alguém que se torna porta-voz de Deus, não necessariamente alguém que consegue ver o futuro.

Como ocorre com outros ensinamentos bíblicos, existem várias ideias equivocadas sobre o dom de profecia. Ao contrário do que é dito por algumas pessoas, não devemos confundir esse dom com os dons de ensinar, pregar (Ef 4:11) e aconselhar (1Co 12:8). Também não podemos aceitar a ideia popular de que cada cristão é um profeta (cf. 1Co 12:29). Porém, não devemos imaginar que um profeta é superior aos demais cristãos pelo fato de ter esse dom. Em realidade, todos os dons são fundamentais (1Co 12:12-31). Outro equívoco é imaginar que os dons do Espírito Santo, inclusive a profecia, terminaram com a morte dos apóstolos. A Bíblia ensina que os dons existiriam até a volta de Cristo, quando não mais serão necessários (1Co 13:8-12).

Depois de ver rapidamente a função de um profeta, podemos descobrir como identificar um profeta verdadeiro.

TESTES DO PROFETA

De acordo com a Bíblia, o profeta precisa passar por vários testes:

1. **Falar de acordo com a Bíblia.** Ao falar sobre falsos profetas que tentavam enganar o povo, Isaías escreve: “À lei e ao testemunho! Se eles não falarem desta maneira, jamais verão a alva” (Is 8:20). A “lei” de Moisés (o Pentateuco) e o “testemunho” dos profetas (restante do Antigo Testamento) corresponde à Palavra de Deus que já havia sido escrita no tempo do profeta (cf. Lc 24:27). Hoje, devemos examinar à luz de toda a Bíblia os ensinamentos de um suposto profeta. Um profeta precisa estar em plena harmonia com os ensinamentos da Palavra de Deus, porque o Espírito Santo, que fala através dos profetas, jamais se contradiz (2Pe 1:20, 21).
2. **Reconhecer todo o ensino bíblico a respeito de Cristo.** É interessante notar que praticamente todos os falsos profetas ao longo da história falaram de maneira equivocada sobre Cristo. Para alguns, Ele era um dos espíritos

que emanam de Deus, e não um ser humano real. Para outros, Jesus foi um grande mestre, mas não verdadeiramente Deus. O apóstolo João, no entanto, declara que o profeta deve ensinar a verdade a respeito de Cristo (1Jo 4:1-3). Um profeta precisa reconhecer que Cristo é tanto Deus como homem (Jo 1:1, 14).

3. **Ter suas predições realizadas.** A função principal de um profeta é transmitir a mensagem de Deus, e não fazer predições. Mas, quando estas são feitas, devem ter um cumprimento exato. Moisés esclarece: “Como saberemos se uma mensagem não vem do Senhor? Se o que o profeta proclamar em nome do Senhor não acontecer nem se cumprir, essa mensagem não vem do Senhor” (Dt 18:21, 22, NVI).
4. **Produzir bons frutos.** Embora os ensinamentos de um profeta sejam importantes, os resultados práticos de sua mensagem devem ser analisados. Ele deve ter uma vida coerente com sua mensagem, porque “toda árvore boa dá frutos bons, mas a árvore ruim dá frutos ruins” (Mt 7:17). Mais importante do que realizar ações miraculosas, é fazer a vontade de Deus (v. 21-23). O verdadeiro profeta deve viver segundo a vontade de Deus e levar outros a fazer o mesmo.

PROFETA MODERNO

A escritora norte-americana e cofundadora da Igreja Adventista do Sétimo Dia, Ellen G. White (1827-1915), recebeu de Deus o dom de profecia. Na metade do século 19, não seria fácil alguém ser reconhecido como profeta na comunidade religiosa frequentada por Ellen White. Em meio à avalanche de falsos profetas que havia na época, os adventistas decidiram rejeitar todo suposto porta-voz de Deus, a menos que houvesse provas muito claras e convincentes. Porém, os testes que vimos acima foram rigorosamente aplicados em Ellen White, e ela foi reconhecida como profetisa.

O primeiro teste que vimos acima afirma que os ensinamentos do profeta devem estar em total harmonia com a Bíblia. Desde o início de sua história, a Igreja Adventista tem estado solidamente fundamentada na Palavra de Deus. Estudos acadêmicos baseados em fontes históricas mostram que os fundadores da igreja chegaram a conclusões teológicas por meio de profundo estudo da Bíblia, e não a partir das visões de Ellen White.[1] Portanto, eles estavam em excelentes condições de analisar de maneira imparcial os ensinamentos de Ellen White.

Em vez de ocuparem o lugar da Bíblia, os escritos de Ellen White exaltam

a Palavra de Deus. De fato, o principal objetivo deles é atrair a atenção para Cristo e a Bíblia. É por meio das Escrituras que todos os profetas devem ser julgados. A própria Ellen White reconhecia esse fato: “Em Sua Palavra, Deus concedeu aos seres humanos o conhecimento necessário à salvação. As Escrituras Sagradas devem ser aceitas como autorizada e infalível revelação de Sua vontade. Elas são o padrão do caráter, o revelador das doutrinas, a pedra de toque da experiência religiosa”. [2] Aceitamos os escritos de Ellen White porque estão em harmonia com a Bíblia e não a contradizem.

A melhor maneira de entender o papel de Ellen White é compará-la com diversos profetas mencionados nas Escrituras e que não escreveram nenhuma parte da Bíblia. Entre eles, podemos citar Natã, Gade (1Cr 29:29), Aías, Ido (2Cr 9:29), Semaías (2Cr 12:15), Jeú (2Cr 20:34) e Hozai (2Cr 33:19). Esses eram profetas verdadeiros, mas não compuseram nenhuma parte do cânon bíblico. Por isso, são chamados de “profetas não canônicos”. Da mesma forma, Ellen White foi uma protetista não canônica.

Ellen White foi aprovada nos demais testes. Todos os escritos dela estão centralizados em Jesus Cristo, reconhecendo-O como plenamente Deus e plenamente homem (embora sem pecado). Sua obra-prima, *O Desejado de Todas as Nações*, fala de maneira espiritual e prática sobre a vida e os ensinamentos de Jesus. Para Ellen White, assim como para o apóstolo Paulo (1Co 2:2), “Jesus Cristo e Ele crucificado” é o “grande interesse central”[3] e a cruz do Calvário é “o grande centro”. [4]

Assim como ocorreu com a maioria dos profetas bíblicos, as predições não estiveram no centro do ministério de Ellen White. Porém, aquelas que já podem ser testadas se cumpriram com exatidão. Entre elas estão o crescimento do espiritualismo, a restauração da influência papal, a supremacia norte-americana e o ecumenismo. Além disso, suas orientações sobre saúde, dadas há mais de cem anos, são confirmadas continuamente por pesquisas científicas atuais.[5]

Finalmente, o ministério de Ellen White tem produzido frutos positivos. Seus contemporâneos – adventistas e mesmo não adventistas – a descreveram como uma verdadeira cristã, amável e que praticava aquilo que ensinava. Guiada por Deus, ela falou sobre assuntos como educação, saúde, relacionamentos e teologia. Ainda hoje, seus livros têm ajudado milhões de pessoas a desenvolver um relacionamento mais íntimo com Cristo e a compreender melhor os ensinamentos bíblicos.

Você não deseja conferir por si mesmo esse dom concedido por Deus? Ele nos faz a promessa: “Crede no Senhor, vosso Deus, e estareis seguros; crede nos Seus profetas e prosperareis” (2Cr 20:20). [MC]

PERGUNTAS PARA DISCUSSÃO:

1. O fato de que a Bíblia contém todo o conhecimento necessário para a salvação significa que não precisamos de mais nada? Leia João 14:26; 16:12-14.
2. Como você responderia a alguém que afirmasse que os adventistas colocam os escritos de Ellen White no lugar da Bíblia? Isso é verdade?

SAIBA MAIS:

- Herbert E. Douglass, *Mensageira do Senhor: O ministério profético de Ellen G. White* (Tatuí, SP: Casa Publicadora Brasileira, 2002).
- Herbert E. Douglass, *Testemunhas Oculares: Histórias de pessoas que conheceram Ellen White e creram em seu dom* (Tatuí, SP: Casa Publicadora Brasileira, 2007).
- www.centrowhite.org.br

1. Veja as teses doutorais de P. Gerard Damsteegt, *Foundations of the Seventh-day Adventist Message and Mission* (Grand Rapids, MI: Eerdmans, 1977); e de Alberto R. Timm, *O Santuário e as Três Mensagens Angélicas: Fatores integrativos no desenvolvimento das doutrinas adventistas* (Engenheiro Coelho, SP: Unaspres, 2007).
2. Ellen G. White, *O Grande Conflito* (Tatuí, SP: Casa Publicadora Brasileira, 2011), p. 9.
3. *Ibid.*, *Testemunhos Para Ministros* (Tatuí, SP: Casa Publicadora Brasileira, 1998), p. 331.
4. *Idem*, em *Seventh-day Adventist Bible Commentary* (Washington, DC: Review and Herald, 1980), v. 4, p. 1.173.
5. Veja Herbert E. Douglass, *Mensageira do Senhor: O ministério profético de Ellen G. White* (Tatuí, SP: Casa Publicadora Brasileira, 2002), p. 320-342.



#25 O MELHOR DE TODOS OS SÓCIOS

A palavra “administração” é a junção de dois vocábulos latinos: *ad*, cujo significado é “para”, e *ministrare*, verbo relacionado com o substantivo latino “servo” (*minister*) e “menos” (*minus*). Em si, administração carrega a ideia de serviço e humildade. Esse também é o conceito hebraico de administrar. O jovem José, quando colocado como “administrador” na casa de Potifar (Gn 39:4), era chefe dos servos que trabalhavam na agricultura e também era escriba das ofertas, conforme sugerem documentos egípcios relacionados com escravos administradores. [1] Mesmo diante de tamanha responsabilidade, José é reconhecido como um dos personagens mais humildes das Escrituras Hebraicas.

E quanto a nós? Qual deve ser nossa postura diante daquilo que Deus proporciona para nossa existência? Deus nos considera como Seus despenseiros ou *administradores*, para ser mais específico (1Pd 4:10). Dentre as várias dádivas que recebemos das mãos do Criador, destacamos três:

A MARAVILHOSA DÁDIVA DO TEMPO

Todos dispõem de 24 horas diárias. Mas, por algum motivo, alguns conseguem produzir mais do que outros. O famoso escritor francês Victor Hugo, por exemplo, acordava muito cedo e escrevia durante cinco horas. Não passava uma madrugada em claro, e ainda assim sua produção literária foi imensa. Victor Hugo ainda encontrava tempo para passear no belo e charmoso Jardim de Luxemburgo, em Paris. Quando se administra o tempo com precisão e disciplina, a capacidade de produção é superada constantemente.

O que dizer de Jesus Cristo? Seu ministério durou apenas três anos e meio e se concentrou em um espaço geográfico extremamente limitado. Independentemente de se concordar ou não com os ensinamentos dele, é inegável que esse judeu do primeiro século depois de Cristo causou um impacto sem igual na história. Seu êxito também deve ser atribuído a um plano devidamente traçado.

O importante educador e escritor adventista Siegfried Schwantes certa vez escreveu: “É assombroso o que alguns têm realizado nas pausas de um dia atarefado. A diferença entre o êxito e o fracasso na vida está, muitas vezes, no uso que fazemos dos minutos que outros soem desperdiçar perdulariamente”. [2] Numa era impregnada de tecnologia, é lamentável notar pessoas que despendem horas quase incalculáveis em atividades banais na internet ou na televisão.

Deus espera que nossa vida seja carregada de significado em atividades que ecoem por décadas, deixando uma contribuição que afete positivamente as pessoas ao nosso redor.

AS FANTÁSTICAS HABILIDADES

Todos os seres humanos, mesmo aqueles com limitações físicas ou mentais, são dotados de alguma habilidade. Alguns com várias, como Isaac Newton e Leonardo da Vinci; enquanto outros conseguem desenvolver ao máximo um único dom que parecem ter. Não importa a quantidade dos talentos, mas, sim, o uso que fazemos deles.

Essa é uma profunda realidade na igreja, comparada várias vezes pelo apóstolo Paulo com o corpo de Cristo (Rm 12:4-8; 1Co 12:12-31; Ef 4:11-16). Assim como o corpo tem vários membros com funções diferentes entre si, aqueles que fazem parte da comunidade cristã também são capacitados por Deus para desempenhar funções tanto na vida particular, como na obra de Cristo. [3]



O MELHOR DE TODOS OS SÓCIOS

Em Efésios 4:12, encontramos dois motivos pelos quais Deus concedeu talentos ou dons aos Seus filhos. O primeiro é o aperfeiçoamento (no grego, *katartismos*). Essa palavra só aparece aqui no Novo Testamento, mas, na literatura grega antiga, esse termo era usado constantemente na medicina para se referir ao conserto de um osso quebrado. Ou seja, nós, o corpo de Cristo, estamos sendo consertados para alcançar o ideal proposto por Deus. Já o segundo motivo é a edificação, que transmite a ideia da construção de um edifício.

Os dons foram dados para o desenvolvimento dos santos. Deus não deseja que alguém ou uma igreja não se desenvolva; uma igreja em que todos estão simbolicamente apáticos pela dor de um osso quebrado. Ele quer consertá-la e desenvolvê-la, e por isso concedeu dons a ela.

DEUS E VALORES MONETÁRIOS

Quando o assunto envolve valores monetários e instituições religiosas, paira um ar de desconfiança no ambiente. E não é sem motivo. Nos últimos anos, temos testemunhado diversos escândalos de líderes religiosos manipulando os fiéis a fazer doações exorbitantes, com a promessa de que Deus lhes dará em dobro. No Brasil, esses pregadores são fruto de um movimento chamado teologia da prosperidade, movimento que teve seu surgimento nos EUA e que promove forte ênfase em bens materiais como sinal da bênção divina.[4]

Não devemos cometer o mesmo erro que outros cometem, generalizando todas as denominações cristãs como se fossem iguais a essas que usam e abusam da teologia da prosperidade. Existem várias igrejas sérias que não foram contaminadas por esse erro hermenêutico, isto é, de interpretação, que pode muito bem ser comparado a uma doença degenerativa que aos poucos vai tornando o corpo inválido.

A Bíblia promete prosperidade material para dizimistas fiéis? Não. Ela promete “bênçãos sem medida” (Ml 3:10). A ideia de “bênção” (no hebraico, *berakah*) não tem que ver somente com finanças. A paz, os filhos, a saúde, uma família estruturada e a própria presença de Deus são considerados bênçãos, tanto no Antigo como no Novo Testamento. Valores monetários não são o único tipo de bênção que Deus promete em Sua Palavra. No entanto, nossa fidelidade ao Senhor não deve ser motivada por interesses, mas sim pela gratidão pelo que Ele tem feito por nós.

O livro preferido dos pregadores da teologia da prosperidade é o do profeta Malaquias, escrito por volta do ano 420 a.C. O que esses pregadores esquecem é que Deus faz a denúncia do estilo de vida que o povo de Judá estava

mantendo. E esse estilo de vida ruim não tinha a ver simplesmente com a não devolução de dízimos e ofertas. Estavam envolvidos também a falta de respeito na adoração a Deus (1:6-2:9), os casamentos com pagãos (2:11), a infidelidade conjugal (2:14-16) e a desconsideração dos mandamentos divinos (3:7). Finalmente, após citar todos esses problemas, é trazida à tona a infidelidade dos judeus nos dízimos e nas ofertas (3:8, 9).

Ao convidar Seu povo a ser fiel nesse último aspecto, Deus faz um pedido estranho e raro na Bíblia: “Fazei prova de Mim”. Ao longo da Bíblia, é comum vermos o contrário: Deus provando os seres humanos (Gn 22:1; Sl 11:5; 26:2; 66:10; 81:8, Pv 17:3). Deus pedindo para ser colocado à prova é algo, além de raro, curioso. Homens como Acaz, Gideão, Moisés e Elias são alguns que colocaram Deus à prova. No caso de Elias, Deus enviou fogo do céu em resposta à oração (1Rs 18:22-39). Todos esses personagens estavam em situações especiais, assim como Malaquias. Numa era marcada pelo ceticismo e o descompromisso com a verdade, Deus convida Seus filhos a renovar a confiança nEle por meio da fidelidade.[5] Não estaríamos vivendo em um momento semelhante àquele?

Agora, há um grande perigo em testar a Deus quando nosso coração não está com a motivação correta (Ml 3:15). Veja o que o salmista diz a respeito dos israelitas: “Não endureçais o coração, como em Meribá, como no dia de Massá, no deserto, quando vossos pais Me tentaram, pondo-Me à prova, não obstante terem visto as Minhas obras” (Sl 95:8, 9). Barganhar com Deus é um jogo extremamente perigoso.

Um último detalhe a respeito de Malaquias 3:10: Deus promete abrir as “janelas do céu” e derramar “bênçãos sem medida”. A mesma expressão “janelas” ou “comportas do céu” (*‘arubot hashamaim*) é usada em Gênesis 7:11 para descrever o início do dilúvio. Em Gênesis, elas se abriram para destruir aquilo que seres humanos haviam destruído, a Terra; em Malaquias, elas se abrem na promessa de abençoar aqueles que se aproximam do Soberano do Universo de maneira completa. Um dilúvio de bênçãos está prometido para você. Deus é o melhor dos sócios. Aproxime-se dEle e você será inundado de bênçãos. [LGA]

PERGUNTAS PARA DISCUSSÃO:

1. Faça uma estimativa de quanto tempo você gasta durante a semana no trabalho, nos estudos, dormindo, no transporte, no lazer e nas refeições. Lembrando que uma semana tem 168 horas, como seu tempo pode ser mais bem organizado?

2. Leia Mateus 25:14-31. Cite pelo menos três lições relacionadas às nossas habilidades que podem ser aprendidas a partir dessa história.
3. Deus está preocupado com valores monetários? Explique sua resposta à luz de Lucas 21:1-4.

SAIBA MAIS:

- Craig Blomberg, *Nem Pobreza, Nem Riqueza: Teologia bíblica das posses* (Curitiba, PR: Esperança, 2009).
 - Ellen G. White, *Administração Eficaz* (Tatuí, SP: Casa Publicadora Brasileira, 2000).
1. Charles Aling, “Joseph in Egypt: Second of Six Parts”, *Bible and Spade*, ano 15, nº 2 (2002), p. 37, 38.
 2. Siegfried J. Schwantes, *Colunas do Caráter* (Santo André, SP: Casa Publicadora Brasileira, 1983), p. 85.
 3. O dom de línguas, tão exaltado por alguns grupos cristãos, aparece em apenas duas das quatro listas de dons do Novo Testamento (Rm 12; 1Co 12:10, 30; Ef 4), e não por mera coincidência nas últimas posições. Em contrapartida, o dom profético aparece nas quatro listas entre os primeiros. Para um estudo mais aprofundado do dom de línguas, ver: Gerhard Hasel, *Speaking in Tongues: Biblical Speaking in Tongues and Contemporary Glossolalia* (Berrien Springs, MI: Adventist Theological Society, 1991). Veja também: <http://michelconcursobiblico.blogspot.com/2006/12/lio-23-dons-do-esprito.html>
 4. Alberto R. Timm, “Teologia da prosperidade: breve análise crítica”, *Parousia*, ano 1, nº 1 (1º semestre de 2000), p. 51-58.
 5. Ralph Smith, *Micah-Malachi*, Word Biblical Commentary, v. 32 (Dallas, TX: Thomas Nelson, 1984), p. 334.



COMPROMISSO #26 COM A VERDADE

É provável que você já tenha ouvido falar do escritor irlandês Oscar Wilde (1854-1900). Tendo sido criado em uma família cristã protestante, Wilde demonstrava ser alguém dotado de várias habilidades intelectuais. Era dramaturgo, poeta, crítico e um escritor prolífico. Com menos de trinta anos, já havia ganhado diversos prêmios de literatura grega e latina. Anos mais tarde, escreveu diversas obras, entre as quais *O Retrato de Dorian Gray*. Mas a mente dele parecia estar em um campo de batalha entre o amor de Deus e a sedução do sensual.

Apesar de ser casado, em 1895, Wilde passou dois anos na prisão por cometer atos imorais com vários rapazes. Ele considerava a homossexualidade como a demonstração mais pura do amor. Seu destino, após a prisão foi Paris, na França, onde passou seus últimos anos. Finalmente, em novembro de 1900, uma forte meningite tirou-lhe a vida. Alguns sugerem que a doença foi agravada pelo álcool e pela sífilis. Wilde morreu como qualquer outro, mas não sem tomar uma última decisão.

Momentos antes de morrer, o escritor solicitou a presença de um sacerdote católico para lhe oferecer perdão, já que o caminho trilhado por ele não era capaz de lhe proporcionar paz. Uma conclusão um tanto óbvia para um gênio, mas que demorou para ser entendida. O funeral foi realizado na histórica igreja Saint-Germain-des-Près, no centro da agitada Paris.[1] O silêncio e a reverência daquele local evocam a tranquilidade que pode ser sentida quando há um compromisso com a pessoa do Filho de Deus, a Verdade (Jo 14:6).

Estamos diante de uma tarefa extremamente árdua. Unir a mente e o coração não é mesmo algo simples. Aceitar argumentos e declarações racionais é o início de uma jornada que deve culminar com o comprometimento vitalício com o conteúdo compreendido. Ao contrário disso, o que vemos em nossos dias é uma insistente negação da fé cristã em diversos segmentos da sociedade. Malcom Muggeridge, o famoso jornalista britânico que abraçou a fé cristã em seus últimos anos de vida, disse o seguinte:

“Tornou-se claro na segunda metade do século 20 que o homem ocidental decidiu abolir a si mesmo. Estando cansado da luta para ser ele mesmo, ele criou seu próprio tédio fora de sua própria riqueza, a sua própria impotência fora de sua própria erotomania, sua própria vulnerabilidade fora de sua própria força; ele mesmo tocando a trombeta que faz com que as paredes de sua própria cidade se desmoronem, em um processo de autogenocídio, convencendo-se de que ele é muito numeroso e trabalhando em conformidade com a pílula, bisturi e seringas para se tornar menor, a fim de ser uma presa fácil para seus inimigos, até que, finalmente, tendo educado em imbecilidade, e poluído e se drogado em estupefação, ele se ajoelha perante um cansado, agredido e velho brontossauro e torna-se extinto”. [2]

Poderosa declaração! Pense por um momento nisto: mesmo diante de tamanho avanço tecnológico e da libertação de todas as correntes que impedem o prazer, é comum encontrarmos pessoas que andam quase em desespero em busca de algo que seja capaz de preencher o vazio do coração. Cientistas são incapazes de responder questões fundamentais da existência humana, como “Qual é o sentido da vida?” Líderes internacionais bem intencionados são quase descartáveis em uma sociedade que resolveu tornar a vida um inútil exercício diário. Assim como Oscar Wilde, muitos outros só se apercebem da necessidade de Deus após fracassarem suas tentativas de satisfação.

UM REI PODEROSO E UM CORAÇÃO VAZIO

O rei Salomão viveu por volta do ano 950 a.C. Três mil anos nos separam dele. Mas suas palavras, tão distantes no passado, ecoam em nossos ouvidos e nos trazem à mente sentimentos conhecidos de todos nós. Em seu livro *Eclesiastes*, setenta vezes ele utiliza a palavra “vaidade”, tradução do hebraico *hebel*, cujo significado tem a ver com vazio, nulidade, neblina. É assim que ele descreve a busca incessante pelo conhecimento (Ec 1:12-18); as riquezas (2:1-9); os prazeres (2:10, 11); o trabalho (2:17-26), entre outras realidades da existência humana.

Conhecido como o livro mais depressivo de toda a Bíblia, *Eclesiastes* reflete um momento específico da vida de seu autor. Ao começar a estabele-

cer alianças políticas com povos ao redor de Israel por meio de casamentos, Salomão afastou o coração dos princípios divinos (1Rs 11:1-4). Seu harém chegou a ter mil mulheres (v. 3), e ele prestou culto aos piores deuses cananeus (v. 5-8). Quanto mais o reino se expandia, maior se tornava o abismo no coração do monarca. Absolutamente nada produzido por mãos humanas ou sentimentos resultantes de prazeres carnavais seria suficiente para preencher o *hebel* (vazio) em seu íntimo. Uma vida oscilante entre o tédio e o desespero seria o destino do rei.

O INFINITO NO CORAÇÃO HUMANO

Refletindo sobre sua própria experiência, Salomão faz uma das declarações mais profundas de toda a Escritura: “Deus [...] colocou a eternidade no coração do homem” (Ec 3:11). O vocábulo hebraico *‘olam*, traduzido como “eternidade” nesse texto, também pode significar “infinito”. Portanto, o texto está dizendo que há um espaço infinito em nosso coração. A sede de significado e propósito para nossa existência não será saciada enquanto evitarmos olhar a face dAquele que nos chamou à vida. Oscar Wilde descobriu isso tarde demais.

Foi o famoso escritor irlandês C. S. Lewis quem escreveu: “As criaturas não nascem com desejos, a menos que exista satisfação para eles. Um bebê sente fome: bem, existe uma coisa chamada comida. Um patinho quer nadar: bem, existe uma coisa chamada água. [...] Se eu encontrar em mim mesmo um desejo que nenhuma experiência neste mundo pode satisfazer, a explicação mais provável é que fui feito para outro mundo”.^[3]

Uma vida vazia é precisamente o que temos quando nos encaramos no espelho de nossa existência. Não é mera coincidência que uma das mais conhecidas frases de Jesus seja “Vinde a Mim, todos os que estais cansados e sobrecarregados e Eu vos aliviarei” (Mt 11:28). O cansaço provocado por essa busca incessante só pode ser aliviado com a pessoa de Jesus Cristo. De maneira maravilhosamente bela, Malcom Muggeridge descreve a inutilidade do esforço humano no século passado e a contrasta com a simplicidade e relevância do Filho de Deus.

“Nós olhamos para trás na história, e o que vemos? Impérios se levantando e caindo. Revoluções e contrarrevoluções. Riquezas acumuladas e riquezas desperdiçadas. Shakespeare falou sobre a ascensão e queda dos grandes, que vão e voltam como a Lua. Eu ouvi um louco austríaco anunciar ao mundo a criação de um Reich alemão que duraria mil anos. Eu já vi um palhaço italiano dizendo que o calendário reiniciaria a partir da sua própria ascensão ao poder.

Eu vi a América mais rica e com mais poder militar do que o resto do mundo junto. Se os Estados Unidos tivessem desejado, eles poderiam ter superado César ou Alexandre em suas conquistas. Hitler e Mussolini estão mortos, lembrados apenas com infâmia. Stalin é um nome proibido no regime que ele ajudou a fundar e dominar cerca de três décadas. A América é assombrada pelo medo do término do precioso óleo que faz as estradas barulhentas.

“Tudo isso em uma geração. Tudo isso em uma geração. Tudo levado pelo vento! Por trás da poeira deixada pela queda dos nossos super-heróis, permanece a gigantesca figura de uma Pessoa. Por causa de Quem, por Quem, em Quem, e através de Quem a humanidade ainda pode ter paz: a pessoa de Jesus Cristo.”[4]

Jesus chama você para uma nova vida. Aceite-O hoje e descubra um novo mundo marcado pelo sentido que nenhum outro ser é capaz de lhe proporcionar! [LGA]

PERGUNTAS PARA DISCUSSÃO:

1. Quais são os principais motivos que impedem a pessoa de assumir um compromisso duradouro com Jesus Cristo?
2. Para saber mais sobre o verdadeiro batismo bíblico, leia as seguintes passagens: Romanos 6:3, 4, 10, 12; Gálatas 3:27; Mateus 28:20; Mateus 3:16; Atos 8:38; Colossenses 2:12; Marcos 16:16; João 3:5; Atos 2:38; Atos 22:16. Você já passou por essa experiência?
3. Casamento é uma demonstração pública do compromisso entre um homem e uma mulher. Batismo é uma demonstração pública da aceitação da fé cristã. Depois de receber diversas informações neste estudo, o que impede você de assumir um compromisso com a Verdade, por meio do batismo?

SAIBA MAIS:

- Ravi Zacharias, *Cries of the Heart* (Nashville, TN: Thomas Nelson, 2002).
- Ellen G. White, *Caminho a Cristo* (Tatuí, SP: Casa Publicadora Brasileira, 2004).

1. Boa parte das informações históricas de Oscar Wilde foram retiradas da obra *Sense and Sensuality: Jesus Talks With Oscar Wilde on the Pursuit of Pleasure*, de Ravi Zacharias (Multnomah, 2002).
2. Malcolm Muggeridge, *Seeing Through the Eye: Malcolm Muggeridge on Faith* (Ignatius Press, 2005), p. 16.
3. C. S. Lewis, *Mere Christianity* (Nova York: Harper Collins, 2001), p. 121.
4. Malcolm Muggeridge, *The End of Christendom* (Grand Rapids, MI: Eerdmans, 1980), p. 49, 50.